



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LUCY DA SILVA PINA NETA

**HELDER PESSOA CAMARA:
ELEMENTOS DE SEU PERFIL INTELECTUAL
A PARTIR DE SUAS BIBLIOTECAS**

RECIFE / 2013

LUCY DA SILVA PINA NETA

**HELDER PESSOA CAMARA:
ELEMENTOS DE SEU PERFIL INTELECTUAL
A PARTIR DE SUAS BIBLIOTECAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco
como um dos pré-requisitos para
obtenção do grau de Mestre em Ciências
da Religião.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

CO-ORIENTADOR:

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

P645h

Pina Neta, Lucy da Silva

Helder Pessoa Camara : elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas / Lucy da Silva Pina Neta ; orientador Luiz Carlos Luz Marques ; co-orientador Newton Darwin de Andrade Cabral, 2013.

94, [31] f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2013.

1. Religião. 2. Câmara, Hélder, 1909-1999. 3. Igreja. 4. Superiores Religiosos - Livros e leitura. I. Título.

CDU 92 CAMARA, HELDER

LUCY DA SILVA PINA NETA

**HELDER PESSOA CAMARA:
ELEMENTOS DE SEU PERFIL INTELECTUAL
A PARTIR DE SUAS BIBLIOTECAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco
como um dos pré-requisitos para
obtenção do grau de Mestre em Ciências
da Religião.

Banca Examinadora

Prof. Dr. **Luiz Carlos Luz Marques** – Presidente

Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Dr. **Gilbráz de Souza Aragão** – Examinador Interno

Universidade Católica de Pernambuco

Profª Drª **Margarida de Souza Neves** – Examinadora Externa

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Recife, 15 de abril de 2013

Às mulheres da minha vida

À minha família, vocês são a melhor parte de mim! A Lucy e Dilma por estarem comigo todos os dias! A Diana por ser meu esteio e meu colo. A Angélica e Luciana por acreditarem que um oceano não é nada, se comparado à nossa cumplicidade, carinho, respeito e admiração, *“if you need me call me, no matter where you are, no matter how far, just call out my name I’ll be there in a hurry¹”*. Ao meu tio, Preto, por todas as incontáveis horas em que nos divertimos juntos e pelas conversas na hora do jantar. Obrigada a todos vocês por me ensinarem o sentido e significado de ter uma família!

A Elizabete, Sílvia, Ivanil e Rubenita (*i.m.*) é sempre um prazer dividir qualquer momento com vocês! Ao meu avô, José Amâncio Pina, vovô Zeca, pelas horas tão agradáveis que nos distraímos jogando dominó!

Para chegar até aqui, se é que cheguei em algum lugar, precisei do apoio de muita gente, eles e elas são meus professores e amigos. Aos primeiros, agradeço na pessoa de Luciana Maria Moreira Zarzar, por ter despertado em mim o gosto pela história e por personificar, com amor e dedicação, a palavra professora. Aos meus amigos de todas as épocas, de todos os lugares, aqui, simbolicamente, representados nas pessoas de Bárbara Reis, Aramis Macêdo (*“meu chuchuzinho”*), Daniela Medeiros, Nicolý Andrade, obrigada por estarem comigo cada um a seu tempo e a seu modo!

Às pessoas que viabilizaram a construção dos últimos seis anos de minha vida profissional e, acima de tudo, pessoal!, às minhas queridas “chefas”: Bete, Lucinha, Cristina, Dilma e Célia que, de longe ou de perto, movimentam a minha rotina. Obrigada por abrirem muito mais do as estantes para a minha pesquisa, mais, também, seus corações! E aos senhores: “Déo”, Antonio Carlos e Roberto. Aos meus companheiros de trabalho: Maria Helena, Gercino e Maria José!

Ao grupo de pessoas que mais do que meus agradecimentos, tem um lugar cativo em meu coração, por terem dividido comigo suas memórias, seus arquivos, suas vidas! De tudo o que eu fiz, conhecer vocês foi o melhor que poderia ter me acontecido! A Maria Luiza Amarante, Marina Bandeira, Marina Araújo, Hilda Azevedo e Aglaia Peixoto, agora eu sei porque o Dom escolheu trabalhar com

¹ Trecho da música **Ain’t no Mountain high Enough**, composta por Nickolas Ashoford e Simpson Valeirie, em 1967. “Se você precisar de mim, me chame, não importa onde você esteja, não importa a distância, apenas chame o meu nome, estarei lá depressa” (Tradução livre da pesquisadora)

vocês! Ao melhor “pai-padre” do mundo, meu pai João Pubben, por ter incentivado sempre este trabalho. Quando eu penso em um Padre, não vejo outra imagem, que não seja o senhor!

A Suzana Saldanha, por haver me hospedado, acompanhado e mostrado o Rio de Janeiro! A Maria Cristina Luz Marques, quis o destino que eu ficasse em sua casa e, sua atenção e seus cuidados fizeram minha estadia em Curitiba ser agradável e inesquecível. Muito obrigada! Foi impossível resistir a vontade de ter uma avó assim!

Meus mais sinceros agradecimentos ao meu pai, Djalma Amâncio Pina, que está sempre comigo, foi o melhor homem com quem convivi. É o pai que conheci, que me amou desde que cheguei em casa, de quem sinto a saudade mais dolorosa. Trocaria tudo o que tenho por uns minutos em seu colo! Obrigada por incentivar meus estudos, por me ensinar o valor inestimável dos livros!

A Newton Cabral, professor, co-orientador e amigo, obrigada pela paciência, pelas correções, pelos conselhos, que nem sempre consigo seguir, mas sei que todos são para o meu bem! Obrigada também por todas as caronas, espero um dia poder pagá-las!

A Luiz Carlos, pela orientação, pelas conversas, pelos cafés, pelas caronas, pelos trabalhos extras – à moda Jack Bauer – pelas brincadeiras, por dividir sua família comigo, por ser confidente, amigo, e, nas horas vagas, pai! Espero que o senhor se veja refletido aqui.

Ao Dom Helder Camara por haver dado um rumo a minha vida profissional e por me ensinar, diariamente, a ser verdadeiramente uma cristã!

Por último, agradeço a Deus, por ter colocado todos esses anjos em minha vida!

À Universidade Católica de Pernambuco, ao Programa de Mestrado em Ciências da Religião e à CAPES, pelo respaldo institucional e apoio financeiro.

Toda a Humanidade é feita de único autor e pertence a um único volume; quando um homem morre, um capítulo não é retirado do livro, mas sim traduzido para uma linguagem melhor, e cada capítulo desse modo será sempre traduzido. Deus se vale de vários tradutores; algumas peças são traduzidas pela idade, algumas pelas doenças, algumas pelas guerras, outras pela justiça, mas a mão de Deus está sempre em toda forma de tradução, e Sua mão sempre ata todas as folhas dispersas para que a biblioteca, onde todos os livros se encontram em paz, possa se abrir para os outros.

(John Donne – *Meditações*, p.103)

RESUMO

Um homem para quem os livros representavam mais do que um passatempo e foram, sobretudo, “ambiente” de reflexão, a partir dos quais podia colher ideias, montar esquemas, aperfeiçoar discursos. As estantes da biblioteca pessoal de Dom Helder revelam muito mais do que os hábitos de leitura de um religioso, revelam, antes de tudo, as ambições e as necessidades de um homem em busca de respostas aos desafios que a história lhe impôs. A presente dissertação pretende apresentar a figura de Helder Pessoa Camara enquanto “leitor”, acreditando que o estudo do seu “ser leitor” pode revelar muito sobre sua envolvente personalidade. Pode-se afirmar também que as ações, as propostas e a própria figura humana e cristã dele deixaram marcas profundas na estrutura do Campo Religioso Brasileiro, ultrapassando as barreiras entre as instituições e as ideologias que o compõem. Em vista disso, esta pesquisa parte da suposição que o seu método e sua constância na leitura foram um dos fundamentos da sua complexa personalidade e vigorosa atuação, em todas as três fases de sua vida: Ceará (1909 a 1936), Rio de Janeiro (1936 a 1964) e Recife (1964 a 1999).

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Pessoal; Coleção Particular; Livros; Religião

ABSTRACT

A man for whom the books represented more than a hobby and were mainly "environment" of reflection, where I could gather ideas, build outlines, perfect speeches. The shelves of the library staff of Dom Helder reveal much more than the reading habits of a religious, fall, first of all, the ambitions and needs of a man in search of answers to the challenges that history has imposed. This thesis present Helder Pessoa Camara figure as a "reader", believing that the study of "being a reader" can reveal a lot about your personality surrounding. One can also say that the actions, proposals and even human figure and his Christian left deep marks in the structure of Brazilian Religious Field, surpassing the barriers between institutions and ideologies that comprise it. In view of this, this research starts from the assumption that their method and their constancy in reading were a cornerstone of his complex personality and strong performance in all three phases of his life: Ceará (1909 - 1936), Rio de Janeiro (1936 - 1964) and Recife (1964 - 1999).

KEYWORDS: Personal Library, Private Collection, Books, Religion

LISTA DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

- Coleções particulares:

Arquivo particular de João Pubben, Padre.

Arquivo particular de Luiz Carlos Luz Marques

Arquivo particular de Maria Luiza Amarante

Arquivo particular de Marina Bandeira

Coleção particular de fotos de Daniel Sigal.

- Arquivos de consulta pública:

Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara – CEDOHC

Arquivo do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda – UERJ

Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01: Foto de Helder Camara na sua Primeira Comunhão, Igreja da Prainha - Fortaleza, 28 de setembro de 1918	96
IMAGEM 02: Foto do recém-ordenado sacerdote, em 1931	96
IMAGEM 03: Cópia do telegrama enviado pelo Pe. Helder ao Prof. Lourenço Filho, em 23 de novembro de 1935	97
IMAGEM 04: Foto do Pe. Helder, em 1952	97
IMAGEM 05: Cópia da carteira da Biblioteca Central de Educação de Pe. Helder	98
IMAGEM 06: Foto de Dom Helder numa das sessões do II Período Conciliar, Roma 1963	98
IMAGEM 07: Foto de Dom Helder Camara paramentado como Arcebispo de Olinda e Recife	99
IMAGEM 08: Foto de Dom Helder trabalhando em Recife, 1970	99
IMAGEM 09: Capa e primeira página do caderno de anotações, "Regra do Apostolado Oculto"	100
IMAGEM 10: Cópia da foto de Virgínia Cortes de Lacerda	100
IMAGEM 11: Foto de Dom Helder com Alceu Amoroso Lima	101
IMAGEM 12: Foto de parte das estantes da Biblioteca Carioca, de Pe. Helder Camara	101
IMAGEM 13: Foto de parte das estantes da Biblioteca Recifense, de Dom Helder Camara	102
IMAGEM 14: Foto da mesa de trabalho, na residência de Dom Helder em Recife, Igreja das Fronteiras	102
IMAGEM 15: Capa do livro: Diário íntimo de uma adolescente, de Aníbal Ponce. Lido e anotado por Pe. Helder e Virgínia Cortes de Lacerda em janeiro de 1944	103
IMAGEM 16: Anotações manuscritas feitas por Pe. Helder (destacas em verde) e Virgínia Côrtes de Lacerda (destacadas de azul claro) nas margens das páginas 16 e 17 do livro de Aníbal Ponce, "Diário íntimo de uma adolescente"	103
IMAGEM 17: Foto de Dom Helder com o cardeal Giovanni Battista Montini, em visita aos moradores da favela do Pinto, junho de 1960	104
IMAGEM 18: Foto de Dom Helder durante a audiência com o Santo Padre Paulo VI, em 25 de outubro de 1974, ao terminar o 3º Sínodo dos Bispos	104
IMAGEM 19: Capa do livro: Diálogos com Paulo VI, de Jean Guitton, lido e anotado por Dom Helder em junho de 1969	105
IMAGEM 20: Anotações manuscritas feitas por Dom Helder nas margens das páginas 26 e 27 do livro, de Jean Guitton, "Diálogos com Paulo VI"	105

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AOR – Arquidiocese de Olinda e Recife.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEDOHC – Centro de Documentação Dom Helder Camara

CEI – Congresso Eucarístico Internacional.

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano

CENDHEC – Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

IDHEC – Instituto Dom Helder Camara.

ITER – Instituto de Teologia do Recife

LEC – Liga Eleitoral Católica

O. Carm. – Ordem Carmelita

OSB – *Ordo Sancti Benedicti*.

REB – Revista Eclesiástica Brasileira

SERENE II – Seminário Regional do Nordeste II

SJ – *Societas Iesu*.

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – ELEMENTOS PARA UM PERFIL INTELECTUAL DE HELDER PESSOA CAMARA	21
1.1 O intelectual vai à capital federal: a vida de Pe. Helder entre os anos de 1936 e 1964	30
1.2 A transferência para a Arquidiocese de Olinda e Recife	37
CAPÍTULO II – UM HOMEM, SUAS BIBLIOTECAS: A CONTRIBUIÇÃO DOS LIVROS PARA A FORMAÇÃO DOS “DONS”	46
2.1 Um intelectual à moda carioca: a Biblioteca Rio do Pe. Helder Camara	49
2.2 Os livros do arcebispo: a biblioteca Recife de Helder Camara	56
CAPÍTULO III – O PADRE, UM LEITOR	65
3.1 As Anotações de Pe. Helder e Virgínia a Aníbal Ponce: <i>o diário íntimo</i> de dois intelectuais	67
3.2 Um Papa, um Bispo e um Leigo: os diálogos entre Paulo VI, Helder Camara e Jean Guitton	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	
ANEXO (A) – Caderno de ilustrações	96
ANEXO (B) – Cópia do artigo da REB: “Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo”, setembro de 1941	106
ANEXO (C) – Cópia da correspondência enviada pelo cardeal Giovanni Benelli a Dom Helder Camara	121
ANEXO (D) – Cópia do discurso “Quaisquer que sejam as consequências”, pronunciado em Paris, 1970	122

INTRODUÇÃO

“*Faça-se a luz!*” ... Em virtude dessa ordem do Senhor procederam as letras e as palavras, segundo a interpretação cabalística. Deixar registros para gerações futuras, das memórias de uma época, é um dos aspectos aos quais se credita a perpetuação do homem sobre a Terra. Antes, as memórias orgânicas² eram transmitidas pela linguagem oral e se perdiam no tempo. Depois, as memórias foram registradas em suportes mais resistentes, as bases minerais, em *tabuinhas* de argila ou esculpidas em pedra. Deste modo, a memória social enriqueceu-se de aspectos simbólicos, as imagens colocadas em locais determinados ajudaram a formar a consciência da memória coletiva, da história de um grupo. Mas, a memória sobre a qual esta pesquisa pretende debruçar-se é a memória vegetal, aquela grafada em papel, em livros³. Em último caso, a memória é a própria história, e para cada forma de transmiti-la foi necessário encontrar um lugar próprio para preservá-la. Nesse contexto, para guardar os pergaminhos, papiros, tábuas de argila e os livros surgiram às bibliotecas, estas, nas palavras de Umberto Eco não são apenas o acumulado de livros, elas são “um organismo vivo, com vida autônoma” (ECO, 2011, p. 46-47)

A palavra biblioteca, originalmente grega, deriva da expressão *depósito de livros*. Pode ser entendida, atualmente, como espaço físico ou virtual onde se guardam livros, revistas, documentos e informações de um modo geral, sejam elas sob a forma de papel ou digitalizadas. Comuns entre as civilizações antigas⁴, na Idade Média associadas às instituições religiosas como mosteiros e catedrais, por exemplo, as bibliotecas só passaram a ter um caráter intelectual laico a partir do século XII, com o surgimento das primeiras universidades. Este último “modelo” promoveu a democratização da informação e a especialização em diversas áreas do conhecimento. Deriva dele o modelo ainda mais específico, a biblioteca pessoal, cuja imagem refletida nas estantes é a de seu proprietário.

² “Aquela registrada e administrada pelo nosso cérebro”, segundo Umberto Eco (2011, p. 14)

³ Etimologicamente, a palavra livro deriva da palavra latina *liber* que significa parte interna da casca das árvores.

⁴ A biblioteca mais famosa foi a de Alexandria, cujos primeiros registros históricos remontam à Dinastia Ptolomaica. Entre o séc. III a.C. e o séc. IV d.C. foi considerada o centro da cultura mundial. Apesar de se creditar a esta biblioteca maior relevância que as demais, também possuíram bibliotecas os babilônios, egípcios, persas, chineses e os árabes.

A história da cultura, entre outras possíveis abordagens científicas para o tema, tem produzido estudos em duas direções: uma voltada para a memória coletiva, a história do cotidiano e das bibliotecas coletivas. Deste modo, procura entender e descrever um grupo social⁵, um recorte geográfico-temporal mais abrangente. A outra direção, mais restrita, dedica-se às aquisições pessoais de intelectuais específicos⁶, o particular projeta a realidade que o rodeia, de tal modo que os fatos históricos vão se incorporando à formação do leitor, indicando que, possivelmente, suas escolhas literárias também são um reflexo deste contexto no qual ele está inserido. O acervo de uma biblioteca pessoal contribui diretamente para formação do pensamento crítico de seu proprietário, uma vez que nela estão obras que fizeram parte da construção do seu conhecimento.

Sem a pretensão de descrever uma época ou um grupo de pessoas, os manuscritos e os livros sobre os quais esta pesquisa se propõe a refletir formam um conjunto pessoal. Elas indicam o gosto particular de um padre nordestino que viveu durante o século XX, entre o Sudeste e o Nordeste do Brasil. A respeito da memória de si, em 1943⁷, ele escreveu: “passarei pela vida sem deixar nenhum sinal mais forte, marca nenhuma duradoura e inesquecível. [...] Escreverei uns artiguinhos quaisquer [...] Talvez deixe uns dois livros. [...] Pregarei alguns sermões mais ou menos louvados. E morrerei.” (CAMARA, 2004 p. VII).

Helder Pessoa Camara é o leitor e proprietário das bibliotecas sobre as quais este trabalho assenta suas bases. Para entendê-lo e contextualizá-lo foram considerados neste estudo não apenas sua formação escolar e profissional, mas, sobretudo a relação que, ao longo da vida, ele desenvolveu com os livros. O objetivo é apresentar o Helder leitor, pouco conhecido do grande público, para quem os livros representaram muito mais do que uma fonte de informações. Para que a imagem a

⁵ Ver a este respeito: CERTEAU, Michel de; GIRARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Hucitec, 1992. PETIT, Michelè. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: E. 34, 2009. SCWARCZ, Lilian Mortiz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁶ Neste sentido, indica-se as leituras: FREIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do Cônego**. Belo Horizonte: Livraria Cultural Brasileira, 1945. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. RAYBACK, Timothy W. **A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁷ Manuscrito **A escolha de Deus**.

ser projetada seja a mais próxima da realidade intelectual e cultural em que o Pe. Helder estava inserido, outras fontes primárias formam, junto com os livros, o eixo documental desta pesquisa. São elas as anotações manuscritas feitas por ele, sobre os mais variados suportes produzidos, sobretudo, a partir da década de 1960 e extensivas até a primeira metade da década de 1980.

Formam parte do conjunto de manuscritos: as cartas, as meditações, os discursos, as anotações às margens das páginas dos livros e as anotações encadernadas. As cartas são, desse conjunto, a parte mais rica, no sentido de que apresentam um panorama mais amplo e analítico a respeito da construção da memória que Helder Camara faz de si. Já foram recuperadas duas mil cento e vinte e duas cartas escritas durante, aproximadamente, duas décadas, numa periodicidade quase diária.

As principais características das cartas são: primeiro, elas são circulares, um tipo de correspondência destinada a um grupo de pessoas. Dom Helder passa a nominá-las assim a partir da terceira carta. Segundo, elas seguem um padrão específico: um cabeçalho curto com local e data, geralmente, trata-se da passagem de dia para o outro, porque elas eram, normalmente, escritas durante as vigílias noturnas; seguido de uma saudação ao grupo de destinatários, à *Família do São Joaquim*⁸. Em 1964 o autor optou, depois de várias mudanças, por chamar o grupo de *Família Mecejanense*, conforme escreveu na 63ª Circular, datada de 04 para 05 de novembro de 1964, “*sabem que a Família, sem prejuízo do encanto pelo Papa João, preferiu manter o nome antigo?... Já, então não mudaremos mais: in aeternum, Mecejanense!*” (CAMARA, 2009b, p.281).

Também estão indicados no cabeçalho a *memória* que animou a vigília, seja ela o nome de um santo ou uma santa, as intenções das orações daquela madrugada, a organização de viagem futura ou de uma atividade próxima. De todos os modos é preciso afastar a falsa impressão que se pode ter ao pensar que a

⁸ O uso do termo *família* pode ser interpretado como uma forma afetiva de tratar o grupo de amigos e colaboradores que trabalharam com ele durante os anos em que viveu no Rio de Janeiro, entre 1936 e 1964. Já a expressão “São Joaquim” é o nome do palácio episcopal, residência oficial da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, local onde eles trabalhavam. Ao ser transferido para a Arquidiocese de Olinda e Recife este vocativo mudou, variando entre: “Família de Mecejana”, “Família Mecejanense”, “Família Mecejanense e Olinda-Recifense”, “Família Joânica” e “Família Giovanina”, credita-se essas mudanças a ampliações no grupo dos destinatários, que passaram a mesclar colaboradores do Rio de Janeiro, de Olinda e de Recife.

memória da vigília possa indicar o tema da circular, esta interpretação não é correta, pois, conforme será mostrado adiante os temas abordados nas circulares são diversificados e, uma única carta pode conter tantos assuntos quantos podem dar conta da agenda de atividades de um arcebispo.

No que concerne à disposição das informações no papel, destacam-se, entre tantos aspectos os seguintes: todas as cartas são numeradas e paginadas, a numeração das cartas segue, por exemplo, o contexto histórico eclesial em que foram escritas. Durante as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), são chamadas, pelo próprio autor, de Circulares Conciliares; as que foram escritas nos meses das interseções do terceiro e quarto período conciliar, são as Inter-Conciliares. As escritas depois do último período conciliar, a partir de 1965, recebem o título de Pós-Conciliares, até a vigília de 23 de março de 1970, quando elas passam a ser tituladas como, “abertura da AJP⁹ para o plano mundial” (CAMARA. Circular nº27/1970. fl. 01. Manuscrito inédito).

As cartas conservam uma margem à esquerda, o que não se repete em nenhuma das outras três extremidades da folha, talvez este fato indique que conscientemente ele desejava que as cartas fossem arquivadas, mas do que simplesmente guardadas. Outra característica é que as cartas possuem seções, o que facilita a leitura e a compreensão do texto. As primeiras linhas são dedicadas a informar sobre as atividades do cotidiano do arcebispo, são visitas pastorais, retiros, reuniões com párocos, ou seja, as atividades ligadas à arquidiocese. Esta seção acaba por informar os bastidores do episcopado de Dom Helder e, algumas vezes, suas angústias, suas ideias e suas aspirações¹⁰.

Logo abaixo das informações cotidianas, surgem os assuntos relacionados às atividades programadas, são as viagens e as conferências. Aqui fica

⁹ AJP são as iniciais de Ação Justiça e Paz, uma referência à Comissão Pontifícia Justiça e Paz criada, em janeiro de 1967, pelo Papa Paulo VI, com o objetivo de promover estudos dos problemas relacionados à justiça social, a fim de contribuir para o desenvolvimento das nações. A respeito das atividades da Comissão de Justiça e Paz ligadas a Dom Helder Camara recomenda-se a leitura de: PAZ, Jailson Sousa da. **Cristãos e comunistas, uma só defesa: história da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife (1977-1980)**. 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

¹⁰ “**A reunião do Setor Paroquial do Cabo** foi uma das melhores. [...] O grupo todo concluiu que o trabalho mais urgente no Setor é o trabalho catequético a quilômetros e quilômetros do mero catecismo aprendido de cor... Sonham com Catequistas que se entrossem com o povo, suscitem líderes, organizem a Comunidade...” (CAMARA, 2009d, p.115). Trecho da 37ª Circular, escrita em Recife, na madrugada do dia 23 para o dia 24 de junho de 1964.

claro todo o trabalho que existe por trás do orador que foi Dom Helder, porque ao ler as cartas tem-se a certeza de que seus discursos e, em alguns casos, suas opiniões pessoais são fruto de uma construção coletiva, de intensiva troca de correspondências, embora não se tenham conservado as respostas às circulares enviadas por ele. Conforme ele escreveu na circular Pós-Conciliar nº 145, datada da madrugada do dia 05 para o dia 06 de setembro de 1966, “como método de trabalho, gosto de partir de um Esquema, que, depois, os Amigos completam, corrigem e aprimoram; e as leituras alargam e enriquecem.” (CAMARA, 2012b, p. 165).

Tomando como ponto de partida está informação da circular supracitada, sustenta-se, neste trabalho, que Dom Helder foi um intelectual tal como descreveu Gramsci (1985), ou seja, como aquele que sabe e compreende, age e ensina, aproximando-se do povo para sentir suas necessidades e, integrando-se com ele, constrói uma nova visão de mundo. Afastando-se, diametralmente, do pedantismo característico do intelectual tradicional que está absorto numa concepção do mundo superior, científico e coerentemente elaborada, longe da realidade concreta.

O último aspecto a destacar das cartas são os *esquemas de leituras*, que são observações e resumos das obras lidas e anotadas por Dom Helder. Estes formam, junto com as anotações que ele fez nas margens dos livros, os fios condutores que possibilitarão a descrição e análise do intelectual. Originalmente, se supunha que os destinatários das circulares ao recebê-las junto com os livros anotados por Dom Helder faziam reuniões de leituras coletivas e discussões a respeito das obras. No entanto, está suposição foi afastada, porque de acordo com uma das destinatárias, Maria Luiza Amarante¹¹, era difícil acompanhar o ritmo intelectual de Dom Helder; eram muitos livros, com temas muito diversificados, lidos em um curto espaço de tempo. Deste modo, o trabalho de formação intelectual da *Família* dependia mais do esforço e da qualidade dos esquemas de leituras e resumos feitos por Dom Helder do que dos livros, propriamente ditos. A única ressalva a esta constatação, aconteceu na década de 1940 quando ele ainda morava no Rio de Janeiro e trocava livros anotados com Virgínia Cortês de Lacerda

¹¹ AMARANTE, Maria Luiza. **O homem e sua biblioteca**. Rio de Janeiro, 08 de jul. 2011. (Entrevista inédita)

Retomando a descrição do conjunto de manuscritos tem-se as meditações, que são textos curtos, geralmente, de conteúdo místico. Surgem sem um lugar específico, muitas foram escritas nas margens das páginas dos livros, outras surgem no corpo do texto das circulares. Posteriormente, essas meditações foram incorporadas a outros escritos como os discursos e os programas de rádio¹²;. O hábito de escrevê-las remonta aos tempos de formação no seminário¹³; muitas são assinadas por pseudônimos¹⁴. Hoje, sabe-se que eles indicam variações da personalidade místico-literária de Dom Helder, dentre eles, o mais recorrente é “Pe. José”. Contam-se mais de sete mil meditações, algumas já publicas em livros¹⁵.

As meditações ressaltam o gosto pelo texto mais livre e poético, algumas vezes, ele as escreveu a partir alguma leitura prévia, costumava indicar essa prática com a expressão “Pe. José anda lendo”. Outras vezes, a partir de experiência do cotidiano, neste caso, a meditação aparece dentro do contexto de comentários, sem anúncio prévio. Não raro, elas estendem-se por muitas páginas, vários pequenos textos, que em determinado momento chegam a preocupar Dom Helder, porque não desejava comprometer a *função* das circulares, conforme ele escreve na 54ª circular, escrita em Recife na madrugada de 28 para 29 de novembro de 1972, “fico-me perguntando se Circular com Padre José é Circular... É verdade que meditação é testemunho do que é visto, ouvido, meditado, vivido... Mas entro demais nas Meditações...” (CAMARA. Circular nº 54/1972, fl. 03. Manuscrito inédito).

Os dois últimos conjuntos de manuscritos que foram consultados para o desenvolvimento desta pesquisa são: as anotações encadernadas, escritas durante a década de 1940 e 1950 e, as marcações feitas nas margens das páginas dos livros das bibliotecas pessoais de Dom Helder. Das anotações encadernadas foram consultadas, principalmente, o caderno com as *Regras do Apostolado Oculto* e dois outros cadernos com índices biográficos de Santos da Igreja. Esses cadernos foram escolhidos porque ajudam a entender a relação com os modelos apostolado e de vida adotados pelo Pe. Helder.

¹² Durante as décadas de 1970 e 1980, Dom Helder foi o condutor de dois programas diários na Radio Olinda, *Pausa para uma Prece* e *Um olhar sobre a Cidade*.

¹³ PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 59 - 61.

¹⁴ Ver nota 18 em: MARQUES, 2004 p. XXXVIII.

¹⁵ CAMARA, Helder. **Mil razões para viver**: meditações do Pe. José. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. **Nossa Senhora no meu caminho**: meditações do Pe. José. São Paulo, Paulinas, 1981.

Das marcações feitas nas margens das páginas dos livros, dois tipos são os mais comuns: primeiro, as linhas horizontais e verticais feitas, geralmente, para destacar linhas e parágrafos, respectivamente, dentro do corpo do texto. E, as anotações sob a forma de comentários, críticas, memórias de vida e meditações. Essas notas junto com os esquemas de leituras propostos nas circulares, no caso específico da biblioteca Recife, ajudam a recompor aquele que, possivelmente, foi o caminho intelectual percorrido por Dom Helder. Já as anotações feitas nos livros que compõe a biblioteca carioca apresentam dupla autoria, os comentários e as memórias pertencem ao Pe. Helder e a Virgínia Côrtes de Lacerda. Juntos, eles estabelecem com os textos lidos elementos que possibilitam, assim como os esquemas de leitura das circulares, a reconstrução do perfil intelectual do Pe. Helder.

Os livros, com suas respectivas anotações manuscritas, serão interpretados neste trabalho, do ponto de vista metodológico, segundo o conceito de Mikhail Bakhtin (2007) de interdiscursividade, como fios que integram o discurso, cujo foco está na forma como os discursos são construídos. Busca-se, neste caso, uma dinâmica interna que prima pelo conteúdo, sua repetição e sua forma de explanação, a partir de um discurso preexistente.

Para entender esses *interdiscursos* e esse *intelectual* é necessário contextualizá-lo e caracterizá-lo quanto à sua formação cultural. É este o intuito do primeiro. A ideia é indicar elementos para a construção de uma biografia bibliográfica, indicando não apenas o que Dom Helder lei e anotou, mas, também, o que publicou e com quem costumava relacionar-se intelectualmente. Sua vida foi dividida em três grandes períodos, que mais do que uma época denotam o lugar o onde ele viveu. São elas: *Fortaleza e a formação sacerdotal (1909 – 1936)*; *O jovem Padre Helder e o Rio de Janeiro, (1936-1964)*; *Recife e o Arcebispo (1964-1985)*¹⁶.

O segundo capítulo apresentará as bibliotecas pessoais: uma ilustrativa dos anos em que viveu no Rio de Janeiro e, a outra, dos anos que morou em Recife. Elas indicam os caminhos literários e de maturação pelos quais percorreram Dom Helder. As escolhas literárias e as relações com os autores de algumas destas

¹⁶ 1985 foi o ano em que Dom Helder tornou-se arcebispo emérito. Depois de sua aposentadoria optou por continuar morando em Recife, nos fundos da Igreja das Fronteiras, até o ano de sua morte, 1999.

obras, são significativas, na medida em elas podem ser a chave para entender como um homem cujas atribuições pastorais e burocráticas, pertinentes à função de arcebispo, foi sensível o suficiente para deixar-se levar pelas meditações e poemas, e enérgico, na mesma medida, para escrever sobre temas conflitantes como o ecumenismo, a política, a economia. Uma escolha não invalida a outra, mas indicam uma largueza de facetas¹⁷ e a capacidade de contemplar, intelectualmente, assuntos e realidades dispares.

O terceiro capítulo está reservado às observações sobre o intelectual e sua relação com os livros, o intuito é apresentar como estes moldaram a atuação do padre no decorrer de seu amadurecimento intelectual, pois parte-se da suposição de que o ser leitor é o que impulsionou as demais facetas por dar-lhe o apoio teórico necessário ao desenvolvimento prático de suas principais idealizações.

O objetivo desta pesquisa é apresentar elementos para uma reconstrução histórica do perfil intelectual de Helder Pessoa Camara. Sem a pretensão de encerrar o tema e extinguir as discussões, mas de indicar novas possibilidades de análise dessa figura humana que marcou profundamente a estrutura do campo religioso brasileiro, ultrapassando as instituições e as ideologias as compõem.

¹⁷ A expressão *faceta* foi usada pelo Prof. Luiz Carlos, para ilustrar as atitudes de Dom Helder Camara durante o Concílio Vaticano segundo, a este respeito ver: MARQUES, Luiz Carlos Luz. As muitas facetas da “figura conciliar” de Dom Helder Camara. In: **Helder, o Dom**. Zildo Rocha (Org.). Petrópolis: Vozes, 1999. 112-122p.

1. ELEMENTOS PARA UM PERFIL INTELECTUAL DE HELDER PESSOA CAMARA

“Os que madrugam no ler, convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é um armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas”. (Rui Barbosa – Oração aos Moços, p.63)

Um “transformador reflexivo” tal como sugeriu Rui Barbosa, esta é a imagem que se pretende associar a Helder Pessoa Camara nesta pesquisa. Para que ela se componha, optou-se por apresentar, neste capítulo, um perfil biográfico, baseado em informações que ajudam a compreender a formação crítica de suas ideias. A partir do que ele leu e anotou, distribuído por aquelas que ele mesmo indica como sendo “as grandes etapas” da sua vida: “Fortaleza (de 1909 a 1936); Rio de Janeiro (de 1936 a 1964); Recife (de 1964 a 1974 e até quando o Pai quiser)” (CAMARA. Circular nº 208/1974, fl. 01. Manuscrito inédito).

Oferecer elementos para a construção de um perfil intelectual significa indicar um caminho alternativo para compreender aspectos da atuação e do comportamento de Dom Helder. Para escrevê-lo foram levados em consideração as impressões pessoais do padre a respeito de fatos históricos e elementos culturais, somados a alguns trabalhos biográficos já publicados como, os de Nelson Piletti e Walter Praxedes¹⁸, os artigos reunidos por Zildo Rocha em: *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*¹⁹ e as notas introdutórias²⁰ feitas às

¹⁸ A primeira edição da biografia escrita pelos historiadores, Praxedes e Piletti, cujo título é **Dom Hélder Camara: entre o poder e a profecia**, foi publicada pela editora paulista Ática, em 1997. A segunda edição, revisada a partir da publicação das circulares conciliares em 2004, que indicou entre outros detalhes a correção da grafia do nome do biografado. e ampliada. E ampliada pela adição do capítulo: “*A grande viagem*” que descreve a morte de Dom Helder foi publicada, em 2008, pela editora, Contexto, sob o título de: **Dom Helder Camara: o profeta da paz**.

¹⁹ Publicado em 1999, pela Editora Vozes, o livro reúne textos de Dom José Maria Pires (arcebispo emérito da Paraíba), Roger Garaudy (intelectual e político francês), Dom Paulo Evaristo Arns (cardeal e arcebispo emérito de São Paulo), Padre José Complin (sacerdote e teólogo belga), Padre José Oscar Beozzo (sociólogo e historiador), Prof. Luiz Carlos Luz Marques (historiador), para citar alguns autores. A diversidade de autores expõe, igualmente, uma diversidade de facetas e experiências que indicam matizes de Dom Helder ao longo de sua vida.

circulares que apresentam um panorama ampliado do conjunto de manuscritos, a partir do contexto que foram produzidos. Das publicações internacionais, são representativos os trabalhos do jornalista francês José de Broucker²¹. As publicações revisadas oferecem as primeiras informações para esta reconstrução biográfico-intelectual de Helder Camara. Este capítulo pretende apresentar elementos complementares a esta perspectiva.

Os primeiros anos, ou a fase cearense, incluem momentos da infância, a ordenação sacerdotal até a sua transferência para a cidade do Rio de Janeiro. A segunda fase, a carioca, explora a experiência na burocracia da educação brasileira, suas relações intelectuais – os encontros com escritores, músicos, pintores-, as atividades no Palácio de São Joaquim e os primeiros períodos do Concílio Ecumênico Vaticano II. A última fase, a recifense, apresentará os anos que esteve à frente do governo da Arquidiocese de Olinda e Recife, a participação nos dois últimos períodos conciliares, os difíceis anos da ditadura militar e até a nomeação de seu sucessor, Dom José Cardoso Sobrinho, O. Carm, em 1985²².

Os fatos que serão descritos neste capítulo estão, em sua maioria, escritos nas circulares enviadas por Dom Helder à Família Mecejanense. Eles são, neste caso, uma memória que o autor faz de si, uma reconstrução seletiva dos fatos. Em vista disso, do ponto de vista metodológico, optou-se por completar, conferir e certificar essas memórias com outras fontes históricas como os livros, os arquivos de entrevistas²³ e os periódicos.

²⁰ As notas às circulares conciliares ficaram à cargo do prof. Dr Luiz Carlos Luz Marques e a revisão das transcrições com Roberto Faria. As notas às inter conciliares e pós-conciliares são assinadas por Zildo Rocha e a revisão das transcrições à cargo de Daniel Sigal.

²¹ As entrevistas concedidas por Dom Helder a De Broucker foram reunidas em **Les Conversions d'un évêque**: entretiens avec José de Broucker (1977). Antes havia apresentando uma postura mais politizada e evangelizadora, ao publicar **La violence d'un pacifique (1969)**. Sua última publicação foi em 2005 quando produziu um livro comentando algumas circulares de Dom Helder, cujo título é **Les nuits d'un prophète**: Dom Helder à Vatican II: Lecture des circulaires de Dom Helder Camara (1962-1965), pela editora Cerf.

²² Frei carmelita natural de Caruaru (PE), nascido em 30 de julho de 1933, ordenado sacerdote em abril de 1957 e consagrado bispo em maio de 1979, assumiu a diocese de Paracatu (MG). Sobre sua vida sugere-se a leitura de: COSTA, Elcias Ferreira da. **Dom José Cardoso Sobrinho**: a vitória da fé. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

²³ Foram consultados para a elaboração deste trabalho os arquivo de audiovisual do Instituto Dom Helder Camara, sobretudo, duas coleções, as das entrevistas concedidas por Dom Helder aos mais diversos meios de comunicação e, as das entrevistas concedidas pelas sobreviventes da Família do São Joaquim ao acervo institucional do IDHeC.

Helder Camara nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, em 07 de fevereiro de 1909. Foi o décimo primeiro filho de João Eduardo e Adelaide²⁴. Das brincadeiras, que talvez sejam as secretas raízes de suas paixões durante a vida: o sacerdócio, a cultura e a educação. Lembra-se: de celebrar missas em altares feitos com caixas de papelão, de jogar futebol, com o irmão Mardônio, no corredor da casa onde morava e das sessões de *contação de histórias*, ele as fazia para algumas crianças que moravam perto de sua casa.

As primeiras instruções formais foram recebidas em casa, como ele mesmo recorda, “nascemos dentro de uma escola. Esta é a secreta raiz de uma enorme simpatia e de grande amor pelas professoras primárias, cujo trabalho dinheiro nenhum seria capaz de pagar.” (CAMARA. Circular nº 208/1974. fl. 02. Manuscrito inédito). Durante os primeiros anos da república brasileira, como não havia prédios escolares suficientes, as professoras recebiam uma ajuda de custo que, somada ao salário, deveria cobrir os gastos do aluguel de uma casa maior onde pudesse, ao mesmo tempo, residir e funcionar a escola, eram escolas públicas em casas privadas. Adelaide foi a primeira professora de seus filhos, e quanto a isso mostrou-se exigente. Tanto que Helder recorda o dia em que não conseguiu terminar a leitura do quinto livro indicado por sua mãe. E, diante da insistência dela, ele não consegue atender ao seu pedido e começa a chorar. Ela o chama e lhe entrega um *santinho* de São Geraldo no verso escreveu: “ao meu querido filho Helder, de quem estou exigindo um esforço acima de suas forças, afetuosamente...” (CAMARA. Circular nº 201/1974. fl.05. Manuscrito inédito).

Das memórias de suas experiências religiosas, associa as mais antigas à figura materna. A ela credita uma fé que se aprendia e se transmitia em palavras e, sobretudo, em atos. Adelaide dedicava-se aos filhos e aos alunos, saía pouco de casa, geralmente, para as missas e festas religiosas. Da moral que ensinou aos seus filhos uma lição marcou profundamente o futuro padre, que se perguntava:

²⁴ João Eduardo Torres Camara Filho era contabilista da empresa de exportação Boris Frères & Cia e escritor de críticas teatrais do jornal cearense *A República*. Adelaide Pessoa Camara diplomou-se professora no curso de formação da Escola Normal. Ela fez parte dos primeiros grupos de mulheres que prestaram concurso público para as vagas de professoras isoladas (professoras que ministravam aulas, em suas próprias casas, a pequenas turmas mistas de alunos). Juntos, João e Adelaide tiveram treze filhos, seis faleceram quando ainda eram crianças.

Quem ensinou à Mãezinha a largueza de visão que ela tinha, a uma distância enorme do moralismo que em tudo descobria pecado?... Eu era ainda criança quando, um dia, ela me disse: “Você encontrará quem pense que isto aqui (e apontava o rosto) foi feito por Deus; isto (e apontava os seios), não se sabe; mas isto (e apontava a região dos rins), certamente foi criado pelo Diabo”. E concluía: “Não acredite, meu filho: da cabeça aos pés, fomos feitos por Deus.” Mais de uma vez me repetiu que não havia, no corpo humano, partes feias, indecentes, imorais. “Pode haver um uso indecente do corpo humano...” (CAMARA. Circular nº 201/1974. fl.05. Manuscrito inédito).

Essa moral e esse respeito aplicados ao ser humano também foram ensinados ao menino por seu pai que, não se considerando um católico praticante, respeitava, rezava o Terço e até participava das manifestações marianas (no mês de maio) e do Coração de Jesus (no mês de junho). Segundo o filho, “mas do que cristão de práticas, tinha espírito cristão.” (CAMARA. Circular nº 201/1974. fl.06. Manuscrito inédito). Talvez tenha sido este catolicismo prático, mais do que teórico, que moveram o menino Helder a expressar, desde cedo, o desejo de ser padre. Repetida, invariavelmente, a vontade do menino desperta a preocupação do pai que o adverte:

Padre é um homem que não se pertence. Não tem direito de ser egoísta. Vive para os outros. Acredita que toca em Deus com as próprias mãos’ [...] Quando acabou eu estava maravilhado e comentei: “é um padre assim que eu quero ser” (CAMARA. Circular nº201/1974. fl.07. Manuscrito inédito).

Para realizar seu desejo, agora também compartilhado por seus pais, Helder foi estudar na escola de Dona Salomé Cysne, local onde completou os estudos primários e aprendeu as bases do francês, posteriormente aprimorado com a ajuda do irmão, Gilberto, que o introduziu à literatura francesa.

Aos 14 anos, o jovem Helder²⁵ entrou no Seminário Diocesano Fortaleza²⁶. Apesar dos esforços familiares tanto dos pais quanto dos irmãos e tios,

²⁵ Segundo Piletti e Praxedes (1997, p 55), Helder ingressou no seminário no início do ano letivo de 1923.

²⁶ “Sob a direção desses dois [Padre Chavalier e Padre Júlio Simon] enviados de Deus, instalou-se o seminário [da Prainha], formando o novo clero, que passava por uma formação dentro das normas de qualquer seminário em qualquer parte do mundo e seguindo rigorosamente o estilo europeu, moldado pelo estilo da época, que ainda se fundava no Concílio de Trento. A base era constituída

fizeram falta ao seminarista as bases do latim e por está razão, ao entrar para o seminário, teve que cursar, novamente, a terceira série primária. Este fato não teve outras consequências, e em pouco tempo Helder já se mostrava adaptado à rotina do seminário²⁷.

Quanto aos estudos, dedicou-se, com especial atenção, à literatura brasileira, literatura portuguesa e francesa. Em tal grau que recebeu os prêmios oferecidos aos melhores desempenhos escolares nestas disciplinas. Tornou-se conhecido por sua personalidade carismática e alegre, sua desenvoltura para falar em público colocou-o, muitas vezes, na condição de porta-voz dos seminaristas.

O período do Seminário é fecundo, tanto para desenvolver o intelecto quanto para impulsionar o lado místico de sua formação eclesial. Remontam a este período os primeiros livros com anotações pessoais, e os primeiros registros como autor, ao escrever suas meditações. Exatamente a esses textos de cunho místico é que se devem os créditos do choque de perspectivas entre o seminarista e o padre reitor. Este insistia em proibir Helder de escrever os textos, sob o argumento de que a imaginação, origem intelectual dessas redações oferecia perigo à sincera vocação.

A questão em torno desses pequenos textos resultou, por parte de Helder, na interrupção do hábito de escrevê-los, não pelo argumento de que a imaginação ponha em risco a vocação, senão pelo respeito inspirado pelo Pe. Tobias Dequid²⁸. É também neste período que Helder passa a interessar-se pela

pelos quatro esteios imprescindíveis de uma boa formação eclesial, conforme a concepção da época, assumida pelos Lazaristas e vigente em toda a Igreja: **uma profunda piedade, preparação para a prática da caridade, disciplina e sérios estudos.**” (FRENCKEN, 2010, p. 107-108. Grifo nosso). O Seminário será mencionado daqui em diante como Seminário da Prainha, uma referência ao bairro onde ele foi construído.

²⁷ “A rotina do seminário era dura. Todos acordavam às cinco horas da manhã e em fila e silêncio absoluto iam direto para o banheiro no andar térreo. [...] Depois do banho os seminaristas voltavam ao dormitório, escovavam os dentes e se vestiam rapidamente para a hora de oração e a missa. [...] Em seguida vinha um astéro café da manhã, quase sempre resumido a um pouco de café preto e um pedaço de pão. [...] Logo depois vinha um pequeno recreio utilizado pelos meninos em conversas ou brincadeiras rápidas. Só então começava a primeira aula do dia.” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 55-56)

²⁸ Lazarista francês designado para substituir o Pe. Reitor Guilherme Waessen em 10 de fevereiro de 1927. Permaneceu no cargo de reitor do Seminário da Prainha até 1933.

atuação de Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra²⁹, em função de dois aspectos: primeiro por seu empenho em restituir à Igreja as perdas decorrentes de sua separação com Estado, de acordo com a Constituição republicana de 1981³⁰. E, segundo, pela sua capacidade de comunicar-se com intelectuais do porte de Jackson de Figueiredo³¹ e Alceu Amoroso Lima³².

Enquanto foi seminarista, Helder leu autores como Pe. Leonel Franca, S.J., principalmente, seus artigos sobre correntes de pensamentos e sobre problemas político-sociais da época. Além dos artigos de Jackson de Figueiredo, cuja afinidade intelectual levou o jovem seminarista a considerar-se um *jacksoniano*, pois percebe-se em seus textos³³ uma preocupação com a ação política do catolicismo. Em certa medida, o catolicismo foi para Jackson de Figueiredo “algo muito vivo, que não se resume à fé ou à doutrina, mas a uma atitude diante de tudo.” (Iglésias *apud* FAUSTO, 1977, p. 338-339). Também é neste período que Helder inicia sua amizade com Alceu Amoroso Lima com quem trocou correspondências e indicações literárias. Anos mais tarde, lendo *Memórias improvidas de Alceu Amoroso Lima*, escritas pelo jornalista Medeiros Lima, comenta sobre o “encontro” com Dr. Alceu.

Quando ele se despediu da “belle époque” e escreveu o seu célebre “Adeus à disponibilidade” (págs. 36 e 95/96), seminarista, escrevi uma carta de adolescente a ele, tristíssimo com a morte de Jackson, mas cheio de confiança no novo líder que surgia...

²⁹ Reformador, foi arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, entre os anos de 1921 e 1930, ano em que tornou-se arcebispo do Rio de Janeiro, até sua morte em 1942. Anteriormente havia sido arcebispo de Olinda e Recife (1916 a 1921). Em 1930, foi criado cardeal pelo Papa Pio XI.

³⁰ Segundo Boris Fausto, “no texto da Constituição aprovado finalmente a 24 de fevereiro de 1891, certas concessões foram feitas com relação ao projeto de 22 de junho: os bens da Igreja foram poupados, as ordens e as congregações admitidas sem reserva alguma. Algumas medidas, cuja ratificação era inevitável em virtude do que até então se considerava a própria natureza do Estado liberal, foram mais tarde reinterpretadas num sentido mais acomodatório, favorável aos interesses da Igreja: assim foi possível à Igreja Católica receber subvenções da administração pública, durante o primeiro período republicano, a título de ajuda a obras de beneficência. Outras, finalmente, foram mantidas na sua integridade, e a Igreja foi forçada a resignar-se: o casamento civil, ensino leigo, secularização dos cemitérios, recusa de direitos eleitorais aos religiosos ligados por voto de obediência (exime-se, portanto, o clero secular da cláusula restritiva).” (1977, p. 327-328)

³¹ Nascido em Aracajú (SE) em outubro de 1891, bacharelou-se em direito, foi professor, jornalista, ensaísta e político. Quando converteu-se ao catolicismo organizou o movimento católico leigo no Brasil. Faleceu em novembro de 1928, na cidade do Rio de Janeiro.

³² Nascido em dezembro de 1893, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se bacharel em direito (1913), dedicou-se a crítica teatral, foi professor, escritor e líder intelectual dos leigos católicos. Adotou, em algumas publicações o pseudônimo de Tristão de Athayde

³³ Ver: IGLÉSIAS, Francisco. Estudo sobre o pensamento reacionário: Jackson de Figueiredo. *In*: _____. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 109-158.

O Alceu foi finíssimo. Deu confiança ao adolescente. Mandou-me uma carta do próprio punho. Mas como começava a viver sua curta experiência de jurista, lançou as bases para a minha futura adesão ao integralismo. Particpei do mesmo equívoco, que ele descreve tão bem e com tanta lealdade!... (CAMARA, Circular nº 219/1974, f. 02. Manuscrito inédito).

Ordenado em 1931, Pe. Helder é chamado para contribuir na formação dos seminaristas, sendo o encarregado de ajudar na escolha dos livros usados no período de formação dos candidatos ao sacerdócio. Nesta mesma época, escrevia, sob o pseudônimo de Alceu da Silveira³⁴, artigos para periódicos locais criticando aspectos da educação laica implantada no Brasil. Os artigos, a princípio, não importunavam até que começaram a dirigir críticas à professora Edith Braga, cunhada do vigário geral de Fortaleza monsenhor Tabosa Braga. Entre réplicas e tréplicas públicas, chega a ordem do monsenhor ao padre recém-ordenado: “você deve saber que o de ontem foi o último.” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p.73). A ordem soou injusta, mas depois de refletir, Helder a aceitou.

Seus maiores êxitos, nestes anos iniciais de trabalho no seminário foram às reformas implantadas na biblioteca. Desde seminarista inquietava a Helder o fato dos alunos que optavam por estudar na biblioteca, deveriam fazê-lo no mais absoluto silêncio. Sem levar em consideração que, às vezes, os estudos em dupla e até em grupo podem resultar tão produtivos quanto os individuais. Por esta razão, ele sugere ao padre reitor que organize espaços dentro da biblioteca destinados ao estudo individual e em silêncio e outros, aos alunos que preferiam estudar em equipe.

O incentivo ao estudo em grupo foi uma atividade de formação intelectual constante na vida de Dom Helder. Quando mudou-se para o Rio de Janeiro manteve o hábito desse tipo de estudo, com os leigos e leigas católicas reunidos, ora no Palácio de São Joaquim, ora na casa de algum dos integrantes da equipe para discutir: política, cultura, religião. Ao assumir a arquidiocese de Olinda e Recife reunia-se no Palácio Episcopal com intelectuais, teólogos, artistas para trocar opiniões e discutir possíveis soluções.

³⁴ A junção dos nomes de duas figuras muito caras ao Pe. Helder: Alceu Amoroso Lima e Tasso Azevedo da Silveira.

O processo de amadurecimento intelectual perpassa pelo amadurecimento de ideias, convicções, projetos em que se consolidam ideais, amizades, trabalhos e conceitos. A juventude do Pe. Helder lhe proporcionou esses elementos, percorreu caminhos que mais tarde, com a experiência dos anos, censurou, como a passagem pelo integralismo.

Durante a década de 1930, Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, organizou, junto com Pe. Helder, a versão cearense da Liga Eleitoral Católica – LEC. Movimento que, em âmbito nacional, estava sob a direção do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme, com o intuito de denunciar os candidatos inaceitáveis para Igreja. A Liga tinha como objetivo fazer frente ao crescente avanço político do Partido Comunista do Brasil – PCdoB. No caso cearense, ao contrário, ocupou-se, de selecionar, supervisionar e indicar ao eleitorado católico os candidatos mais aptos e indicados a receberem os votos cristãos-católicos. A vitória nas eleições de 1933 e 1934 renderam ao Pe. Helder a Diretoria de Instrução Pública do Estado. Como ele mesmo recorda:

Como os tempos mudam! D. Manuel da Silva Gomes, meu Arcebispo, homem apostólico, achou que a orientação da LEC prevista pelo Cardeal Leme, ao menos no Ceará, não iria funcionar. O problema era organizar chapa própria e enviar a todo o Estado um Cabo eleitoral, capaz de mobilizar os católicos em torno dos Candidatos escolhidos pela Igreja...
E lá se foi o jovem Pe. Helder, de Cidade a Cidade, de Vila a Vila...
A chapa foi vitoriosa, de ponta a ponta [...] E o pobre Arcebispo amargou, depois, com os Candidatos dele... (CAMARA. Circular nº 393/1976. fl. 02. Manuscrito inédito).

O trabalho burocrático não o aprazia, mas foi executado de maneira exitosa. O cargo lhe rendeu muito prestígio no Estado, o tornou ainda mais conhecido e procurado. Estes anos vividos no Ceará sugerem pistas iniciais para conhecermos melhor o intelectual Helder Camara. A meteórica carreira na educação que o fez secretário de educação aos 26 anos indica um profissional dedicado e focado nas causas em que se envolvia. Com muitos artigos publicados e uma vasta lista de trabalhos bem sucedidos desenvolvidos à frente da educação cearense, Pe. Helder envolve-se em mais um escândalo público desta vez com o governador Menezes Pimentel por suas ingerências administrativas. O pleito termina com o afastamento de Helder do governo e a aceitação, por parte seu arcebispo dom.

Manuel, de sua transferência para a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Sobre sua saída escreveu:

Como me custou aceitar a nomeação para Diretor do Departamento de Educação, maneira descoberta pelo Governador Menezes Pimentel de manifestar-me gratidão!... E meu Arcebispo exigiu que eu aceitasse o posto (estava em fase de minha vida em que me julgava na obrigação de obediência cega a meu Bispo) [...] A este tempo, como vocês sabem, eu era integralista ... Acertamos, pedra e cal, que, nos domínios da educação, não haveria interferência de nenhum Partido político.

Tudo começou bem. Em poucos meses, começaram as tentativas de interferência partidária ... Assim que assumi o Departamento de Educação, entrei em contato epistolar com o prof. Lourenço Filho ... Com a idade que eu tinha, então (25 anos!) ele reformara a instrução no Ceará.

Em certo momento, avisei ao Lourenço que, provavelmente, quando minha carta chegasse às mãos dele, eu já me teria demitido, dada a persistência em meter partidarismo nos campos da educação Lourenço me telegrafa pedindo que, se eu me demitisse, estudasse a possibilidade e conveniência de aceitar o convite para ser Assistente Técnico da Secretária de Educação, do Distrito Federal (naqueles tempos, o querido Rio de Janeiro). O Secretário de Educação era o futuro Ministro da Justiça Francisco Campos. Lourenço Filho era o diretor do Instituto de Educação.

O telegrama de Lourenço coincidiu, em absoluto com o meu pedido de demissão. Quando fui provar a D. Manuel que era impossível continuar no posto oficial, o pobre Arcebispo ficou alarmado! Minha demissão seria interpretada como rompimento entre o Governo e a Arquidiocese...

Quando mostrei à S. Excia. o telegrama-convite, ele achou que era simplesmente providencial o chamado para o Rio ... E foi assim que desembarquei, pelo Afonso Pena, no Caes Pharoux (!) no dia 16 de janeiro de 1936 [...] (CAMARA. Circular nº 393/1976. fl. 03. Manuscrito inédito)

1.1 O intelectual vai à capital federal: a vida de Pe. Helder entre os anos de 1936 e 1964.

A vida na capital do Brasil tinha outro ritmo e proporcionou ao padre conhecer e conviver com pessoas que o transformaram profundamente, como religioso e, sobretudo, como intelectual católico. Aqui cabe esclarecer que modelo de intelectual esta pesquisa associa a Helder Câmara. Aproxima-se do perfil de intelectual orgânico construído por Gramsci (1985), ou seja, como aquele que age, atua e participa na sociedade, tendo, por tanto um caráter prático além do teórico. O discurso da Igreja, as teorias integralistas, as atividades educacionais, o fazem produzir um discurso próprio em favor desses grupos, nem sempre de forma individualizada, já que a permanência no corpo clerical da Igreja é uma constante em sua vida.

Do ponto de vista profissional, Pe. Helder dedicou-se nos primeiros meses desde sua chegada, em 1936, a assessorar o educador Lourenço Filho, no Instituto de Educação do Distrito Federal. Depois prestou concurso para Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal, passou e assumiu a chefia da Sessão de Medidas e Programas. Cargo com função técnica, mais que, do ponto de vista político, era considerado um posto chave, pois permitia que pessoas se aproximassem a ele para pedir-lhe um emprego público.

Em 1939, tomou posse do cargo de Chefe da Sessão de Inquéritos e Pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Durante a primeira década enquanto esteve morando no Rio de Janeiro, o Ministério da Saúde e da Educação, pode ser considerada sua segunda casa, pois desenvolveu atividades em vários setores. Seus biógrafos sugerem que além dos trabalhos técnicos, Pe. Helder terminou convertendo-se em “uma espécie de diretor espiritual daquela repartição” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p.131). A saída dos meandros burocráticos exigiu esforços, pois Dom Jaime³⁵ não espera perder o posto privilegiado que Helder ocupava. Graças a sua colocação ele podia informar ao cardeal, em *primeira mão*,

³⁵ Dom Jaime de Barros Câmara, nasceu em São José (SC) em 1894. Foi ordenado em janeiro de 1920, 1º bispo da diocese de Mossoró (RN) em 1935, em 1941 foi elevado a arcebispo de Belém do Pará e, dois anos depois transferido para a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Cinco anos depois, em 1946, foi criado cardeal pelo Papa Pio XII. Dom Jaime faleceu em fevereiro de 1971, na cidade do Rio de Janeiro.

as notícias oficiais relacionadas à educação. Elas eram úteis na medida em que ajudavam Dom Jaime a defender os interesses educacionais católicos. A respeito desta experiência, escreveu:

Anos depois, pleiteei de D. Leme abandonar o Ministério de Educação (pois o trabalho técnico que eu fazia, leigos poderiam fazer melhor do que eu, e havia pilhas de trabalhos especificamente sacerdotais, esperando por mim). D. Leme não aceitou. Por intransigência dos nossos, antes de minha chegada ao Rio, Anísio Teixeira tinha sido afastado da Secretaria de Educação (ao ser afastado o Pedro Ernesto, Prefeito do Distrito Federal, e ao surgir o Cônego Olímpio de Melo). Foi um esmagamento brutal e injusto. Graças a Deus, encontramos-nos no Conselho Nacional de Educação, onde também atuava Lourenço Filho e onde substituí o Padre Franca. E Lourenço, Anísio e eu ficamos íntimos amigos, juntamente com o querido Alceu, que jamais participou de intransigências e de extremismos. (CAMARA, Circular nº347/1972, fl. 03. Manuscrito inédito).

Como intelectual, neste período, Pe. Helder escrevia artigos para as revistas *A Ordem*, *Formação*, *Revista Brasileira de Pedagogia* e para a *Revista Eclesiástica Brasileira*. Em 1941 foi convidado pelo Cardeal Leme para lecionar nas recém-criadas Faculdades Católicas³⁶. Reticente em aceitar o convite, Pe. Helder foi finalmente convencido de aceitá-lo e no ano seguinte assumiu as disciplinas de didática geral e administração escolar. Também ministrou cursos de psicologia para professoras religiosas da Faculdade de Letras das Irmãs Ursulinas, a razão para o convite deve-se ao cuidadoso estudo que havia feito sobre a “psicologia da idade juvenil³⁷”. Sua carreira como professor o leva até a Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula, onde conhece sua maior parceira intelectual, a aluna Virgínia Côrtes de Lacerda³⁸.

³⁶ As Faculdades Católicas a que nos referimos estão localizadas no Rio de Janeiro, foram criadas em 1940 graças aos esforços do Cardeal Leme e do Padre Leonel Franca, S.J. Em 1947, o Papa Pio XII concede à instituição o título de Pontifícia, deste modo, passou a ser conhecida com Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

³⁷ Sobre o tema o padre Helder publicou os artigos: “*Problemas sobre a adolescência*” e “*Investigação sobre o vocabulário infantil*”.

³⁸ Virgínia nasceu no município de Leopoldina, estado de Minas Gerais, em 1903. Em 1921 diplomou-se professora, especializou-se em latim e literatura, lecionou no Curso Geral Superior do Instituto La-Fayette. Em 1941 torna-se, por meio de concurso público, técnica de educação, no mesmo ano formou-se em Letras Clássicas no Instituto Santa Úrsula. Na década seguinte, participou da organização e redação da revista *Leitores e Livros*, órgão do Serviço de Informações Bibliográficas da Ação Católica, publicada pela Livraria Agir Editora. Publicou diversos artigos de crítica literária: sobre Guimarães Rosa (publicação póstuma – 1959), Machado de Assis, Érico Veríssimo, Monteiro

Eu sempre sonhei com uma universidade católica no Brasil, porém uma universidade que eu fosse o aluno! Eu entendia muito bem que o Cardeal me dissera sobre aproveitar ao máximo os professores estrangeiros que ele trazia para colocar em movimento a universidade; que devo primeiro me preparar seriamente para poder passar uma opinião a ponto de me confiarem uma cátedra. Mas não é possível que de repente eu seja professor! ... O Cardeal Leme, não obstante, era implacável: “Todas as universidades tiveram que começar um dia. E eu lhe digo: tu és doutor!” Assim, tive que aceitar e ensinar. [...] Porém, antes, vieram as Irmãs Ursulinas, que tinham criado uma faculdade de Leras, e o primeiro trabalho que o cardeal Leme me confiou, junto com a direção técnica da instituição religiosa, foi o de dar cursos de psicologia às professoras religiosas. De forma que eu dava cursos. Meu trabalho consistia em ajudar as religiosas a entender melhor aos seus alunos, a vida, ao mundo. Daquilo eu gostava muito! Era de verdade um trabalho educativo e um trabalho sacerdotal! (CAMARA, 1980. P. 103 – 104. Tradução livre da pesquisadora)

A “penitência” profissional tem fim quando o Cardeal Câmara o convida para assessorá-lo na Arquidiocese. Nesta fase trabalhou no aprimoramento do serviço catequético, em retiros espirituais e na preparação das missas. Suas palavras encontraram receptividade entre os jovens, seus sermões cuidadosamente redigidos impressionavam pela capacidade de congregar valores. Teria dito “que gostaria de ‘saber falar os mil dialetos modernos, ... falando imortal, eterna, o verbo divino’. E deve ter conseguido realizar este objetivo, pois em pouco tempo tornou-se uma das pessoas mais requisitadas para conferências.” (Camara *apud* PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 152).

No Rio de Janeiro Pe. Helder morou até 1942, ano em que sua família mudou-se para o Rio, na casa de Cecy Cruz, uma pensão que, habitualmente, recebia estudantes cearenses, aí conheceu Nair Cruz, “seu anjo da guarda” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p.122). Ela lhe fazia companhia e apresentou-lhe os encantos *da Cidade Maravilhosa*: o carnaval, o samba e o futebol. Nair era simpática e bem relacionada³⁹. Frequentava grupos de intelectuais que discutiam sobre teatro,

Lobato, entre outros. Deixou inacabado um projeto de tese de doutorado, sob a orientação de Alceu Amoroso Lima, na Faculdade Nacional, no qual se propunha a pesquisar as influências sofridas por Machado de Assis, destacando-se o encontro desse escritor com Matias Aires. Para uma biografia completa de Virgínia Cortes de Lacerda sugere-se: **Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes de Lacerda**, disponível on-line via: www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/docs/anotacoes.doc

³⁹ Sobre Nair o padre Helder escreveu: “Além da beleza física (que rosto lindo e iluminado por dentro!)” (CAMARA. Circular nº 55/ 1972. fl. 01. Manuscrito inédito)

cinema, literatura, religião e política, com Fernando Carneiro, Barreto Filho, Sobral Pinto, Jorge Amado⁴⁰. Embora já conhecesse alguns desses nomes, Pe. Helder acercou-se mais a eles graças aos empenhos de Nair. Outros nomes que fizeram parte de seu círculo de amizade foram: Aglaia Peixoto, Alfredina Paiva e Souza, Carlina Gomes, Cecília Arraes, Cecília Goulart Monteiro, Hilda e Odete Azevedo Soares, Ir. Eni, Jardeline Barros, Lenita Duarte, Maria Amélia Medeiros, Maria Luiza Monat Jardim e seu esposo, o engenheiro Edgar Amarante, Marina Araújo, Marina Bandeira, Rosa Guerreiro, dom. Timóteo Anastácio, OSB, Wilma Peixoto⁴¹, o doutor Alceu Amoroso Lima e Virgínia Côrtes de Lacerda. De todos esses nomes os dois últimos foram os que deixaram impressões mais fortes na formação intelectual do Pe. Helder.

Doutor Alceu não foi apenas um amigo, mas um companheiro de autorias. Juntos compartilharam créditos em periódicos e em trabalhos ligados à Igreja. Enquanto intelectual, seus conselhos e suas parcerias duraram até a década de 1960. Já Virgínia inaugura uma nova fase na vida deste intelectual, essa mudança deve-se a um conjunto de fatores dos quais destacamos três: primeiro, antes de Virgínia, ele era um leitor solitário, as marcações⁴², tão características de suas leituras, já eram um hábito trazido desde os tempos do Seminário, mas faltava o diálogo com outro (a) leitor (a) que o fizesse reagir diante da leitura, que questionasse suas colocações, suas interpretações. Segundo, embora sempre demonstrasse interesse literário por temas diversos, a maior parte de seus livros, pelo menos os que possuem algum tipo de anotação dedicação a temática da psicologia, da educação, da fé cristã católica e da literatura. Faltava-lhe ainda a

⁴⁰ Renomado escritor baiano, nascido em 1912. Jorge Leal Amado de Faria militou nas causas políticas defendendo o Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1945. É o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Em razão de seu envolvimento político não alinhar-se a proposta de governo instituído no Brasil com a Ditadura Militar, Jorge Amado foi exilado com sua família do Brasil, morou na França e em Praga. Em 1955 quando regressou ao Brasil passou a dedicar-se inteiramente à literatura, publicou mais de 35 livros, muitas adaptadas ao cinema, ao teatro e à televisão brasileiras. Entre suas obras mais famosas estão *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1937), *Terras do Sem-fim* (1943), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Teresa Batista cansada de guerra* (1972) e *O sumiço da Santa* (1988). Faleceu em 06 de agosto de 2001 na cidade de Salvador, capital da Bahia.

⁴¹ De acordo com a lista organizada e inacabada feita pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, em 2004.

⁴² As marcações a que nos referimos são as linhas horizontais e verticais que escrevia nas margens das páginas dos livros. Geralmente, as horizontais eram usadas para marcar linhas e trechos curtos, já as verticais destacavam parágrafos ou trechos mais longos. Outro desdobramento destas marcações eram as anotações textuais que ia escrevendo, eram poemas, críticas, lembranças de um leitor obsequioso.

audácia ou o impulso para ler sobre outros assuntos. O terceiro aspecto talvez deva-se ao fato de que, embora fosse um leitor muito atento, faltava ao padre um experiência de vida fora da educação, dos enredos da burocracia educacional. Essa experiência por outras áreas só aparece com mais clareza anos depois, e se vê plenamente consolidada quando ele já era Arcebispo de Olinda e Recife, nas décadas de 1970 e 1980. Juntos, Virgínia e Helder, estudavam diariamente, além de terem trocado intensa correspondência entre os anos de 1944 e 1952⁴³, sob o pseudônimo de *Caecilia* e *Padre Albertus*, respectivamente. Anos mais tarde reconheceu a respeito da personalidade de Virgínia que:

No primeiro grupo de estudantes (na faculdade de Letras de Ursolinas) eu a conheci lá, tinha uma moça jovem. Não, ela não era tão jovem. Eu acho que ela era mais velha que eu. Ela se chamava Virgínia Cortes de Lacerda. Eu na mesma hora senti que estava na presença de uma inteligência privilegiada, eu diria até rara. Ela lia os clássicos gregos diretamente do texto original. Eurípides, Sófocles [...] Logo, ela fora para mim muito mais que uma aluna. Nós trabalhávamos, estudávamos juntos. No começo, ela se tendia um pouco a desviar da prática religiosa, mas rapidamente, com a sinceridade de um coração generoso, ela retornou a casa do Pai.⁴⁴ (CAMARA, 2002. p.99-100. Tradução livre da pesquisadora).

Junto com Virgínia, Pe. Helder formou as bases do grupo de trabalho na Arquidiocese do Rio de Janeiro, a Família Mecejanense⁴⁵. Eram leigos e leigas católicas que se ocupavam, na maior parte do tempo, em viabilizar os ambiciosos

⁴³ Para conhecer melhor a correspondência trocada pelo Mons. Helder e Virgínia Côrtes sugerimos: LEÃO, Jordana Gonçalves. **Fragmentos de um “diário”**: algumas considerações sobre a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara: (1944-1952). Recife: Bagaço, 2010.

⁴⁴ Texto original para conferência: “Dans le premier group d’étudiants [dans le faculté des Lettres des Ursulines] que j’ai connues là, il y avait une jeune fille. Non, elle n’était pas tellement jeune. Je pense qu’elle était plus âgée que moi. Elle s’appelait Virgínia Côrtes de Lacerda. J’ai tout de suite senti que j’étais en présence d’une intelligence privilégiée, jê dirais même rare. Elle lisait les classiques grecs directement dans Le texte original. Euripide, Sophocle....Très vite, elle fut pour moi bien plus qu’une eleve. Nous travaillons, nous étudiions ensemble. Au commencement, elle se tenait un peu à l’écart de la pratique religieuse mais rapidement, avec la sincérité d’un cœur généreux, elle est revenue à la maison du Père.” (CAMARA, 2002, p. 99-100)

⁴⁵ Segundo o Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques (2009, p.XL), o grupo era composto em sua maioria por mulheres, saídas do grupo de jovens com quem Dom Helder trabalhou e conviveu desde os anos 40, no Rio de Janeiro. O uso da palavra “família”, neste caso, não determinava um parentesco consanguíneo entre o remetente e os destinatários, mas a união entre eles em função do projeto eclesial compartilhado que vinham desenvolvendo na Arquidiocese do Rio de Janeiro e na CNBB. Nomeado para Olinda e Recife, Dom Helder incorporou à “família” os novos auxiliares. O vocábulo Mecejanense foi usado pelo Dom em homenagem à terra natal do escritor José de Alencar, local do qual Dom Helder guardava as mais felizes recordações de infância.

projetos do agora Mons. Helder⁴⁶. Assim, organizaram o Ano Santo de 1950, tornaram possíveis, com a ajuda da Ação Católica Brasileira, a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1952). Organizaram XXXVI Congresso Eucarístico Internacional (1955), mesmo ano em que o “padrezinho”⁴⁷, junto com Dom Manoel Larraín⁴⁸, bispo de Talca (Chile), articula a criação do Conselho Episcopal Latino-Americana. Em 1962, providencia a ida do episcopado brasileiro ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Fazendo uma memória sobre este intenso período escreveu,

O Cardeal D. Jaime Camara pediu ao S. Padre a graça do Congresso Eucarístico Internacional para o Rio de Janeiro. Foi atendido.

Um dia, na primeiríssima reunião em que se falou sobre o Congresso (D. Jaime, D. Rosalvo, o Eu⁴⁹ e eu), enquanto fui ao telefone atender a um chamado urgente, fui aclamado Secretário Geral do C. E. I⁵⁰.

Lembro-me de que a 1ª condição que estabeleci, foi poder instalar, no próprio Palácio S. Joaquim, o Secretariado do Congresso. Era uma revolução para os hábitos da Casa. Mas a idéia venceu.

Passamos então, a pensar mas várias Comissões indispensáveis ao Congresso, e em pessoas-chaves para cada uma delas...

Não vou descer a pormenores, que ainda estão vivos e quentes na saudade de todos nós.

Houve tanto trabalho, tanta gente de 1ª, tanta dedicação, que me foi fácil, meses antes do Congresso, quando chegou o apelo do Santo Padre para que aproveitássemos o C. E. I. para a 1ª Assembléia Geral da Hierarquia Latino-Americana, dar um sim amplo e generoso à Roma. E passei a dedicar-me especialmente à Assembléia, o que nos insere (a mim e à Equipe admirável que trabalhava comigo) na origem do CELAM.

O passado vale na medida em que ilumina o presente e encoraja para o futuro. (CAMARA, Circular nº96/1973, fl.01. Manuscrito inédito).

Essas “pessoas-chaves” a que se referiu Pe. Helder na Circular acima, formaram, posteriormente, o grupo operacional mais do que intelectual, pelo menos

⁴⁶ Desde que foi convidado, e aceitou, ser conselheiro da Nunciatura Apostólica, em 1949.

⁴⁷ Chamado assim, carinhosamente, pela sua pequena estatura.

⁴⁸ Como bispo católico teve destacada atuação no Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em 1955, cujo fruto mais evidente foi a criação do Conselho Episcopal Latino Americano, órgão em que foi vice-presidente e presidente em 1961 e 1964, respectivamente. Durante o Concílio Vaticano II destacou-se por sua inteligência, personalidade e empenho em minimizar as diferenças entre o episcopado da América Latina. Faleceu em 1966 em um acidente automobilístico quando regressava a Talca depois de uma reunião realizada em Baños, no Equador.

⁴⁹ “Eu” era a forma como Dom Helder referia-se Dom José Vicente Távora.

⁵⁰ São as iniciais de Congresso Eucarístico Internacional.

nos primeiros anos, como colaboradores, a chamada “família”, que mantinham reuniões frequentes, tanto no Palácio de São Joaquim, quanto na casa dessas senhoras católicas. Porém, com nenhuma delas Padre Helder desenvolveu a relação intelectual que teve com Virginia.

Geralmente, essas jovens ajudavam nos serviços burocráticos, no transporte – Pe. Helder não tinha carro, ia de um lado a outro de carona, por exemplo. Desta forma, quando o assunto era cinema ou transporte, Hilda Azevedo sempre lhe passava as resenhas dos filmes, além de ser sua motorista oficial. A Marina Bandeira cabia o trato com a imprensa escrita e falada. Nada era publicado em nome já Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro⁵¹ sem passar pela cuidadosa revisão da senhorita Bandeira. A senhora Aglaia Peixoto era a secretária que de tão eficiente nos trabalhos para o Ano Santo, converteu-se em secretária oficiosa dos Bispos do Brasil durante o Concílio Vaticano II. Marina Araújo, que segue até os dias de hoje, ficou a cargo do Banco da Providência⁵², no Rio de Janeiro. Maria Luisa Amarante foi, junto com Dom Clemente Isnard, OSB, quem organizou a maioria das traduções dos compêndios de liturgia trazidos depois da reforma do Concílio Vaticano II⁵³. A organização da agenda de atividades do “padrezinho” ficava à cargo da secretaria Cecília Monteiro.

A respeito da atuação de Dom Helder Camara durante os primeiros períodos⁵⁴ do Concílio Ecumênico Vaticano II, destacam-se: a organização de conferências na *Domus Mariae*⁵⁵ que preparavam os padres e bispos para as discussões das aulas conciliares. Elas eram organizadas de modo tão sistemático e amplo e com figuras tão prestigiosas⁵⁶ que outros bispos que ali não residiam durante o Concílio pediam para participar. Além de seu trabalho como articulador

⁵¹ Mons. Helder foi nomeado Arcebispo auxiliar em 1955.

⁵² O Banco da Providência foi criado pelo Mons. Hélder Câmara, em 1959. A principal característica do Banco é a mobilização e a organização comunitária, trabalha em prol da ação social.

⁵³ Anunciado em 1959, pelo Papa João XXIII e realizado entre os anos de 1962 e 1965. Atribuiu-se as discussões e aos documentos produzidos a partir deste

⁵⁴ Neste trabalho optou-se por usar os termos período, para designar os meses em que ocorreram, em Roma, as assembleias conciliares. E, sessão, para as alocações de abertura de cada período.

⁵⁵ Propriedade da Ação Católica Feminina italiana, *Domus Mariae* está localizada na *Via Aurelia*, nº 481, próximo ao Colégio Pio Brasileiro, em Roma. Durante o Concílio Vaticano II era dirigida pelo Instituto Secular. A casa foi cedida ao episcopado brasileiro durante os períodos conciliares. *Domus Mariae* abrigou também religiosos indonésios, húngaros, africanos e italianos.

⁵⁶ Pode-se dizer que as conferências da *Domus Mariae* sofreram uma profunda marca das correntes teológicas e espirituais belgo-francesas que atuaram no Concílio, embora se abrisse também para o que havia de melhor na teologia alemã e para o pensamento vivo da Itália, Espanha, Holanda, Suíça, América Latina e Oriente, de acordo com Beozzo (2005, p. 201).

nos bastidores das assembleias conciliares. Sem fazer nenhum pronunciamento durante as aulas, Dom Helder conseguiu que suas ideias e projetos fosse discutidos pelos padres conciliares. As primeiras sessões também surpreendem pelas conexões intelectuais que Dom Helder estabelece; encontrou-se, pessoal ou literariamente com nomes como: Pe. Yves Congar, Jacques Meert, Hans Küng, C. Vagaggini, Henri de Lubac, S.J, para citar alguns.

A fase carioca termina em 14 de março de 1964, quando, durante as reuniões das comissões conciliares em Roma, Dom Helder escutou a Rádio Vaticano anunciar sua transferência para a Arquidiocese de Olinda e Recife.

1.2 A transferência para a Arquidiocese de Olinda e Recife

“A Providência me trouxe pela mão para Olinda e Recife...” (CAMARA, discurso de posse da Arquidiocese de Olinda e Recife, 1964. fl.01). Assim se referia Dom Helder sobre sua inesperada nomeação para Olinda e Recife⁵⁷. Originalmente havia sido designado para São Luís, capital do Maranhão, no entanto, o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Carlos Gouveia Coelho, faleceu de choque anafilático. Este fato fez a sua nomeação mudar de destino, também há quem atribua a sua transferência para o Nordeste como “uma evidência de que o papa ‘aprovava sua linha de atuação’. Mas, faltava o próprio Paulo VI reconhecê-lo diante de Dom Helder.” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p.293).

Ao desembarcar foi recebido pelas autoridades civis e militares instituídas pelo novo regime de governo, o comandante do IV Exército, general Justino Alves Bastos, o almirante Dias Fernandes e o brigadeiro Homero Souto, o governador Paulo Guerra e o prefeito de Recife, Augusto Lucena. Também o povo aglomerou-se nas ruas para ver passar o novo arcebispo. Talvez a figura carismática Dom Helder representasse, no imaginário popular, um sinal de esperança e alento, alguém que

⁵⁷ Para se ter um panorama geral do governo pastoral de Dom Helder à frente de Olinda e Recife recomenda-se a leitura de: CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Tópicos para entender a atuação de Dom Helder Camara como Arcebispo de Olinda e Recife. In: **II Semana de Integração Universidade-Sociedade**, 2004, Recife. Anais da Mostra de Iniciação Científica da II Semana de Integração Universidade-Sociedade. Recife: FASA, 2004. p. 720-734.

estando no poder, identificava-se com os mais destituídos dele. E assim o fez logo no discurso de posse, suas palavras encontraram mais do que ouvidos atentos, mais corações abertos. A sua atuação à frente da arquidiocese foi, conforme ele mesmo disse:

[Guiada por um] Nordestino falando a Nordestinos, com os olhos pastos no Brasil, na América Latina e no mudo. Uma criatura humana que se considera irmão de fraqueza e de pecado dos homens de tôdas [sic] as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumênicamente [sic], para os homens de todos os credos e de tôdas [sic] as ideologias. Um Bispo de Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem ser servido, mas servir.

Católicos ou não-católicos, crentes ou descrentes, escutem todos minha saudação fraterna: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. [...] Ninguém se escandalize quando me vir freqüentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. Quem não é pecador? [...] Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou de má fé. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. (CAMARA, discurso de posse da Arquidiocese de Olinda e Recife, 1964.)⁵⁸.

Um bispo de todos! Esse foi Dom Helder durante os anos em que esteve em Recife. Os primeiros quatro anos foram de acomodação, quando decidiu mudar-se do Palácio Episcopal para a casa nos fundos da Igreja das Fronteiras, de formação de grupos de trabalho, o *ramo* de Recife da Família Mecejanense, e, também, dedicados às últimas sessões do Concílio Vaticano II, em 1964 e 1965. Depois vieram as reformas maiores e com elas os maiores enfrentamentos com o governo instituído: *A Operação Esperança*, para ajudar aos desabrigados das enchentes, formação da *Ação Justiça e Paz*, que se ocupava da luta por manter a salvo os direitos humanos, as viagens para dizer lá fora o que não se podia dizer aqui dentro do país e por fim aposentadoria.

⁵⁸ Quando citados, os discursos de Dom Helder serão indicados a partir do seguinte padrão: CAMARA, numa referência ao sobrenome do autor, seguindo do título atribuído por ele ao discurso; seguidos das informações: local e data do pronunciamento. Por fim, será indicada a folha correspondente ao trecho citado. Há, no final deste trabalho, junto às demais referências bibliográficas, uma lista completa dos discursos citados no corpo desta dissertação.

As duas últimas visitas à Roma para as últimas sessões do Concílio Vaticano II revelam um Dom Helder preocupado e focado no Pós-Concílio. O *aggiornamento*⁵⁹ prometido à Igreja precisava ganhar força e forma. Reforçasse lendo e conversando com figuras como: Jacques Maritain, Jean Guitton, Pe. Jean Toulat, Cardeal Suenens, Auguste Etcheverry, S.J., Martin Luther King; Pastor André de Robert, por exemplo. O Grupo da Pobreza⁶⁰, preocupado em dar à Igreja uma postura mais próxima da máxima *Pobre e Servidora*, Dom Helder mantém e intensifica as conferências na Domus Mariae. Sua participação no concílio foi decisiva para a condução da postura do episcopado brasileira, mesmo tratando-se de uma massa heterogênea, que ora alinhava-se ao grupo dos chamados conservadores, ora alinhava-se aos progressistas.

Credita-se a Dom Helder uma postura progressista enquanto esteve à frente de arquidiocese⁶¹, por sua opção preferencial pelos pobres, valorização dos movimentos pastorais, decisões colegiadas e, sobretudo, sua defesa dos direitos humanos por meio da não-violência. No entanto, negar-lhe traços do conservadorismo, equivaleria a negar sua formação tridentina. Por isso, nesta pesquisa serão apresentados os fatos e postura que Dom Helder assumiu diante deles, sem colocar-lhe rótulo de uma ou de outra característica, para afastar do leitor essa ideia pré-fixada a respeito de uma postura rígida. Dom Helder foi ora progressista, ora conservador, adotou esta ou aquela postura na medida em elas se enquadravam em sua forma de ser Igreja e, sobretudo, de agir em nome dela. A este respeito escreveu:

Meus Amigos: é exposição doutrinária lembrar que a Mensagem Cristã não é apenas para ser conhecida e admirada, mas para ser vivida. Por que os Bispos da América Latina, com seus Padres e

⁵⁹ Substantivo masculino, originário da língua italiana. L'aggiornare, l'aggiornarsi; l'essere aggiornato. Sem equivalente na língua portuguesa, pode ser compreendido como "colocar-se em dia", "atualizar-se."

⁶⁰ A respeito deste grupo de trabalho o Prof. Luiz Carlos escreveu: "Grupo não-oficial de bispos, nascido em torno do Cardeal Gerlier, de Lyon, a partir de um texto, *Jésus, l'Église et les Pauvres*, redigido a pedido do bispo de Nazaré, G. Hakim, pelo Pe. Paul Gauthier. O grupo denunciava a divisão entre a Igreja e os pobres, em particular os operários, e pedia ao Concílio uma solução (o estudo foi publicado com o título *Les pauvres, Jésus et l'Église*. Paris: 1963.)" (CAMARA, 2009b, p.9, nota 10)

⁶¹ Sobre este tema sugere-se a leitura de: SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tigre e o Capibaribe**: os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006.

seus Leigos, não se levantam, de ponta a ponta do Continente, tentando levar à prática as Conclusões de Mar del Plata? Alguns leigos isolados, alguns Padres entusiastas, alguns Bispos tidos como progressistas seriam facilmente vulneráveis: seria fácil denunciá-los como subversivos e comunistas. (CAMARA, Circular nº263/1967, fl. 11. Manuscrito inédito).

Retomando os aspectos de sua atuação, Dom Helder buscou conciliar a atribulada agenda de arcebispo, entre a burocracia necessária ao bom funcionamento da máquina eclesiástica e o trabalho pastoral. Para conseguir com êxito esta façanha contou com o trabalho discreto e silencioso do bispo auxiliar Dom José Lamartine⁶², ele mais dedicado ao trabalho burocrático, Dom Helder mais afeito aos pastorais.

Do Rio de Janeiro a Família Mecejanense esteve presente da forma como pode. Algumas vezes vinham passar dias em Recife para ajudá-lo, outras vezes apenas podiam lhe escrever. Depois com o enrijecimento do Governo militar as vindas e mesmo as cartas ficaram cada mais escassas. Hoje, as correspondências enviadas em respostas as Circulares permanecem um mistério. Sabe-se que elas chegaram até o arcebispo, mas não se sabe o que ele fez com elas.

Diante desse afastamento geográfico era preciso formar um novo grupo de colaboradores, de intelectuais. Para aproximar-se deles Dom Helder passou a promover no Palácio de José de Manginhos, até 1968 sua residência oficial, as *noitadas*. Reuniam-se Francisco Brennand (ceramista), Ariano Suassuna (escritor), Daniel Lima (poeta) e Jaime Diniz (músico). Sobre elas anotou:

Nascidas do desejo humilde de estudar e promover, pelo exemplo, estudo entre os Bispos e entre os padres; criadas para dar testemunho da luz e promover a verdade na caridade...Que Nossa Senhora se lembre sempre que não foi por acaso que as Noitadas nasceram em maio... (CAMARA, 2009, p.68).

As noitadas serviram não só para mantê-lo informado quanto à filosofia, sociologia, literatura, artes, mas sobre tudo, para em tempos difíceis de acesso à informação, trocar experiências, buscar saídas e, muitas vezes, encontrar soluções para situações mais delicadas. Em vista desse caráter, surgiram críticas as noitadas.

⁶² Sobre Dom Lamartine ler: ALENCAR, Francisco A. S. Duarte. **Dom José Lamartine: o pastor do silêncio.** São Paulo: Paulinas, 1994.

Consideravam uma agressão ver o bispo receber a todos em sua casa e mais, sentava-se com eles para ouvir sobre música, poesia, teatro. Dom Helder por outro lado escrevia à Família Mecejanense cada vez mais encantado com a prática: “como agradei a Deus o que os meus olhos viam! A Casa do Pai aberta à inteligência, imagem viva do Senhor!” (CAMARA, 2009, p.67).

Seguindo a linha da promoção intelectual, Dom Helder empreende sua primeira grande reforma na arquidiocese, a construção do Seminário Regional do Nordeste II – SERENE II⁶³. A ideia surgiu depois do concílio Vaticano II e pretendia formar novos sacerdotes segundo o modelo Igreja recém-adotado. O construção do prédio envolveu recursos de outros países e uma intensa troca de correspondências e estudos, para indicar a melhor forma de conduzir um centro de formação dessas proporções, uma vez que ele receberia seminaristas de várias áreas do nordeste.

Não bastava formar os padres em seminários, longe da realidade. Para coloca-los em contato com o povo, Dom Helder apresenta a ideia do Instituto de Teologia do Recife - ITER, que formaria tanto padres quanto leigos (as). O projeto previa aulas com teólogos e prática, a vivencia da experiência evangélica. O seminaristas iam viver dentro das comunidades e os leigos iam fazer o trabalho pastoral junto com eles.

Outra iniciativa educativa e evangelizadora foi o *Encontro de Irmãos*⁶⁴, cujo slogan “Irmãos evangelizando irmãos”, pretendia uma evangelização leigo a leigo mas conduzida segundo os caminhos da Igreja. No entanto, sem a necessidade latente de um padre a conduzir os estudos. Pretendia leigos mais independentes e capazes de questionar, aprimorar e colaborar para um fazer Igreja mais condizente com a realidade de cada grupo social.

Na realidade, a Campanha de Evangelização é preocupação dominante do Arcebispo e, dia a dia, se firma e se expande em toda a Arquidiocese.

⁶³ Sobre este tema, indica-se: CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** Histórias e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2008.

⁶⁴ A respeito deste assunto sugere-se a leitura de ARAGÃO, Gilbraz. **Encontro de Irmãos: fragmentos de história.** Recife: CENDHEC, 1994.

Toda 2ª feira, às 20h, o Arcebispo, por uma Emissora de Radio da Arquidiocese, anuncia a Palavra de Deus, através de um programa que se chama “Encontro de Irmãos”.

Multiplicam-se, na Arquidiocese inteira, os chamados Monitores de Evangelização. O Monitor ou Monitora é uma criatura cheia de fé (homem ou Sra., rapaz ou moça) que se encarrega de reunir, na própria casa ou em um lugar qualquer, um grupo, que oscila entre 5 ou 15 pessoas, para ouvir a palavra do Arcebispo. Uma Equipe Arquidiocesana de Evangelização distribui, com antecedência, a todos os Monitores, um Boletim mensal, com o mesmo nome do Programa de D. Helder e contendo: o essencial do que o Arcebispo vai dizer, durante o mês, cada 2ª feira (canto de abertura e encerramento, indicação do trecho da Sagrada Escritura a ser lido, resumo de cada palestra, sugestões de perguntas, a serem debatidas pelo grupo)

De que adiantaria querer a mudança das estruturas econômico-sociais e político-culturais, sem uma tentativa sincera de mudança das estruturas da Igreja, entendida a expressão não como esquecimento de que a Igreja é divina e tem toda uma estruturação criada pelo próprio Cristo, mas como mudança do que há de superado na parte humana da Igreja, confiada, pelo Fundador, a mãos frágeis e pecadoras... (CAMARA, Circular nº 602/1969. fl 01-02. Manuscrito inédito).

Por fim, destaca-se sua luta em defesa dos direitos humanos, ele o fez por meio de atitudes concretas, envolvendo-se com presos políticos, pessoas consideradas perigosas pelo regime militar brasileiro. Com o enrijecimento do governo militar, sobretudo, a partir da promulgação do Ato Institucional nº5 (dezembro de 1968), as atividades de Dom Helder ficaram ainda mais restritas. Em poucos meses, os meios de comunicação do Brasil passaram a não mais publicar textos de autoria do arcebispo, assim como a televisão deixou de convidá-lo para participar de sua programação. A imprensa limitou-se a publicar apenas as matérias corroboravam a imagem de bispo comunista e subversivo.

Um fato em especial marcou profundamente a atitude de Dom Helder em face desta campanha difamatória, a morte de Pe. Antonio Henrique Pereira Neto. A proximidade do arcebispo com o padre recém-ordenado⁶⁵ fez parecer a Dom Helder que a morte dele era uma forma de atingi-lo. “Deverei publicar uma nota sobre o processo do Pe. Henrique. Publicar [...] no estrangeiro. Aqui, somente através de

⁶⁵ Pe. Henrique foi ordenado por Dom Helder em 1965.

Boletim Arquidiocesano, a noticia será divulgada.’ (CAMARA, Circular nº 569/1969. fl. 01. Manuscrito inédito).

Essa consciência de que as portas da imprensa brasileira estavam fechadas para suas palavras o leva a aceitar os inúmeros pedidos para proferir conferências e enviar discursos a diversos países europeus e americanos. Os incontáveis convites eram organizados, respondidos e atendidos de maneira que ele só precisasse sair do país 3 ou 4 vezes por ano, evitando assim os pedidos de liberação do passaporte do religiosos à polícia federal. Essa saída obteve êxito até 1970, quando Dom Helder pronunciou em Paris, no Palácio dos Esportes, o discurso “Qualquer que sejam as consequências”. Originalmente convidado para falar sobre a revolução francesa e a atualização de seu lema: “liberdade, igualdade e fraternidade”, Dom Helder enviou à comissão organizadora do evento uma cópia de seu discurso. Ela foi rechaçada, sob a prerrogativa de que se ele não fosse capaz de falar sobre esse lema em sua realidade (no Brasil) de nada valeriam suas palavras. Ele aceita o pedido de mudança e começa assim seu novo discurso:

Se não tivesse a coragem, esta noite, de falar franca e abertamente sobre o que se passa no Brasil, tenho a profunda impressão de que perderia toda a audiência em Paris; como ter, com efeito, a força moral de dizer a verdade sobre os outros países, se tenho medo de dizer a verdade sobre meu próprio país? E como esperar o desenvolvimento em escala mundial de um “Movimento de violência dos pacíficos” se por meu silêncio desse a demonstração evidente da ineficácia da não-violência? Então Falarei! Evidentemente tentarei falar – como tento sempre fazê-lo enquanto pastor de meu povo. Isso não me impedirá de dizer com força e gravidade, toda a verdade. Mas vós sentireis que não há ódio em meu coração e que não existe nenhuma intenção político-partidária em minha tomada de posição. **As torturas existem.** (CAMARA. Quaisquer que sejam as consequências. Paris, 1970. fl.01).

Esse discurso é um marco na história de Dom Helder, pela coragem em assumir publicamente a postura violenta do governo brasileiro. A partir desse evento a Europa “adotou” um movimento em favor do arcebispo e uma intensa campanha o fez ser indicado, por quatro anos consecutivos⁶⁶, ao Prêmio Nobel da Paz. E lhe

⁶⁶ Dom Helder foi indicado entre os anos de 1970 e 1973. Perdeu em todos. O governo brasileiro organizou uma campanha difamatória. Seria uma afronta um homem que teoricamente não existe (pelo menos para os meios comunicação) ganhar um prêmio de paz por suas denúncias contra a

rendeu mais de 30 prêmios⁶⁷ em reconhecimento pelos seus esforços em favor do *Movimento de violência dos pacíficos*:

Ano [1970] em que tive a ventura de viver a 8ª Bem-aventurança, sofrendo desprestígio total por parte das Autoridades e dos Privilegiados; ameaças; humilhação de permanecer livre, enquanto amigos fraternos eram presos, humilhados e moralmente torturados (presenciando torturas físicas incríveis); proibição de acesso aos jornais, às revistas, ao rádio e à TV de meu País. Apontado à execração nacional como inimigo do Brasil. Em nossa Casa, pintada a bandeira brasileira, com o aviso: Brasil, ame-o ou deixe-o! Ano de admirável sustentação mundial. Cartas e até dinheiro chegando do Mundo todo. Presença admirável da juventude. Depoimentos impressionantes, revelando responsabilidade crescente. Com a graça divina, tranqüilidade interior perfeita: nada de entontecimento ante a louvação vinda de todas as raças, de todos os credos, de todas as línguas. Campanha espontânea e gratuita pelo prêmio Nobel da Paz. Três prêmios internacionais da Paz: Espanha (João XXIII), Viareggio, Atlanta. Favoritíssimo para o Nobel. Perda me deixando feliz: em nome da Senhora Pobreza e da Irmã Humildade. Felicíssimo com a total e absoluta aceitação da vontade divina. Paz e Alegria! (CAMARA. Circular nº167/1970. fl.01-02. Manuscrito inédito).

O governo pastoral de Dom Helder à frente da arquidiocese de Olinda e Recife coincidiu com o período da ditadura militar brasileira. A Igreja e o Brasil, em 1985, pareciam aspirar uma renovação, no caso da primeira já discutida desde o fim do Concílio Vaticano II e, caso da República, a tão sonhada democracia que parecia ter feito as pazes com o poder. Na contra mão desses sopros renovadores ficou a Igreja de Olinda e Recife quando João Paulo II nomeou, para substituir Dom Helder, um burocrata, de tendência conservadora, recém-chegado de Roma, o frei carmelita José Cardoso Sobrinho. Dom Helder optou por continuar morando no anexo da Igreja das Fronteiras, até o dia em que faleceu.

Um homem de formação integral, aqui já intelectual plenamente orgânico, tal como descreveu Gramsci. A atuação de Dom Helder tanto no Rio de Janeiro quanto em Olinda e Recife indicam essa característica. Impulsionado por situações históricas ímpares como: o Concílio Vaticano II, no âmbito da Igreja, que permitiu

violência dentro do Brasil. “Depois de Paris, foi deflagrada a campanha nacional de difamação que, graças a Deus, não deixou nem sombra de travo no meu coração e cujos resultados, no conjunto, ajudaram o avanço das nossas idéias.” (CAMARA. Recife, 30/31.12. 1970. Fl.01. Manuscrito inédito)

⁶⁷ Número aproximado de prêmio que Dom Helder recebeu entre 1970 e 1990.

uma renovação não só em termos de liturgia, mas também em termos de formação e atuação do episcopado diante de sua realidade sociocultural. E, no âmbito da história política do Brasil, o governo de regime ditatorial militar. Esses dois fatores ampliaram o alcance das atividades e da produção intelectual de Dom Helder. Suas leituras são o alicerce sobre os quais as ações político-pastorais encontram a via prática da realidade.

2. UM HOMEM, SUAS BIBLIOTECAS: A CONTRIBUIÇÃO DOS LIVROS PARA A FORMAÇÃO DOS “DONS”.

Em tua biblioteca quantos livros dormem, sonolentos, sem perder a esperança de um dia sobrar-te algum tempo para, ao menos, abrires alguns deles, embora sem o menor esforço de apreender as Mensagens que, em geral os livros trazem... (Tóquio, 14.4.1987. Meditação do Pe. José. Manuscrito Inédito).

Para além da dimensão puramente religiosa Helder Camara foi um intelectual. Os livros anotados por ele e guardados em suas bibliotecas pessoais são um indício desta constatação. Supõe-se que ele tenha formado três bibliotecas, ao longo da vida, uma reunindo os que foram lidos, anotados e cuja data de aquisição corresponde aos anos em que viveu em sua cidade natal, Fortaleza. Poucos exemplares desta época foram recuperados, e os que o foram estavam misturados ao conjunto da segunda biblioteca pessoal, a Carioca. De acordo com o manuscrito *Declarações Testamentárias*, escrito em 1943, “Meus livros já os doe em vida ao Pe. Álvaro Negro Monte, mesmo porque sempre os tive como livros que me tivessem sido emprestados. Mais de uma vez pensei em não marcá-los com o meu nome. [...] Nada é meu. *Res nullius*. (CAMARA, 1943. fl. 04. Manuscrito inédito)

Dos livros cuja data de aquisição é anterior ao ano de 1936 conservam-se: um livro de salmos, **Os Salmos** (trad. de mons. José Basílio Pereira), impresso em Salvador, no ano de 1922. Este é o livro, com marcações, mais antigo, segundo o ano de sua publicação, a compor o conjunto das bibliotecas pessoais de Helder Camara. É provável que o tenha recebido antes de ingressar no seminário. Também estão conservados dois breviários presenteados ao seminarista pelo monsenhor Luiz de Carvalho Rocha. Os exemplares do **Breviarium Romanum**, publicados em 1929, diferenciam-se pelas inscrições manuscritas da folha de rosto. Em um deles há: “Pe. Helder P. Camara. Nov. de 1930” e “Lembrança do meu Bondoso Vigário Mons. Luiz Rocha”. No outro, “Pe. Helder Camara. Dezembro de 1930” e “Lembrança do meu saudoso Vigário Mons. Luiz de Carvalho Rocha”. É provável que o exemplar que ganhou em novembro lhe tenha sido dado porque, neste mês, depois de uma crise vocacional, que o levou a cogitar a possibilidade de adiar sua

ordenação⁶⁸, recebeu o subdiaconato. Em 1967, escrevendo sobre o reencontro com monsenhor Luis Rocha, recorda:

Celebrei a Santa Missa, cercado pela “Família Mecejanense” de Mons. Luis Rocha, Cura da Catedral em meus tempos de Seminário (meu Pároco durante as férias). Devo muito do amor à Santa Missa a ele. Também ele recebera a graça de celebrar sempre pela primeira vez (CAMARA. Circular nº 285/1967. fl.02).

Certamente os problemas para identificar os livros pertencentes a cada conjunto de bibliotecas não se restringem apenas ao caso da biblioteca cearense. Pois, também as duas outras coleções, a carioca e a recifense, tem suas peculiaridades. A respeito da primeira, as principais dificuldades foram o estado de deterioração de alguns exemplares e a constatação de que os livros pessoais de Dom Helder, que depois de sua transferência para a Recife e Olinda, permaneceram no apartamento em que se residia com sua irmã Nair Camara, no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro e, foram, em parte, misturados com os livros pessoais da mesma. Em vista disso, os livros usados para o desenvolvimento desta pesquisa obedecem aos seguintes critérios de seleção: 1. Devem possuir indicação, de próprio punho de Dom Helder, da data de aquisição. 2. Devem conter anotações ou marcações pessoais de Dom Helder. Pois elas são a prova que mais do que pertencerem à biblioteca, os livros foram, se não no todo, pelo menos em parte, lidos por ele.

Dos livros que compõe a última grande biblioteca pessoal de Dom Helder, a Biblioteca Recife, a maior dificuldade encontrada para o desenvolvimento desta pesquisa foi o desaparecimento de alguns exemplares sobre os quais foram encontrados referências. Durante o processo de catalogação deste conjunto, foram levados em consideração os livros que estão conservados no Centro de Documentação Helder Camara – CeDoHC, e também a lista de livros mencionados nas circulares escritas desde a sua chegada à arquidiocese de Olinda e Recife. O

⁶⁸ Segundo Piletti e Praxedes (1997, p. 77-78), “ao final do curso de teologia, já próximo de ordenar-se sacerdote, Hélder passou por uma forte crise vocacional, angustiado pelo fato de encontrar-se prestes a assumir um compromisso com a Igreja e, ao mesmo tempo, pensando em canalizar sua inquietude intelectual para a ação política. Chegou a pensar na renúncia definitiva a sua vocação, depois em adiar por um tempo a ordenação para esperar os acontecimentos e refletir melhor sobre seu projeto de vida. Por um lado, como sacerdote realizaria seu ideal de vida desde a infância, que era também uma grande aspiração de sua mãe. Mas havia também a possibilidade de realizar um projeto de vida cujos contornos não tinha ainda bem definidos, mas que se apresentava conforme Hélder aprimorava sua formação intelectual: a idéia era dedicar-se à ação política como membro do laicato católico.”

cruzamento das listas de livros da Biblioteca do Recife indicou que muitos exemplares, que deveriam estar nas estantes da casa de Dom Helder simplesmente haviam desaparecido.

A falta dos livros levou à construção de duas suposições: na primeira, se supôs que Dom Helder havia remetido à Família Mecejanense os livros anotados. Com base nesta afirmação, foram consultados uma série de depoimentos cedidos pelas sobreviventes da Família Mecejanense ao centro de documentação do Instituto Dom Helder Camara – CeDoHC, pois parte dos depoimentos buscavam averiguar se os livros que pertenceram a Dom Helder havia sido, também, guardados por ela (a família Mecejanense). A suposição ganhava força, pois se imaginava que os livros, habitualmente, anotados por Dom Helder e remetidos junto com as circulares, eram discutidos em grupos, tal como se fazia, originalmente, enquanto Dom Helder morava no Rio de Janeiro. Assim, foram consultados os depoimentos de Marina Bandeira, Hilda Azevedo, Marina Araújo, Maria Luiza Amarante e Aglaia Peixoto.

O resultado da consulta aos depoimentos surpreendeu e derrubou a suposição inicial. Os livros que foram remetidos ao Rio de Janeiro, haviam sido entregues à Nair Camara e, portanto, já estavam em Recife⁶⁹. As únicas exceções eram os livros enviados diretamente às colaboradoras; estes, depois de enviados, deixaram de fazer parte da biblioteca pessoal de Dom Helder. Integram, desde então, a biblioteca pessoal de cada uma delas. Ademais, as reuniões, que se supunha, existiam para as discussões dos livros propostos por Dom Helder nunca aconteceram depois de sua partida para Recife. Segundo Mariana Bandeira, “nós tínhamos muitas obrigações! Cada uma com sua rotina. Se nos reuníssemos toda vez que o padrezinho enviasse um livro anotado não teríamos tempo para mais nada!” (BANDEIRA, jul. de 2011). Essa resposta foi confirmada por todas as entrevistadas que, palavras mais palavras menos, argumentavam sentirem-se satisfeitas com os detalhados esquemas de leituras feitos por Dom Helder nas circulares. Sendo, segundo elas, raros foram os casos dos livros que, enviados, foram lidos.

⁶⁹ O traslado das caixas contendo os livros da biblioteca carioca de Dom Helder é fruto do trabalho e do empenho pessoal do Pe. João Pubben e dos pesquisadores Dr. Luiz Carlos Luz Marques e Jordana Leão.

A informação sobre o destino dos livros desaparecidos só foi conseguida com a consulta ao ramo Recife da Família Mecejanense. A partir daí, tinha-se um novo dado, Dom Helder, por vezes, presenteava os amigos com livros de sua biblioteca pessoal, informação confirmada com a publicação de livro contendo as anotações pessoais de Dom Helder feitas nas margens de obra de Carlos Pena Filho (*Livro Geral*). Ao escrever a apresentação de **Entrelinhas**⁷⁰, Bruno Ribeiro⁷¹ explica onde estava guardado o livro que, originalmente, pertencia a coleção a biblioteca pessoal de Dom Helder:

Tempos depois, folheando o livro [*Livro Geral*, de Carlos Pena Filho] que presenteara, Christina [Ribeiro] encontrou esses poemas escritos pelo Dom. Não teve dúvidas, comprou um livro igual e trocou pelo anotado, tomando de volta o presente que dera, sob o pretexto doce e sorridente de Dom Helder (CAMARA; PENA FILHO. 2009. p.09)

Por esta razão, os livros escolhidos para representar a biblioteca recifense de Dom Helder foram selecionados de acordo com os mesmos critérios utilizados para a seleção da biblioteca carioca. Primeiro, devem apresentar indicação do período de aquisição. Segundo, devem possuir anotações, no caso da biblioteca de Recife. À diferença da biblioteca Rio, para a seleção da biblioteca Recife também foi considerado, como critério de seleção, os esquemas de leituras ou a citação direta de trechos dos livros no corpo do texto das circulares.

2.1 Um intelectual à moda carioca: a Biblioteca Rio do Pe. Helder Camara

A transferência para a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro é marco inicial da construção da biblioteca carioca do padre Helder, reunindo os livros adquiridos, seja porque foram presenteados ou comprados, por ele desde 1936 até 1964. Esses mais de setecentos já foram recuperados. A fase carioca de Dom Helder indica traços de um intelectual em formação, cuja atividade livresca é fortemente influenciada por dois aspectos: um profissional, ligado aos anos que

⁷⁰ Publicada pela Companhia Editora de Pernambuco em 2009, como parte das comemorações pelo Centenário de nascimento de Dom Helder.

⁷¹ Atualmente Bruno Ribeiro é o presidente do Instituto Dom Helder Camara.

trabalhou como técnico no Ministério da Educação, o outro pessoal, associado aos encontros literários e espirituais com Virgínia Côrtes de Lacerda.

Este intelectual burocrata dedicou os primeiros anos de sua permanência na capital do Brasil ao serviço técnico. Quiçá essa tenha sido a condição para que seu pedido de transferência para o Rio de Janeiro fosse aceito. Afastando-se da política partidária que o havia feito integralista e colocando-se a serviço da Igreja. O que não significou para Helder dedicar-se ao trabalho pastoral, mas sim, ocupar um cargo chave dentro da burocracia educacional.

O conjunto de livros consumidos indica esta tendência. As estantes, enchem-se de autores que escrevem sobre educação, desenvolvimento do intelecto, adolescência, embora ainda conservasse um espaço para os livros sobre religião. Não raro lia obras em inglês e francês, sem prejuízos para a compreensão dos conteúdos, apesar de reconhecer que, quanto ao sotaque, falava mesmo “inglês nordestino e francês nordestino” (CAMARA, circular nº 250/1974, fl. 01. Manuscrito Inédito)

Das obras que possuem anotações e marcações manuscritas feitas pelo Pe. Helder neste período destacam-se: **Psychometric Methods** (1936), de Joy Paul Guilford, psicólogo americano e famoso por seus estudos sobre a psicométrica da inteligência humana⁷². Obra lida pelo Pe. Helder em 1939. Também compõe sua biblioteca as contribuições de Sigmund Freud, através da obra **Introdução à Psicanálise**, lida em 1941 mesmo ano em que dedicou-se às leituras de **Así habló Zaratustra**, (1932), do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, e de **Os Santos Evangelhos** (1941), de autoria do Pe. Álvaro Negromonte⁷³. Ambas as obras

⁷² Guilford propõe uma descrição tridimensional da inteligência, levando em consideração três aspectos: operações, conteúdo e produtos. Sua teoria baseada em testes de inteligência logrou identificar 150 tipos de habilidades intelectuais.

⁷³ Defendeu a renovação catequética desde o início da sua carreira religiosa, associando o seu trabalho como catequista aos debates a respeito da Pedagogia Moderna e da Escola Nova. A partir de 1927 integrou-se definitivamente à educação catequética, dando maior visibilidade à sua carreira sacerdotal. Publicou uma coleção de manuais de catecismo e diversos livros de caráter formativo, sendo um dos intelectuais que colaborou para a implementação dos ideais da Escola Nova em Minas Gerais. Sobre suas contribuições à educação brasileira indica-se a leitura de: ORLANDO, Evelyn de Almeida; NASCIMENTO, Jorge Carvalho de. **A Igreja Católica e a Educação do Brasil: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação**. Disponível on-line via: http://www.scientiaplena.org.br/sp_v3n5p180_185.pdf.

possuem além de marcações horizontais e verticais um índice pessoal de leitura, feitos pelo Pe. Helder.

Dos trabalhos publicados por Pe. Helder como assistente eclesiástico do secretariado de educação da Ação Católica Brasileira esta pesquisa usará os três que foram veiculados na Revista Eclesiástica Brasileira – REB, “Orientação filosófico-religiosa da legislação educacional brasileira” e “Um mestre brasileiro de pedagogia do catolicismo”, ambos de 1941. E, “A Lei orgânica do ensino secundário”, de 1942. A partir desses trabalhos publicados e destas obras lidas é possível destacar aquilo que Mikhail Bakhtin, (1997), assinalava como interdiscursividade. Que resulta de um diálogo vivo entre os discursos combinados. Trata-se daquilo que Bakhtin chamou *fiões dialógicos vivos*, imprescindíveis na constituição de qualquer discurso.

Os artigos reúnem críticas ao modelo de educação implantado no Brasil. Talvez por acreditar e, assim, defender um modelo mais amplo cujo foco não estava centrado apenas nos resultados, mas, sobretudo, no processo de aquisição de conhecimentos, tenha feito o jovem assistente escrever pesadas críticas. Seus artigos são ricos também porque oferecem, para análise, uma bibliografia diversa. Deste modo seus textos se entrecruzam com as leituras que fez no decorrer de sua formação.

Em um paralelo entre a prata de casa e a prata estrangeira, é natural que sejamos levados a sub-estimar [*sic*] o que é nosso, em favor do que importamos. Poderá o Brasil, no momento, competir com os grandes centros culturais? Meditando nessa tendência muito humana, pedimos vênias para apresentar uma sugestão aos prezados colegas: vamos examinar, juntos, as publicações de Pe. Álvaro Negromonte, mas fazendo de conta que ele escreveu em inglês ou alemão, em francês ou espanhol. Não será difícil concluir que estamos diante de um escritor invulgar, que sabe o que deseja e executa, com segurança, o que sabe. [...] O Pe. Álvaro Negromonte não é um mero teórico. Já se podia adivinhar que sem uma longa experiência de vigário e catequista, de pregador e de diretor de almas era impossível escrever a *Pedagogia do catecismo* e fazer o *Boletim Catequético*. Mas ele fez mais, muito mais. Sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos (CAMARA, 1941, p.395 e 401.).

Esses são alguns dos méritos literários do Pe. Helder, ler e reinterpretar conceitos. Porém, sem um trabalho dialógico com outro leitor, até começar a ministrar aulas no Instituto de Filosofia do Instituto Santa Úrsula, Pe. Helder é caracterizado como um burocrata-intelectual, um leitor solitário. Essa imagem começa a ser alterada com a chegada de uma jovem, de rara inteligência, Virgínia Côrtes de Lacerda. Do muito que se acredita a ela, da formação intelectual de Helder Camara, duas ou três características serão apresentadas neste trabalho. São elas: o impulso às meditações, a formação do “apostolado oculto” e as trocas de livros com anotações nas margens das páginas.

A respeito das meditações, que já haviam causado problemas durante o período de formação de Helder no Seminário da Prainha, Pe. Tobias Dequid, reitor naquela época, o havia proibido de escrevê-las. Virgínia, por outro lado, ao recebê-las, em primeira mão, sempre na saída da missa celebrada pelo Padrezinho⁷⁴ na Escola de Enfermagem Ana Nery, percebia a poética contida nos textos e procurava estimular o autor para que continuasse a escrevê-las.

Dom Helder assinou as mais de sete mil meditações que escreveu com o pseudônimo de Pe. José. Este *eu-literário* é também invocado por Helder quando dedica-se a leituras de obras cuja densidade espiritual lhe requereu maturidade e serenidade intelectual. O próprio Helder explica a origem de José ao escrever sobre a importância de mãe Adelaide logo que ele ingressou no Seminário

Quando me via incompreendido, combatido, em risco de desanimar-me, estendia as palmas das mãos para que nelas repousasse os olhos e me dizia: “Coragem, José”. Vem daí o nome de José que dei a meu Anjo (até que na Casa do Pai conheça seu nome real) e também o pseudônimo de Padre José (CAMARA, Circular nº201/1974. fl.05. Manuscrito inédito).

Costumava indicar as contribuições literárias do anjo da guarda com as expressões: “Padre José anda lendo” ou “comentando”, também angustia-se e “cria”, “transborda em meditações”, alegra-se e compraz-se com salmos, poemas e “retratos da vida cotidiana”. Tudo contribuiu para despertar esse eu-lírico e, Virgínia, com admiração, o estimulou. Tanto que ela leva os textos ao conhecimento do Pe.

⁷⁴ Padrezinho é forma como as senhoras da Família Mecejanense costumam se referir a Dom Helder Camara.

Leonel Franca, que pediu para lê-los. Seguramente Dom Helder recordou-se da repreensão feita pelo Pe. Dequid e “minimizou-lhes a importância, argumentando que eram poesias sem valor e que, na maioria das vezes, acabava rasgando-as” (PILETTI; PRAXDES, 1997, p. 154). O autor não entregou os textos ao “censor”, mas a pedido dele, passou a entregar à Virgínia as meditações e ela encarregou-se de datilografá-las e encaderná-las. Antes de falecer, em 1959, Virgínia entregou as encadernações a Cecília Monteiro, a secretária de Dom Helder. Graças a essa consciência, que não se sabe ser histórica ou puramente religiosa, é que os manuscritos foram conservados e, hoje, é possível conhecer essa faceta místico-poética de Dom Helder.

Dos encontros na sacristia para que fossem entregues à Virgínia as meditações, surgiu o desejo em ambos de alargar o grupo de discussão dos textos. As reuniões serviriam para discutir religião, teatro, cinema, literatura, política, a ideia era fazer com que as conversas fossem partilhadas com outras pessoas, neste sentido surgiu o Grupo Confiança⁷⁵. Não é possível, ainda, precisar quantas pessoas fizeram parte, originalmente, destas reuniões, sabe-se, no entanto, que a intensa atividade de aprimoramento espiritual levou a produção de um conjunto de regras e anotações que Dom Helder chamou de “Regras do Apostolado Oculto: comentários, desdobramentos, adaptações”⁷⁶.

Todas as manhãs participava [Virgínia] da minha missa e comungava. Fazia uma missa bem preparada. Eu lhe entregava todas as meditações, todas as reflexões que escrevera na véspera, para ajuda-la a ascender comigo. Desde o seminário, me preocupo cada noite em refazer minha unidade com Cristo. Havíamos adquirido também o costume de ler e reler tudo que nos parecia capaz de ajudar-nos tanto na linha espiritual, quanto na linha cultural. Um dia caiu em nossas mãos um livro: *O Apostolado das elites ocultas*, ou algo parecido⁷⁷. Depois da leitura desse livro, Virgínia de Lacerda e eu descobrimos o apostolado oculto (CAMARA, 2002, p. 100. Tradução livre da pesquisadora).

⁷⁵ Nome atribuído ao grupo. Credita-se a ele as origens da Família do São Joaquim, pois a composição dos grupos era, praticamente, a mesma. No entanto, é desconhecida a razão pela qual houve a mudança de nomes.

⁷⁶ Anotações encadernadas, ainda sem tratamento e sem catalogação. Ver imagem em anexo.

⁷⁷ O título correto do livro mencionado é **L'Apostolat de l'élite cachée selon l'esprit de sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus**, cuja autoria é atribuída a Jean-Baptiste, F.C.S.P.; Ambroise, père O.F.M.

O Apostolado não pode ser caracterizado como um instituto laico ou uma congregação. Era simplesmente um grupo que se reunia, geralmente, as sextas-feiras na casa de Virgínia, para estudar e discutir⁷⁸ sobre algum livro de espiritualidade. Com frequência, também ouvia-se música e faziam, em oração e pensamentos, viagens missionárias. Cuidadosamente, escolhiam, mês a mês, um país e preparavam um itinerário e um amplo estudo da situação política, econômica, social e cultural de cada destino. Anos depois Dom Helder reconheceu que “aquele foi, sem dúvida, uma preparação para as viagens que o Senhor me reservava para depois” (CAMARA, 2002, p. 104. Tradução da pesquisadora).

A última das contribuições de Virgínia Côrtes que será apresentada neste trabalho refere-se, propriamente, as anotações que juntos, Helder e Virgínia, escreveram nas margens das páginas dos livros que leram durante as décadas de 1940 e 1950. Não é possível, ainda, precisar quantos livros leram e comentaram juntos, não houve consulta a biblioteca pessoal de Virgínia, e dos livros que já formaram recuperados da biblioteca carioca de Dom Helder, nem todas as anotações foram transcritas.

O que já se sabe é que Virgínia e ele usavam as bordas das páginas dos para comentar sobre os textos, mas, também, para discutir e trocar confidências. A documentação referente a Virgínia e Dom Helder⁷⁹ ainda está sendo estudada, e seria precipitado afirmar qual o impacto real de Virgínia na vida do Padrezinho. No entanto, o que ele escreveu sobre ela, e o que juntos escreveram dão pistas de que ela, provavelmente, foi uma das maiores referências intelectuais com quem ele teve uma relação tão próxima.

Juntos leram obras em francês como: **Ilíada e Odisséia**, de Homero; **La Femme pauvre**: episode contemporain, do romancista Léon Bloy; **Péguy et les cahiers de la quinzaine**, do historiador e ensaísta Daniel Halévy; **A l'école de Saint Benoît**, do Dr. George; outras traduzidas para o português: **A agonia do**

⁷⁸A suposição foi apresentada, originalmente, como um dos caminhos possíveis ao desenvolvimento desta pesquisa, levava, como foi dito no capítulo 01, em consideração que esse hábito de reuniões de leitura havia perdurado mesmo depois da morte de Virgínia e da nomeação de Dom Helder para Olinda e Recife.

⁷⁹ Em 2012, foi reintegrado ao acervo do Instituto Dom Helder Camara o conjunto de correspondências pessoais enviadas por Dom Helder à Virgínia Côrtes de Lacerda. Porém essas cartas ainda não estão disponíveis para consulta, pois precisam passar pelo processo de catalogação e digitalização.

cristianismo, do filósofo espanhol Miguel Unamano; **O bom pecador**, do poeta francês Pierre Charles Péguy; em espanhol comentaram: **Diario intimo de una adolescente: psicologia de la adolescência** e **Ambicion y Angustia de los Adolescentes**, ambos do ensaísta e psicólogo argentino Aníbal Ponce; **El valor educativo de la liturgia católica**, escrito pelo cardeal primaz da Espanha Dom Isidro Gomá y Tomás. Para citar das que já foram catalogadas e que possuem mais anotações.

As anotações a quatro mãos são o resultado mais evidente destas leituras e, em alguns casos, releituras. Porém, reconhecê-las não é uma tarefa tão fácil quanto possa parecer, pois, já se sabe que Dom Helder, em alguns casos, cobriu com sua letra as anotações feitas por Virgínia. Quando os livros chegaram em Recife e foram levados para limpeza e catalogação, descobriu-se⁸⁰, colocando-os contra a luz que havia nas páginas a caligrafia de duas pessoas, mas não se sabia quem era. Somente depois de consultar o ramo carioca da Família Mecejanense é que o nome de Virgínia veio à tona, como sendo alguém que, por anos, foi a referência intelectual de Padre Helder.

Virgínia faleceu em 1959. Dom Helder confidenciou: “rapidamente, de uma crise cardíaca, depois de haver ficado dezoito horas sem reconhecer a ninguém e sem poder falar. [...] a morte de Virgínia foi um sofrimento muito duro” (CAMARA, 2002, p. 105. Tradução livre da pesquisadora). Concidentemente, 1959 é o ano que o Papa João XXIII anuncia o Concílio Vaticano II, esse evento ocupava a vida e as estantes da biblioteca pessoal de Dom Helder, com a leitura de compêndios sobre história da Igreja, ecumenismo e práticas religiosas. Desta última fase, destacam-se as seguintes obras: **Manifeste pour une civilisation solidaire**, do Pe. Louis Joseph Lebret O.P., **L’unité, espérance de vie**, escrito pelo Prior da Comunidade de Taizé Roger Schutz. Do cardeal dominicano francês Yves Congar leu, **Falons pour une théologie du laïcat**. Do teólogo suíço Hans Küng, **Concile et Retour a L’unité** e, do jornalista francês Jeans Guitton, **Jésus**.

⁸⁰ De acordo com Jordana Leão, pesquisadora e descobridora das anotações a quatro mãos, “Helder e Virgínia dataram e anotaram cuidadosamente os livros em suas margens, estabelecendo comentários que se nos apresentam com diversas facetas: por vezes referências aos autores e suas obras e, em outros casos, verdadeiros diários contendo reflexões do dia-a-dia e registros de memórias...” (Leão *apud* MARQUES, 2004, p. XXXVII).

O Vaticano II realizou-se entre os anos de 1962 e 1965, com reuniões que duravam, em média dois meses, desta forma foram possíveis quatro períodos conciliares⁸¹, as interseções serviriam para amadurecer os esquemas dentro das comunidades. Dom Helder participou de todos os períodos e a respeito de sua atuação, duas características se destacam: a organização de conferências para a preparação do episcopado brasileiro na *Domus Mariae* e o trabalho de articulação nos bastidores das assembleias conciliares. Em 1963, com a morte de João XXIII e a eleição do novo pontífice, Paulo VI, as comissões conciliares são convocadas à Roma para discutir o andamento do concílio, confirmando sua continuação. Em março de 1964, durante esta reunião a nomeação de Dom Helder para assumir a arquidiocese de Olinda e Recife é anunciada.

2.2 Os livros do arcebispo: a biblioteca Recife de Helder Camara

Ao ser transferido para Olinda e Recife, Dom Helder deu início a formação de sua terceira biblioteca pessoal, a biblioteca Recife. O conjunto de livros adquiridos pelo arcebispo, desde 1964 até o ano de sua morte, 1999, somam mais de dois mil exemplares escritos em: francês, inglês, espanhol, italiano e português. De Recife muitos desses livros muitos foram entregues a amigos e colaboradores como presentes. Outros, cuja a data de aquisição corresponde ao período em que viveu em Recife, foram, como de costume, remetidos à Família Mecejanense, conforme escreveu Dom Helder: “estão seguindo, anotados pelo Padre José, os “*Diálogos com Paulo VI*”, de Jean Guitton. O original francês, com as mesmas notas, será a minha lembrança ao De Broucker, em agradecimento à “*Violence d’une pacifique*”⁸² (CAMARA. Circular nº560/1969. fl. 01. Manuscrito inédito)

Os livros com data de aquisição posterior a 1964 e anterior a 1985 tem, aproximadamente, mil e duzentos livros, dos quais mais de duzentos possuem algum tipo de marcação ou anotação manuscrita feita pelo seu proprietário. A diferença da Biblioteca Rio, não há registros de que Dom Helder tenha trocado

⁸¹ Primeiro período entre 11 de outubro a 08 de dezembro de 1962; 2º Período entre 29 de setembro a 04 de dezembro de 1963; 3º Período entre 14 de setembro a 21 de novembro de 1964 e 4º Período entre 14 de setembro a 07 de dezembro de 1965.

⁸² BROUCKER, José de. **Dom Helder Camara**: la violence d’un pacifique. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1969.

anotações com outra pessoa, tal como fez com Virgínia. No entanto, há em suas estantes livros que, originalmente, pertenciam a outras pessoas como Stela Cabral de Melo, esposa do escritor João Cabral de Melo Neto, e Marina Bandeira, membro da Família Mecejanense, mas esses exemplares não possuem anotações. São classificados como lidos os livros os que possuem grifos e/ou anotações manuscritas, ou que foram citados em, pelo menos, um esquema de leitura descrito em alguma circular.

Para apresentar a Biblioteca Recife, de Dom Helder Camara, foram escolhidas cinco obras que ajudam a entender o amadurecimento intelectual pelo qual o leitor passou, através de sua capacidade de ler e escrever sobre temáticas diversificadas, a partir de referências teóricas também variados. Foram priorizados nesta etapa de trabalho as interações literárias entre Dom Helder e autores com quem teve uma relação intelectual, ou seja, com quem compartilhou convicções, ideias e perspectivas. A princípio serão apresentadas cinco obras cujos autores e suas ideias indicam fases e atividades, ou facetas, desse leitor. São elas: **O Marxismo**, do cônego Juvenal Arduini; **La force d'aimer**, de Martin Luther King; **Danser sa vie**, de Roger Garaudy; **Memórias improvisadas de Alceu Amoroso Lima**, escritas por Medeiros Lima; **Diálogos com Paulo VI**, de Jean Guitton.

A respeito dos esquemas de leituras, eles caracterizam-se, geralmente, pela seguinte estrutura: uma breve justificativa pela escolha do livro, comentário sobre o autor, a circunstância em que a leitura foi feita : “*nuns minutos vagos*” ou “*durante a vigília*”, são as expressões mais comuns. Depois, surgem as precisas indicações para, segundo Dom Helder, “aproveitar ao máximo” as leituras sugeridas e, tal como uma receita as sugestões são escritas.

Nos minutinhos vagos, li o “Marxismo”, do Cônego Juvenal Arduini. Experimentei lê-lo. Comecei do último capítulo: a Conclusão, que nos fala da “superação positiva” do marxismo. Dá ou não vontade de oferecer o livro, anotado, a homens sinceros como o nosso Cardeal [Dom Jaime deBarros Camara]!?... Muita gente que investe contra o comunismo marxista sem nunca ter lido nada de Marx, ganharia em ler, por exemplo, os capítulos sobre “alienações e sua gênese”, sobre “mais valia”, “real dialético”, “humanismo ateu”, “materialismo histórico”... O Padre Arduini tem o Dom de expor, de modo objetivo e honesto, mas tornando inteligíveis noções difíceis. Quem não entender o que são mesmo as “alienações” e a mais valia) pontos

nevrálgicos na crítica de Marx ao capitalismo) não entende mais, nem mesmo lendo Calvez⁸³... (CAMARA. Circular nº33/1966. fl.03. Manuscrito inédito).

Do ponto de vista analítico-prático, o livro escrito pelo cônego Arduini serviu, posteriormente, como base para um dos discursos proferidos por Dom Helder naquele mesmo ano. Convidado para ser paraninfo na formatura da Escola de Ciências Sociais, na cidade de Caruaru – PE, o arcebispo escreve um discurso cuja temática do marxismo aparece associada à universidade e ao cristianismo. Aqui é possível observar a aplicação dos conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, propostos por Mikhail Bakhtin, ou seja, quando o livro/conceito incorpora-se ao discurso, de modo a fazer parte de suas convicções.

“Os marxistas esclarecidos já não repetem simplesmente que Religião seja ópio para o Povo. Completando o pensamento de Marx com palavras do próprio Marx, reconhecem que o cristianismo, por um lado, é a expressão da miséria real, mas, por outro, o protesto contra esta miséria. (CAMARA. Discurso: “Universidade, Cristianismo e Marxismo. 1966, fl.3)

Vejam algumas expressões de Marx: “O homem faz a religião, a religião não faz o homem. A religião é a consciência de si e o sentimento de si do homem que ainda não conquistou ou já se perdeu. **A miséria religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da miséria real e o protesto contra essa miséria...** A religião é o ópio do Povo (Hegel *Apud*. ARADUINI, 1965 p.40).

Se forem tomados como ponto de análise a temática do marxismo, tanto para a leitura quanto para os textos escritos por Dom Helder sobre o assunto, é possível indicar, pelo menos, mais três autores lidos em períodos diferentes e mais de dez discursos cujo marxismo é mencionado. Porém, esses livros cujas marcações aparecem com relativa frequência não foram mencionados nas circulares escritas durante o período da leitura.

As estantes da biblioteca pessoal de Dom Helder guardam livros de temáticas variadas. Dividem o mesmo espaço livros sobre budismo e economia, espiritismo kardecista e desarmamento, judaísmo e política internacional, história da

⁸³ Foi teólogo e jesuíta francês, nascido em 1927 e falecido em 2010. Foi considerado um especialista em doutrina social da Igreja. Na biblioteca pessoal de Dom Helder consta o seguinte exemplar de sua autoria: CALVEZ, Jean-Yves. **La pensée de Karl Marx**. Paris: Éditions du Seuil 1956. Observação: "+Helder Camara. 2ª Sessão Vatic. II. Roma, Novembro 1963"

Igreja e poesia, práticas cristãs primitivas e livros com discursos protestantes. Aberto à perspectiva ecumênica, Dom Helder mostrou-se, não apenas como um leitor da religião alheia, senão por meio de práticas concretas⁸⁴, uma relação de respeito e ajuda mútua com os membros de outras religiões. Uma dessas figuras cuja admiração religiosa era, também, intelectual foi o pastor Martin Luther King, a quem o Dom se referia com os nomes traduzidos em português Matinho Lutero King.

Meu caro Irmão, Pastor Martinho Luther King
 Quando da minha última viagem aos USA, estava com uma audiência marcada com Você para 2ª feira, quando, no Domingo anterior, você foi preso, em Alabama. Permita-me aproveitar a visita que lhe faz a Dra. Hildegard Goss-Mayr [teóloga austríaca e ativista da não-violência], para transmitir-lhe um apelo que me parece de importância capital para a paz do Mundo. Acompanhamos suas lutas [...] Você nos enche de alegria. A integração racial nos fala como um problema humano, diante do qual ninguém pode permanecer indiferente e estranho; [...] Nós amamos a paz. Mas não haverá paz sem justiça. E não haverá justiça sem que se chegue à revisão política internacional do comércio e do desenvolvimento. [...] Podemos pensar em tê-lo conosco, ao menos por um dia, em Recife (Pernambuco, Brasil), talvez em maio, por ocasião de sua ida a Montevidéu para o Congresso Latino-Americano de não-violência? [...] Mas penso em todo o 3º Mundo e o Discurso de saudação, que eu faria a você, teria dimensões mundiais. Se nós dois fôssemos irmãos, nossas idéias não poderiam ser mais próximas. Mas nós somos irmãos: temos o mesmo Pai e somos um em Jesus Cristo. [...] Mesmo que lhe seja impossível passar pelo Brasil e pelo Nordeste, conte sempre com nossas orações e nossa amizade (CAMARA, 2009c, p. 70-71).

Dos discursos de Martin Luther King o conjunto publicado sob o título de **La force d'aimer**, foi escolhido para representar essa relação literária entre ele e Dom Helder. Trata-se de uma tradução francesa de dezesseis discursos do pastor batista, escritos, originalmente para os paroquianos de sua igreja em Dexter, no estado americano do Alabama. A respeito do livro Dom Helder escreveu:

⁸⁴ A respeito da relação ecumênica estabelecida por Dom Helder, recomenda-se as leituras de: MORRIS, Fred. A importância da vida e do ministério de Dom Helder Camara. *In*: Rocha, Zildo (org.) **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. 89-90p. GOMES, Christiane Teixeira; MARQUES, Luiz Carlos Luz. Ações ecumênicas articuladas por Dom Helder e líderes protestantes na primeira fase da ditadura militar (1964-1974). *In*: **Dom Helder Camara**: profeta, cristão e padre da Igreja. João Luiz Correia Júnior; Luiz Carlos Luz Marques e Marcos Roberto Nunes Costa (Org.) Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000. 65 – 78p.

É verdade que estou encantado com a tradução francesa de um livro do Pastor Martinho Lutero King: *La Force d'aimer* (Castermann). O primeiro sermão, sobre “espírito firme e coração terno”; o segundo sobre “não-conformismo transformado” e o terceiro sobre “ser um bom próximo”. Já me dão u’a medida exata da palavra deste homem. Que alma irmã! Confirmando-me no desejo de trazê-lo aqui e na intenção de mandar, anotado, o livro a vocês (CAMARA, 2009f, p. 226).

As ideias escritas dos discursos de Luther King também estiveram presentes em diversos discursos de Dom Helder, sobretudo, os que foram dirigidos à comunidade norte-americana, como o discurso: “Resposta fraterna ao ‘Black Manifesto’”, pronunciado em 22 de janeiro de 1970, na cidade de Detroit, no estado de Michigan. Em que o arcebispo brasileiro relembra, em vários pontos do discurso, as ideias do pastor norte americano:

Permiti, Negros dos USA, que vos fale, de verdade, como irmão.[...] abandonai, de vez, a idéia de violência armada![...] Não pensem que o vosso grande líder [...] o pastor Martinho Lutero King, porque caiu assassinado, tenha fracassado ... [Ele] era um homem, virou um símbolo; era um líder, virou um herói, um mártir, um santo, uma bandeira; era apenas vosso, pertence hoje à humanidade inteira! (CAMARA. Resposta fraterna ao Black Manifesto, 1970. fl. 05).

Na mesma proporção em que foi ecumênico, também pode-se mencionar a faceta lúdica de Dom Helder⁸⁵, aprazia-lhe o cinema, a música, o teatro, a poesia, as artes plásticas e a dança, para citar algumas formas de expressão. As noitadas que promoveu no palácio de Manguinhos, em Recife, servem de exemplo prático, são também significativos seus esforços para escrever o texto para uma sinfonia, posteriormente musicada pelo padre suíço Pierre Kaelin⁸⁶. A “Sinfonia dos dois Mundo” teve sua primeira apresentação na Páscoa de 1980, na Suíça. Quando consultado sobre porque usar a música para evangelizar, Dom Helder respondeu:

⁸⁵ Sobre os artista Dom Helder escreveu: “Os Artistas não podem ser medidos pelos padrões comuns: participam do Poder Criador do Pai. Tudo neles é imprevisto, original. Reagem ao enquadramento, à monotonia, à rotina. Os Artistas costumam ser abertos ao humano, à justiça, à liberdade. Para eles, clima de ditadura é clima irrespirável. Com as antenas sensibilíssimas de que dispõem, pressentem o amanhã, falam (cada qual em sua linguagem própria: pintura, escultura, arquitetura, teatro, poesia, música...), em nome dos que não sabem ou não podem falar” (CAMARA. Circular nº 176/1971. fl.01. Manuscrito Inédito)

⁸⁶ Padre e compositor francês que Dom Helder conheceu durante o concílio Vaticano II. Das suas composições, agradava ao padre brasileiro, sobretudo, a cantata *Messire François*, cujo argumento central era o pedido de perdão a Deus feito por Francisco de Assis, por haver cedido à tristeza.

Entreguei a Pe. Kaelin [...] um resumo do que ando tentando levar ao Mundo, nas incansáveis Peregrinações pela Paz. Meu sonho transformou-se em realidade esplêndida: a música **transfigura** o meu texto. Cada vez que participo da apresentação da “Sinfonia dos Dois Mundos”, sinto que a Música, em hora e meia, consegue o que eu não obteria em 20 ou 30 conferências Mundo afora (CAMARA, 1985, p.3).

Com o mesmo intuito, mas desta vez recorrendo a outro recurso, Dom Helder escreveu o argumento para um balé: *Messe pour les Temps futur* coreografada por Maurice Béjard. A discussão em torno do futuro do homem e sua função de co-criador entre as criaturas animam Dom Helder a escrever, “Robô, com quem dançarás?”. Um convite à reflexão sobre a relação do homem com a evolução tecnológica, com a invasão de obras pessimistas, com ameaças atômicas cada vez mais poderosas em todo o mundo, as questões críticas de crescimento da população e da fome.

Para ilustrar esse apreço pelas artes foi escolhido o livro **Danser sa vie**, escrito pelo político e intelectual francês Roger Garaudy⁸⁷ e prefaciado pelo coreografo Maurice Béjard. O livro foi enviado, com dedicatória do autor, à Dom Helder em 1973. Esta prática de Garaudy de enviar livros recém lançados à Dom Helder é comum, existem registros de mais de dezesseis livros desse autor nas circulares de Dom Helder. No entanto, muitos desses livros foram remetidos de volta ao autor com as anotações pessoais de Dom Helder, conforme ele escreveu: “Quando saiu Alternative⁸⁸, comentei o livro todo, e o enviei a Garaudy através de José de Broucker. Jamais recebi nenhuma palavra, a respeito, nem de um nem de outro” (CAMARA. Circular nº131/1874. Manuscrito inédito.). Sobre a relação entre o dirigente do partido comunista francês e arcebispo brasileiro, Garaudy escreveu:

“Meu primeiro encontro com Dom Helder é o momento mais importante de minha vida. [...] Em suas *Conversões de um bispo*, Dom Helder lembra aquele encontro inesperado: “Eu sentia que no essencial Roger Garaudy e eu pensávamos da mesma maneira”. [...] Dom Helder me havia ensinado o essencial: uma revolução tem mais necessidade de transcendência que de determinismo. [...] Graças a

⁸⁷ Filósofo francês, nascido em 1913 e falecido em 2012. Depois da segunda Guerra Mundial aderiu ao Partido Comunista Francês, como político conseguiu eleger-se para a Assembleia Nacional. Em 1970 foi expulso do Partido. Do ponto de vista religioso, Garaudy foi ateu, cristão e, em 1982, converteu-se ao islamismo. Escreveu mais de cinquenta livros sobre filosofia, política e marxismo.

⁸⁸ Título original: L'Alternative, publicado em 1972 pela editora Robert Laffont.

Dom Helder, o mulçumano que sou e o marxista, que não deixei de ser, consideram Jesus como o eixo central de minha via. (GARAUDY, 1999, p. 29;31)

É provável que a leitura de **Danser sa vie** tenha impulsionado o argumento da criação da *Missa para um tempo futuro*. Esta suposição ganha força a partir das observações que ele destaca nas duas circulares em que menciona o livro, na primeira copia traduzindo um trecho do livro e na segunda, escreve as meditações que a leitura lhe inspirou. Anos mais tarde quando entrou a Maurice Bédard o argumento para o balé, o texto original apresentava traços semelhantes as meditações inspiradas a partir da leitura Garaudy.

“Danser sa vie”, de Garaudy, fez uma denúncia terrível ao Cristianismo, quando comenta:

“A dança moderna reata assim – para além de 4 séculos de “ballet clássico” e de 20 séculos de desprezo do corpo, por um cristianismo pervertido pelo dualismo platônico - ligação com o que foi a dança, em todos os povos e em todos os tempos: a expressão, por movimento do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica. (Página.13)

20 séculos de Cristianismo, pervertido pelo dualismo platônico!...

Existirá, no Rio, um Museu da dança? Como ver e ouvir “Seraphic diabogue” (1955), para Garaudy “talvez a maior peça religiosa do século (Página. 99) e onde Marta faz o papel de Joana d’Arc? [...] Por favor, me mandem, quanto antes, cópia desta circular (o livro pode demorar), pois nela preciso apoiar minha consulta a Garaudy... A Vigília termina com uma dança - de alma e de corpo - em louvor do Espírito Santo (1º movimento); com investidas do Espírito Santo (servindo-se de nós) para mudança de estruturas interiores (2º movimento); com investidas nossas (animados e conduzidos pelo Espírito) contra as estruturas de opressão (3º movimento)... (CAMARA. Circular nº 133/ 1973. fl.01;03. Manuscrito inédito)

Das *Memórias Improvisadas de Alceu Amoroso Lima*, livro de entrevistas concedidas ao jornalista Medeiros Lima, são significativas as anotações e marcações feitas para indicar preferências literárias de ambos os intelectuais. Alceu e Dom Helder leram: Drummond, Péguy, Machado de Assis “leitura de todas as épocas da vida” (anotação feita na página 47 de *Memórias Improvisadas*), Bergson, Joaquim Nabuco, Maritain, entre outros tantos. “Era fácil imaginar a influência de Anatole France (anotação feita entre as páginas 45 e 46). Além dessas afinidades

literárias, Dom Helder e Tristão de Atayde tiveram uma longa experiência juntos no Rio de Janeiro, evidenciado pelas anotações, em tom nostálgico, feitas em alguns trechos das circulares,

Nesta Quaresma, cheguei à conclusão de que ler devagar, saborear as “Memórias Improvisadas” do nosso querido Alceu será maneira esplêndida de preparar-nos para a Páscoa. Não há pressa. Gastaremos todas as Circulares que forem precisas.

A vida do Alceu está tão identificada com a vida da Igreja e, em boa parte, com a nossa própria vida, que, acompanhá-lo, será dar o balanço de que todos precisamos.

O Alceu é uma das maiores criaturas humanas que o Pai me deu a graça de encontrar. Na linha de encontros como os do Papa João ou de Roger, o prior de Taizé. [...]

Cada página traz reminiscências que nos falam profundamente:

- Pe. que Lionel Franca (pág. 80), a meu ver, grande, imenso como criatura humana, mas com uma obra ferida de morte pelos preconceitos de seu tempo...

- Augusto Meyer, o nosso Erasmo... (págs 104-100); Ismael Nery e Murilo Mendes (págs 109-110); o grande Jorge de Lima (págs. 111-112); o discutido, discutível e grande Schmidt (págs. 113-116); Jackson de Figueiredo (págs. 116-121)...

- Chestertin (págs 139-140), Bernanos (págs. 137-138); págs. 158 a 170), Maritain (pág. 144-149); Teilhard (págs. 170-173, 178-186); Mounier (pág. 172); Gabriel Marcel (pág. 174); Thomas Merton (págs. 176; 187-200); o Padre Leuret (págs. 201-202); o Padre Maurilio Penido (págs. 202-204); Mauriac (págs. 206-209)...

Que tentação de deixar, sobre cada uma, meu próprio testemunho!...

[...] Cada linha, cada entrelinha deste livro me fala tanto! Talvez por ter vivido os mesmos episódios (menos a tentação da Belle Epoque). (CAMARA. Circular nº219/1974. fl.01;03)

Das estantes da biblioteca pessoal de Dom Helder, dois livros foram retirados para uma análise mais profunda, daquilo que se poderia definir como relação intelectual. Por meio desses dois exemplares: **Diário íntimo de uma adolescente**: psicologia de la adolescencia, de Aníbal Ponce, e **Diálogos com Paulo VI**, de Jean Guitton serão apresentados, de forma detalhada, como foi o processo de releitura e releitura, no caso do primeiro livro, sua relação e interação intelectual com Virgínia Côrtes de Lacerda. Indicando elementos para reconstrução do processo de amadurecimento intelectual e espiritual, tanto do padre quando da leiga católica. Já no caso do segundo livro serão indicados: primeiro, as relações pessoais entre Pe. Helder e o cardeal Montini, antes e durante o pontificado, depois

os encontros literários com Jean Guitton, durante o concílio Vaticano II. A exemplo das memórias escritas a partir da leitura do livro **Memórias Improvisadas**, Dom Helder também se vê refletido em muitas memórias de Paulo VI.

3 O PADRE, UM LEITOR

LIVROS LIDOS... Não pensem que ocupam espaço desmerecido... Quantas vezes, vocês são testemunhas, volto a procurar leituras passadas, lições escondidas, que não só os olhos não puderam guardar, mas a própria memória, a inteligência mesma, não tiveram a vaidade e a pretensão saber reter... (Recife, 26.08.1990. Meditações do Pe. José Manuscrito inédito).

Lidos e relidos, anotados uma e outra vez, testemunhos de um leitor apaixonado, assim apresentam-se muitos dos livros que compõem as bibliotecas pessoais de Helder Camara. Aquilo que, até aqui, foi classificado como relação intelectual entre o leitor e essas obras, refere-se não só às anotações feitas, por ele, nas margens das páginas de tantos livros, senão ao que, não raro, foi o diálogo estabelecido nestas margens entre o leitor, o autor e tema de cada obra. A respeito das anotações, a historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke, em sua obra sobre Gilberto Freyre, escreveu que a atividade de leitura não costuma “deixar nenhum indício ou traço. Entretanto, [...] algumas pessoas lêem com as mãos e deixam marcas nas páginas que manuseiam. Seus grifos e marginálias recentemente se tornaram objeto de atenção dos estudiosos” (PALLARES-BURKE, 2005, p.32).

Para ilustrar, em Helder Camara, a importância dos grifos e marginálias, no seu processo pessoal de leitura e diálogo com autores e as obras, foram selecionados dois livros, um para cada biblioteca, pela riqueza das anotações: **Diário íntimo de uma adolescente:** psicologia de la adolescencia, escrito pelo psicólogo e ensaísta argentino Aníbal Ponce, e publicada no início da década de 1940, e, **Diálogos com Paulo VI**, escrito pelo teólogo francês Jean Guitton, no final da década de 1960. O primeiro ilustra as leituras e releituras feitas pelo então Pe. Helder e a literata Virgínia Côrtes de Lacerda. O segundo, as próprias recordações, despertadas pela leitura dos diálogos entre o papa e o jornalista. Amigos que Dom Helder conhecia bem: Giovanni Battista Montini, futuro Paulo VI, desde a década de 1950 e Jean Guitton, da convivência durante o Vaticano II.

Além dos grifos a transcrição das anotações revela um interdiscurso do padre-leitor ora com o autor da obra, ora com a co-leitora, no caso do primeiro livro e, dele com os “autores” do segundo livro, já que trata-se de um *conjunto de perguntas e respostas* entre Jean Guitton e o Papa Paulo VI. O que se pode

observar e que Dom Helder absorve os conceitos e discursos que lê e os incorpora a sua forma de lê e analisar os eventos ao seu redor, incorporando as opiniões e os conceitos ele inclui em seu discurso o discurso das instituições, autores e co-leitores.

O diário íntimo de una adolescente é a última obra de psicologia de Ponce⁸⁹. Datada de 1938, durante o período em que o autor estava exilado no México, a obra aborda a questão da mulher e da sociedade, utilizando-se de um estilo ensaístico. O autor se propõe a fazer do texto um caso de análise clínica, a partir das noções publicadas em sua obra anterior, *Ambición y Angustia*, sobre a pintora María Bashkirtseff. Adquirido pelo Padre Helder em janeiro de 1944, o livro destaca-se pelas riquezas anotações feitas em suas margens, ainda em fevereiro do mesmo ano. Tal riqueza, como veremos a diante, e o fato de que essas anotações são também um diálogo com Virgínia Côrtes de Lacerda permitem supor o profundo impacto que a obra causou nos dois leitores.

A obra **Diálogos com Paulo VI** é o resultado de cinco anos de trabalho do jornalista e intelectual católico Jean Guitton⁹⁰. O texto, segundo o autor, escrito de acordo com gênero literário diálogo, busca, para além da “reprodução das palavras literais” de Paulo VI, “uma reprodução mais fiel, mais profunda, mais íntima, mais verdadeira, e que provém de uma impregnação de toda a alma.” (GUITTON, 196?, p. 7-8). Maria Lúcia Pallares-Burke, ao descrever as relações intelectuais de Gilberto Freyre, constata que “à medida que envelhecemos, todos nós, conscientes ou não, reinterpretemos nossa própria vida” (PALLARES-BURKE, 2005, p.20). Esta afirmação aplica-se também a Dom Helder que, como Freyre e Paulo VI, seleciona as reinterpretações mais convenientes daquilo foi sua experiência de vida. Em Helder Camara isto é facilmente constatado quando se comparam textos escritos

⁸⁹ Aníbal Noberto Ponce (1898-1938) foi uma das figuras intelectuais mais relevantes do pensamento argentino nas primeiras décadas do século XX. Suas obras mesclam, literatura, política, ciências, filosofia e manifestações culturais em geral. Seus trabalhos de psicologia estão distribuídos em três fases escritos entre os anos de 1920 e 1930, e são classificados em *Ponce e fisiologia*; *Ponce e as emoções*; *Ponce e a adolescência*. A obra sobre a qual esta pesquisa se debruça esta inserida na terceira fase. (FONTE) O volume adquirido por Dom Helder em janeiro de 1944 não traz data de edição, mas refere-se a edição a edição de 1938 como primeira edição.

⁹⁰ Jean Marie Pierre Guitton (1901–1999) filósofo e escritor francês considerado um dos maiores pensadores católicos do século XX, era amigo pessoal de Monsenhor Giovanni Batista Montini. Durante o Primeiro Período conciliar foi o único observador leigo convidado pelo Papa João XXIII. Das conferências organizadas na *Domus Mariae*, Jean Guitton foi o conferencista dos dias 30 de novembro de 1963 e 17 de novembro de 1964, de acordo com Beozzo (2005, p. 177)

por ele, no calor dos acontecimentos, durante o Concílio, e registrado nas suas cartas circulares, com os depoimentos que deu a José de Broucker, no início da década de 1970, que se transformaram na obra **Les conversions d'un Evêque: entretiens avec José de Broucker**. Nas anotações feitas à obra de Guitton, resultado de um leitor agora solitário, descobre-se um Dom Helder que em 1969 é um leitor cuja memória é seletiva e amadurecida.

3.1 As anotações de Pe. Helder e Virgínia à obra de Aníbal Ponce: diário *íntimo* de dois intelectuais

O processo de transcrição das anotações feitas a quatro mãos, em 1944, pelo Pe. Helder e por Virgínia Côrtes de Lacerda obedeceu aos seguintes critérios metodológicos⁹¹: primeiro, a identificação da grafia de ambos em cada etapado diálogo. Segundo, para facilitar a identificação das posições de cada pequeno texto escrito por eles às margens da páginas do livro foram transcritas, na seguinte ordem: margem superior (ms), margem lateral esquerda (mle), margem inferior (mi) e margem lateral direita (mld). Observa-se que as anotações nem sempre estão dispostas numa única margem ou escritas num único sentido. Aparentemente, a intenção dos anotadores é que o leitor possa identificar, com alguma facilidade, o texto de Ponce que provoca a reflexão.

Na transcrição optou-se pelo uso de cores que identificassem a autoria de cada anotação. No caso deste livro, com o uso do Softer Adobe Photoshop, o técnico Daniel Sigal, destacou em cor verde às anotações que atribuídas a Dom Helder e em cor azul clara às atribuídas a Virgínia. A identificação dos textos atribuídos a cada um dos dois tornou-se mais fácil parte porque Dom Helder escreveu diretamente à caneta com sua letra característica e, Virgínia respondeu à lapis. Posteriormente, Dom Helder cobriu à caneta as partes dos textos de Virgínia. Mas é perfeitamente possível distinguir a grafia desta última. Como as anotações não surgem ao acaso, ou seja, estão sempre relacionadas a uma passagem do livro, aqui também será transcrito o trecho que originou as discussões.

⁹¹ O método utilizado para a transcrição desses manuscritos foi usado em 2002 pela pesquisadora Jordana Gonçalves Leão, à época estagiária do Instituto Dom Helder Camara, enquanto estudou as anotações de Helder e Virgínia feitas à obra de Daniel Halévy, *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine*. Paris: Éditeur Bernard Grasset, 1941. Essas anotações ainda não foram integralmente publicadas.

Por exemplo, no primeiro diálogo entre os dois leitores, nas páginas 16 e 17 do livro, Dom Helder sublinhou no texto onde estava escrito “ Virgínias e Camilas”, a palavra “Virgínias”, e à margem esquerda colocou uma pequena cruz entre parênteses:

[Helder, mi] “(✚) Se eu escrevesse um romance, procuraria deixar em situação melhor o belo nome.”

[Virgínia]: “Já leu ‘Paulo e Virgínia’? Minha adolescência não o tolerava, sobretudo porque eu o li para minha avó... e minha avô era realista.”

[Helder, mld]: “Conheço críticas sobre o livro. Do livro mesmo, só trechos de antologias. Vovó Virginia, foi? Que avó feliz!

[Virgínia]: “Criatura sem nenhuma instrução, mas inteligentíssima: tinha ‘faro’ para leituras, quase sempre. Mas até os ‘Robambole’ lemos juntas”.

[Página 17 - mle]: [Helder]: “Quer dizer q[ue] ‘faro’ aí é herdado... Deo Gratias! Mas que tal ‘Paulo e Virgínia’? E o Rocambole’?

[Virgínia]: “Paulo e Virgínia é um romance que lhe agradará. O ‘Rocambole’? Aventuras... capa e espada... policial. [ms] O gênio do mal lutando contra o gênio do bem. Autor: Ponson du Terrail, esta dito tudo”

[Helder, ms]: “27.2.44: não é triste q[ue] me agrade um livro q[ue] não foi tolerado por *Caecilia* nem na adolescência?”

[Virgínia]: “Não: você é mais delicado do que eu.”

Entre as páginas 16 e 17 do livro de Ponce, a partir da menção ao nome de Virgínia surge a interação entre os interlocutores. As obras as quais Virgínia faz referência são: **Paul et Virgínie** e **Les exploits de Rocambole**, se traduzido para o português *As aventuras de Rocambole*, foram escritas entre os anos de 1857 e 1870, pelo romancista francês Pierre Alexis Ponson du Tarrail e. A primeira é um romance do escritor francês Bernardin de Saint-Pierre, escrito em 1788.

No primeiro caso, a história traduziu o ideal do iluminismo, ao defender uma sociedade ideal, baseada no respeito aos direitos humanos. Ambientada na Ilha Maurício (Ilha de França, à época), o livro narra o amor adolescente de entre Paulo e Virgínia, que não se concretiza pelo trágico falecimento da protagonista num naufrágio. O autor faz menção a um fato real na história do livro, o navio que trazia Virgínia de volta à Ilha era Saint-Géron, que realmente havia naufragado em 1744. No segundo caso, as aventuras eram publicas em jornais franceses, posteriormente, foram reunidas em livros. Elas representam a transição literária do romance gótico

para o herói da ficção moderna. Trata-se de uma novela de mistério e aventura, ou como escreveu Virgínia: “um romance capa-espada”. Rocambole, o personagem que dá nome a série só aparece no capítulo 14, primeiro como um personagem negativo, mas a partir do quarto livro, quando o protagonista saí da prisão assume a postura do herói positivo, de um ladrão espirituoso e cavalheiresco.

Nas páginas seguintes mais indicações literárias vão surgindo, Virgínia como professora de língua portuguesa e literatura não deixa de, quando possível, indicar uma leitura que complete o raciocínio e enriqueça a compreensão, mesmo que, conforme exposto anteriormente, a leitura indicada não a tenha agradado. O objetivo do primeiro capítulo desta obra de Ponce é o de fazer um “levantamento” dos diários históricos, de suas contribuições para a compreensão de seus autores e das implicações que a memória escrita exerce sobre a memória moral das pessoas.

Ponce, em seus primeiros trabalhos sobre psicologia adolescente, havia desconsiderado os escritos biográficos dos diários, afirmando que “la psicología moderna nada tiene que ver con la psicología literaria”, (Ponce, 1929, p. 294). Aos mais tarde, em **O diário íntimo de uma adolescente**, havia reconsiderado a afirmação de 1929 sob a alegação de que os problemas na psicologia “son demasiados complejos como para permitirnos el lujo de hacernos los difíciles en la elección de los métodos.” (Ponce, *apud* GARCÍA, 2013, p.180). O trecho seguinte, destacado para a discussão entre Pe. Helder e Virgínia, está inserido neste contexto.

[Página 21, 2º Parágrafo, linhas 11 – 13] Marcação vertical em vermelho: “la precipitación de algunos psicólogos modernos, Foucault y De Sanctis, entre otros, los rechazan por inútiles”

[Helder, mi]: “Probl[ema] de psicología: que valor possuem os diários como documentos de vida interior?”

[Virgínia]: “Valor muito relativo ...”

[Helder]: “Para quem os sabe interpretar valem como documentos vivos. Os próprios exageros do adolescente são dados indispensáveis, a traduzir já se vê, a analisar...”

[Virgínia, mld]: “Tenho alguns dados de minha adolescência (13 anos), em que não mais me reconheço...”

[Helder]: “Nem me lembro de pedir: m[ui]to mais simples era ver o retrato da 1ª comunhão e eu tive um na mão.. é verdade q[ue] noutros tempos.... Puro esquecimento não ter mostrado o retrato: hoje só minha tia o possui. Vou pedir emprestado”.

As anotações que surgiram para comentar sobre o uso ou não dos diários na psicologia, acaba suscitando uma memória da infância. De fato, o retrato da primeira comunhão de Helder é bem simples; ele e o irmão, Mardônio, receberam juntos, na Igreja da Prainha, em 28 de setembro de 1918, sem a presença a sua maior incentivadora religiosa da época, sua mãe. Adelaide ficou em casa para cuidar da filha Maroquinha que havia tentado suicida-se. Na década de 1970, ao recordar, numa das circulares, as circunstâncias de sua primeira comunhão, lembrou-se do pedido feito pela mãe: “peçam a Deus que toque o coração da Maroquinha. O Pai não sabe negar nada a quem faz 1ª Comunhão’. Ela nos transmitiu tanta fé, que o prodígio se deu: na hora exata da 1ª comunhão, foi como se Maroquinha saísse de um pesadelo” (CAMARA. Circular nº 201/19714. fl.03. Manuscrito inédito).

Ainda segundo a perspectiva da leitura como elemento catalizador de memórias, nas páginas seguintes Helder e Virgínia discutem sobre o momento em que se conheceram. Confessam mutuamente não recordarem do instante exato, nem de quem os apresentou. Talvez para amenizar a falha da memória atribuíram mais importância a continuidade de sua amizade do ao instante em que ela começou:

[Página 22 – 2º Parágrafo, linhas: 11 – 15] Marcação vertical em vermelho: “ Esos ‘nada’ carecerían evidentemente de valor psicológico si no dispusiéramos del control de los hechos. Y los hechos reveleran este detalhe singular: uno de los días en que Luis XVI escribió en su agenda la palabra ‘nada’ fué el 14 de julio de 1789 ...”

[Helder, mi]: “Curioso!”

[Virgínia]: “Os acontecimentos fatais para o meu destino em geral não podem ser, posteriormente, lembrados como parecendo tais no presente, mas somente no passado. Isto é lei geral, penso.”

[Helder, mle]: “Nem sempre. Com a graça de Deus, recebi o Sacerdócio certo de que tava o passo mais cheio de consequências p[ar]a a m[inha] vida. Ao partir para o Rio, medi, também, a mudança grave que se operava. Quando propus, pela 1ª vez, a proporção ideal, de novo me senti diante de um marco essencial de m[inha] vida.”

[Virgínia, ms]: “Não me entendeu: eu, por ex[emplo], não sei dizer quando foi que apresentaram Pe. Albertus... Mas q[uan]do respondi ao inquérito sabia o que estava fazendo. Mas o acontecimento fatal para o meu destino sobrenatural não foi a apresentação, momento que não consigo localizar?...”

[Helder]: “(Que força tem *Caecilia*: reconciliou-me de todo com termos q[ue] eu jamais [passagem para a margem superior da página 23] julguei tolerar: fatal, destino... Soavam aos meus ouvidos pagãs.... Sabem q[ue] já adotei, de coração, à integração das letras na filosofia? Se o verdadeiro, o belo, o bom e o ruim se equivalem como estabelecer distinções essenciais entre esses vários ramos de um mesmo saber? Que força Deus lhe deu, *Caecilia*! Veja que vai fazer de mim)”

[Virgínia]: “Eu?”

[Helder]: “Acho q[ue] a apresentação foi feita na Div[isão] de Ens[ino]. 1º não me lembro por quem. É estranho mesmo q[ue] não nos tenha ficado mantido esse instante providencial. – Quando o inquérito foi devolvido, s[em] timidez estava longe de calcular todas das conseqüências. – A Hist[ória] da Confi[ança] foi escrita [mi] aos poucos, penosamente...”

[Virgínia.]: “Quando olho para trás fico admirada do caminho percorrido... e dou graças a Deus!”

Virgínia e Helder trabalharam juntos na divisão de ensino e na Faculdade de Letras das Irmãs Ursulinas, a experiência com a educação, tanto do ponto de vista burocrático, quanto prático, por meio da docência, faz com que ambos vejam alguns teóricos clássicos com certas ressalvas. Quando Ponce escreve no seu livro que, provavelmente, o diário original de María Bashkirtseff, trata-se de um “diário apócrifo” e que a carta que prefacia o livro, assinada por Freud⁹², seria a prova disto. O padre e a professora comentam:

[Helder, mi]: “Possível, Freud?”

[Virgínia]: “Acho possível (juízo temerário)”

[Helder]: “Possível, é. Mas não acho provável.”

[Virgínia]: “Acho provável (juízo temerário)”

[Helder]: “Freud pareceu-me sincero...”

[Virgínia]: “Pareceu-me um maníaco”

[Helder, mld] “Mania e sinceridade são dados compatíveis.”

As marcações das páginas seguintes indicam aquilo que até aqui esta pesquisa tem apresentado como elementos para compreender a importância de Virgínia Côrtes de Lacerda para o desenvolvimento e amadurecimento intelectual de Helder Camara. A respeito do diário original de Bashkirtseff, os interlocutores recordam que possuem o livro, mas que ambos ainda não o tinham lido. Supõe-se

⁹² Consta na biblioteca carioca de Dom Helder que, em 1941, ele adquiriu **Introdução à Psicanálise**, de Sigmund Freud, cuja edição foi traduzida pelo doutor Elias Davidovich, e publicada pela Editora Guanabara. Porém, sem as costumeiras marcações e anotações.

que a ideia de lê-lo surgiu para confrontar a opinião de Ponce sobre a veracidade dos escritos de María e Freud, pois o conjunto de anotações pessoais da pintora russa estendia-se por um período muito longo de sua vida,

[Página 26 – 2º Parágrafo, linhas: 01 – 05.] Marcação vertical em vermelho: “Ese panorama amplísimo, desde los doce años hasta los veintecuatro, que ningún diario hasta hoy nos dio en su plenitude, es lo que vamos a contemplar a través de la vida de María Bashkirtseff, tal como su obra famosa la refleja y la explica.”

[Helder, m]: “Temos o livro. Maria Bashkirtseff não me parece representar bem a adolescente...”

[Virgínia]: “Ganhei, mas ainda não li”

[Helder]: “Nem eu.”

[Virgínia]: “Vamos ler nas férias?”

[Helder]: “Vamos. Tinha planejado ler a Iliáda, a Odisséia (tenho pra mim q[ue] nos entenderemos mais ainda depois da leitura)

[página 27 - m]

[Helder]: “Acabar M[arco] Aurélio... Em resumo, passar as férias com livros seus. Era um modo... Mas também é ótimo saber q[ue] o mesmo livro, no mesmo dia...”

[Virgínia]: “Eu sonhava em anotar Homero propositadamente para meu irmão ler: mas se tem tanta pressa, mando-o como está anotado para as minhas aulas de literatura. Por outro lado, sabe que estou esperando o programa das férias?” “27.2.44”

[Helder, mld]: “A força é tanta que, automaticamente, foi adiada a leitura de Homero. Para comentários mais nossos, mando-lhe o ‘nosso’ exemplar. Quer anotá-lo q[uan]do puder?... Quer guiar-me pelo mundo iluminado que é o seu mundo?”

“O programa seguiu...”

[Virgínia]: “Fa-lo-ei com todo carinho...”

O mundo iluminado ao qual Pe. Helder fez referência é o universo das letras e anotações. O diálogo entre esses dois intelectuais forjou-se a partir de uma relação de admiração mútua, “estava diante de uma inteligência privilegiada. Ela lia os clássicos gregos diretamente no original”, (CAMARA, 2002, p.104). Não consta na biblioteca pessoal do padre o livro de Bashkirtseff, é provável que ele, originalmente, pertencesse à Virgínia. Quanto ao pedido de que ela comentasse Homero e ele, então, o lesse segundo as observações dela, ao que parece, foi atendido, o ano de aquisição de **Odisséia**⁹³, por exemplo, é de 1944. O

⁹³ HOMÉRE. **Odyssee**. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1904. Observação: "Pe. Helder Camara. Rio, 1944". E, HOMÉRE. **Iliade**. Paris: Librairie Hachette et Cie. Observação: "Pe. Helder Camara. Rio, natal de 1943".

reconhecimento à inteligência e a capacidade de aceitação das sugestões literárias e pessoais de uma leiga, fazem da relação intelectual entre ela e o padre ser algo ainda mais significativo. Juntos, eles leram e anotaram muitos livros sobre os mais variados temas. A impressão que se tem ao transcrever essas anotações é a de que ela e ele, apesar das divergências, procuravam mutuamente o amadurecimento.

A última anotação feita neste primeiro capítulo da obra Ponce, indica, uma “discussão” entorno da questão de gênero. Nas últimas páginas de seu capítulo, Ponce dedica-se a descrever casos de “diários famosos”, segundo ele, da história. O parágrafo adverte sobre o duvidoso valor que pode ter um diário, aja vista, que a máxima diz: “quem escreve, quer ser lido”. Neste sentido, não deve-se confiar plenamente no valor das palavras de um diário, ainda mais se elas tiverem sido publicadas sob a forma de livros. A única exceção conhecida pelo autor é Dante Gabriel Rossetti⁹⁴,

Marcação vertical em vermelho [página 30 – 1º Parágrafo, linhas: 01 – 06.]: “Cuando murió Elisabeth Siddal, modelo de sus retratos e inspiradora de sus poemas, Dante Gabriel Rossetti encerró en la tumba de la amada los manuscritos de sus versos. Lástima grande que algún tempo después, hiciera abrir la tumba para llevarlos a la imprenta...”

[Helder]: “Para que abriu?!... Oh! //”

[Virgínia]: “Como os homens se arrependem dos gestos que só o coração ditou! Matias Aires, como tens razão!”

[Helder]: “Os homens e as mulheres. A natureza humana enq[uan]to se movimenta apenas no plano horizontal.”

[Virgínia]: “Quando escrevi “os homens” pensava nos humanos, embora julgue que o sexo forte é, neste caso, o mais frágil – no plano horizontal, é claro.”

[Helder]: “Acho-os tão diferentes!”

[Virgínia]: “Mas você que ouve uns e outros de saber muito melhor que eu!

[Helder]: “27.2.44 Há mulheres, então, que até nome masculino podem usar. Conhece Frei Jacoba?”

[Virgínia]: “Frei Jacoba é bem feminino, não acha?”

Virgínia começa seus comentários respondendo a interrogação de Pe. Helder, para fazê-lo usa, como argumento literário, Matias Aires Ramos da Silva de

⁹⁴ Pintor e poeta inglês, nascido em maio de 1828 e falecido em abril de 1882.

Eça⁹⁵, um filósofo e escritor paulista. Certamente, ao mencioná-lo, Virgínia fazia referência à obra: **Reflexões sobre a Vaidade dos homens**, editada em 1752. Obra na qual a vaidade é discutida a partir do trecho bíblico: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.” (Eclesiastes 1:2). Pela primeira vez, nesta obra Virgínia e Helder começam o que pode ser interpretado como uma discussão de gênero, enquanto argumentavam sobre ser, o homem ou a mulher, no plano horizontal, parte do universo material de forma igual.

A última referência do diálogo entre eles é à figura religiosa de Frei Jacoba, que historicamente foi uma viúva romana, amiga de Francisco de Assis. Jacoba de Settesoli entrou para a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, uma comunidade leiga. O apreço mútuo que sentiam fez com que Francisco de Assis pedisse a ela velasse seu corpo, ela em retribuição, pediu que seus restos mortais repousassem próximo aos dele, de Frei Egídio, Frei Rufino e Frei Leão. Mas, para Pe. Helder e Virgínia, Frei Jacoba é o pseudônimo da própria Virgínia.

Não é possível mensurar, o quão importante foi a presença literária de Virgínia na vida de Pe. Helder. O que se pode dizer a seu respeito é que influenciou na aquisição de livros, na forma de lê-los e interpretá-los. A última lembrança que ele escreve sobre ela é: “como esquecer a casa de Virgínia, na S[ão] Clemente, onde, durante anos, nos reunimos às sextas-feiras e onde se foi consolidada nossa Família que, um dia, eu chamaria de Mecejanense.” (CAMARA. Circular nº344/1972, fl.02. Manuscrito inédito).

⁹⁵ Nascido em 1705 e falecido em 1763, responsável pela tradução para a língua portuguesa de clássicos latinos.

3.2 Um Papa, um Bispo e um Leigo: Os diálogos entre Paulo VI, Helder Camara e Jean Guitton.

Em 03 de junho de 1963, falece João XXIII. Segundo Alberigo, junto com a dor pelo desaparecimento de um homem que havia realizado tão profundamente o papel de pai e de mestre, nascia uma pergunta inquietante sobre o prosseguimento do concílio. O que faria o sucessor de João XXIII? (ALBERIGO, 1995, p. 409) Depois de um rápido conclave que durou de 19 a 21 de junho, Giovanni Battista Montini⁹⁶, Arcebispo de Milão e cardeal criado por João XXIII, assume a cadeira de Pedro, sob o nome de Paulo VI.

O livro selecionado para ilustrar a Biblioteca Recife de Helder Pessoa Camara, reúne as memórias deste pontífice. **Diálogos com Paulo VI**, de Jean Guitton, foi publicado durante a década em 1960 e lido em 1969 pelo arcebispo de Olinda e Recife. Entre muitas peculiaridades, o livro apresenta: primeiro, um número significativo de anotações, umas sob a forma de comentário outras, de meditações. Segundo, o primeiro exemplar lido por Dom Helder era originalmente em francês, conforme ele mesmo escreveu, a edição em português foi adquirida e acrescida das anotações para ser enviada à Família Mecejanense: “estão seguindo, anotados pelo Padre José, os “Diálogos com Paulo VI”, de Jean Guitton. O original francês, com as mesmas notas, será a minha lembrança ao [José] De Broucker, em agradecimento à “Violence d’un pacifique”. (CAMARA. Circular nº560/1969. fl.01. Manuscrito inédito)

Analisando a relação pessoal entre Mons. Montini e Pe. Helder, a primeira lembrança de um encontro entre o brasileiro e o bresciano foi em 21 de dezembro de 1951. Padre Helder viajara à Roma à pedido do núncio Carlo Chiarlo, que o havia encarregado de levar a “mala diplomática da Nunciatura”, deu-lhe o pretexto para “o primeiro encontro pessoal, privado, longo, misterioso com Monsenhor Giovanni

⁹⁶ Nascido na cidade Concesio, próximo a Brescia, na Itália, em 26 de setembro de 1897. Batizado com o nome de Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini. Foi ordenado em 1920, seguiu para estudos universitários na Universidade Gregoriana, na Universidade de Roma e na Pontifícia Academia Eclesiástica. Logo tornou-se um burocrata da Cúria, foi Secretário de Estado da Santa Sé no papado de Pio XI. Trabalhou diretamente sobre a orientação do pontífice e com a morte deste esperava-se que seu sucessor natural fosse Giovanni, mas Pacelli não o fez cardeal a tempo. Em 1958, João XXIII o criou cardeal. Seu pontificado foi longo, durou 15 anos, até o ano de 1978. Ele foi o ducentésimo sexagésimo segundo papa da história da Igreja Católica. Sobre sua vida e seu pontificado sugerimos as seguintes obras: CREMONA, Carlo. **Paulo VI**: construtor de futuro. São Paulo: Paulinas, 1997. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Papas**: trajetórias e testemunhos. Recife: Bagaço, 2008.

Batista Montini” (CAMARA. Circular nº344/1972. fl.07. Manuscrito inédito). O tema da audiência foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que como o nome propunha destinava-se a reunir apenas os bispos, não tendo Pe. Helder esse *múnus*, Montini o questionou: “só me resta uma dúvida. O Secretário normal, natural da CNBB seria Monsenhor Camara. Mas a Conferência é de Bispos e ele não o é” (CAMARA. Circular nº344/1972. fl.07. Manuscrito inédito). Ele respondeu argumentando que o próprio Montini, sem ser bispo, era a conexão entre o Episcopado do Mundo inteiro, porque ele trabalhava diretamente com Pio XII. No ano seguinte, volta à Roma para apresentar os resultados da Conferência recém criada, no final da audiência:

Dom Hélder decidira ir embora e começava a despedir-se quando monsenhor Montini apressou-se, impediu que a porta fosse aberta e fez-lhe um pedido inesperado: “Agora, me dê a sua primeira bênção de bispo.” Dom Hélder ficou um tanto embaraçado e quis retribuir o gesto de humildade do secretário de Estado fazendo uma premonição sobre o futuro de seu amigo: “Está bem! Dar-lhe-ei a minha primeira bênção de bispo. Mas, como já o vejo vestido de branco, quero receber depois sua primeira bênção de papa.” Muito perturbado. Monsenhor Montini resistiu ao pedido o quanto pôde, mas diante da insistência de Dom Hélder para que lhe desse a bênção, consentiu com uma objeção: “Também darei a bênção, mas não de papa”. Os dois se abençoaram e, ajoelhados, monsenhor Montini propôs: “rezemos, então, juntos o *Pater Noster*.” (Piletti & Praxedes, 1997. p.198).

Quando encontram-se no Concílio, ainda como padres conciliares, Helder e Montini tinham uma relação de amizade baseada no respeito e na admiração mútuas, inclusive, o futuro papa já havia vindo ao Brasil, em 1960. Durante o pontificado de Paulo VI, de 1963 a 1978, Dom Helder o encontrou em seis audiências oficiais⁹⁷. É, também, neste período que surgem as restrições as viagens internacionais, conforme correspondência enviada ao arcebispo brasileiro em anexo. Entre alegrias e tristezas, é assim que Dom Helder vai se encontrando nas memórias de Paulo VI.

A relação com Jean Guilton começa num almoço, na terça-feira, 20 de novembro de 1962, a reunião, planejada às pressas levou o arcebispo a: “Estou

⁹⁷ As audiências tinham as seguintes datas: 22/4/1966; 26/5/1967; 22/4/1968; 22/5/1971 – esta audiência foi cancelada; 26/5/1971; 09/11/1972; 20/10/1974 - esta audiência foi adiada para 24/10/1974.

tendo, então, que ler, às pressas, seu último livro: **Dialogue avec les precurseurs [Journal oecuménique 1922-1962]**. (CAMARA, 2004, p.115). O leitor mostra-se tão entusiasmado com o intelectual que dedica várias circulares a explicar e esquematizar seus livros⁹⁸:

Este escritor francês tem gasto a vida nos dando livros de filosofia e de religião. De filosofia, seus livros mais célebres são “Le temps et l’Éternité chez Plotin et saint Augustin, Justification du Temps” e “Actualité de saint Augustin”. De religião é muito apreciado “Le pensée moderne et le catholicisme”, “Jésus” (que está traduzido para o português) e - livro que temos em casa e eu comentei na TV - La Vierge Marie (livro que o ia complicando, sem razão nenhuma, com o S. Ofício). [...] Chamo a atenção de modo especial (porque estou enviando o livro de Guitton) para o capítulo sobre apostolado da inteligência, apostolado nos meios universitários. No almoço pretendo provocá-lo a que nos fale sobre o Pe. Ponget (temos, em casa, um livro de Guitton que eu não li: “Dialogues avec Mr. Ponget”). (CAMARA. 2004, 120-121).

No entanto, o livro sobre o qual vamos apresentar algumas considerações só foi lido em 1969, trata-se dos diálogos reunidos por Jean Guitton em conversas com Paulo VI. Mencionou-se, anteriormente, que Dom Helder havia anotado dois exemplares, um em francês e outro em português. No entanto, durante os trabalhos de catalogação empreendidos por esta pesquisa foi descoberto um terceiro exemplar, contendo todas as anotações feitas por Dom Helder, mas feitas por uma letra desconhecida⁹⁹. Também foi levado em consideração para a seleção deste livro o pedido feito por Dom Helder, caso alguma coisa lhe acontecesse,

Se entrar nos planos divinos que eu seja preso ou morto por um Golpe armado – da direita ou da esquerda – quero deixar bem claro, diante de Deus e diante dos homens, meus irmãos; que mantive até o fim, pela graça divina, devoção ao Santo Padre. Para mim, Ele é o Vigário de Cristo. Jamais me custou aceitar decisão sua, nem nas linhas do ensinamento, nem nas deliberações a meu respeito. O Santo Padre não precisava nem me consultar: de antemão estava

⁹⁸ Constam na biblioteca pessoal de Dom Helder os seguintes títulos deste autor: GUITTON, Jean. **L'Eglise et les laïcs**. Paris: Desclée De Brouwer, 1963. Observação: Dedicatória: "[...] Helder Camara [...] Duarte. Unis [...] Jean Guitton." _____. **Jésus**. Paris: Grasset, 1956. Observação: "+Helder Camara. Rio, Dezembro 1962". _____. **Regard su le concile: prophéties d'un Observateur**. Aubier: Éditions Montaigne, 1963. "livro com dedicação e anotações". _____. **A Virgem Maria: Nossa Senhora**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959.

⁹⁹ Esse livro era uma das bases para a suposição inicial deste trabalho, de que os livros seguiam anotados e eram lidos pela Família Mecejaneense. Até agora não foi possível descobrir quem é o (a) autor (a) da cópia.

aceitar qualquer decisão sua, por mais que me custasse. Isto foi sempre válido em relação a qualquer Papa. Mas, reconheço como carinho do Pai, ter vivido em tempos do Papa João e do Papa Paulo VI. (Gostaria que fizessem chegar ao Santo Padre o livro de Jean Guitton, “Dialogues avec Paul VI” confiante e filialmente anotado por mim). (CAMARA. Circular nº 334/1967. fl. 02-03. Manuscrito inédito).

O primeiro capítulo deste livro de Jean Guitton, intitulado, “08 de setembro de 1950”, resume como o jornalista e o, à época, monsenhor Montini se conheceram. As primeiras linhas indicam a postura tomada pelo entrevistado ao recorda-se de sua vida: “na minha memória tudo é contemporâneo. Mas as imagens sobrepõem-se: a que é atual desperta as antigas que a anunciavam.” A partir dessa advertência, trata de discorrer por muitas páginas as primeiras impressões que teve sobre o primeiro livro de Jean Guitton que ele havia lido **A Virgem Maria**¹⁰⁰, Dom Helder apenas sublinha e marca alguns parágrafos. A primeira anotação surge a partir do seguinte trecho, destacado por ele com linha horizontal e dupla linha vertical: “Para que serviria dizer o que é verdade, se não nos fizessemos compreender pelos homens deste tempo?” (GUITTON, 196?, p.17). Na margem superior Dom Helder escreve dois comentários, o primeiro, “graças a Deus, Paulo VI escreve sempre mais de modo a ser entendido pelos homens de seu tempo”, e, logo em seguida completa, “1969, julho: Que se passa com o S.[anto] Padre? Parece angustiado, quase sem esperança...”, e ainda na mesma página destacou: “Na arte dos sons, uma das notas é o silêncio” (GUITTON, 196?, p.17), a partir dela escreve a meditação : “De que não é capaz o silêncio”¹⁰¹.

A leitura deste livro coincide com uma fase difícil na vida pessoal e eclesial de Dom Helder. Desde 1968, por um equívoco da agência de notícias *France-Presse*, que publicou a seguinte declaração, atribuída a Dom Helder: “Minha eliminação é mais fácil do que se imagina” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p.349) uma série de acontecimentos e atentados sucederam na vida do arcebispo. A revista brasileira *Fatos e Fotos*, em maio do mesmo ano, repercutiu a notícia, dando a Dom Helder a capa da edição nº379/1968, com a chamada: “Quem quer matar este homem?”. Segundo um jornal local a Delegacia de Ordem e Política Social – DOPS,

¹⁰⁰ Dom Helder também o leu chegou a anotar, no final do livro, um índice de assuntos.

¹⁰¹ “De que não és capaz, silêncio?/ Que sentimento não consegues traduzir? / E como te fazes entender com muito menos risco de distorções que a palavra, tua irmã.../ Quando mais me emocionas/ é quando silencias de todo,/ silêncio, chegada a tua vez de adorar o senhor e escutar!... (Recife, 10/11.7.69. Meditação de Pe. José. Manuscrito inédito).

o havia classificado como agitador político. O ano de 1968 termina para Helder com sua casa sendo metralhada, duas vezes. No ano seguinte os atentados ocorrem na sede da Cúria Metropolitana, em abril, rajadas de metralhadoras cortaram a fachada do prédio. Porém, a dor causada pela perda do Padre Henrique Pereira Neto, em maio de 1969, foi ainda mais difícil de superar.

Dom Helder já sabia, desde 1966, do alcance de suas palavras. O próprio Paulo VI o havia advertido: “qualquer ato seu, qualquer palavra sua tem ressonância mundial. É mais importante para a imprensa europeia e norte-americana saber o que pensa do que conhecer o pensamento de qualquer cardeal”, (PILETTI;PAXEDES, 1997, p.359). No entanto, por sua boa relação pessoal com o Sumo Pontífice, não esperava ser interpelado pelo cardeal Giovanni Benelli, principal auxiliar de Paulo VI, a respeito de suas conferências no exterior. Haja vista que na entrevista para a revista *Fatos e fotos*, supracitada, quando perguntado se o papa aprovava sua atitude, ele respondeu: “quando chega um sacerdote ou um leigo, ele [o Papa] se interessa, procura inteirar-se com mais detalhes de todos os trabalhos e encoraja o quanto possível. Não há, portanto, uma aprovação especial.” (p.11).

Todavia, o que se lê nas correspondências trocadas entre o arcebispo brasileiro e o cardeal italiano, a respeito das viagens e conferências internacionais, resulta na “sutil” limitação às saídas, sob o pretexto de que era preciso voltar às atenções ao campo do apostolado, à formação do clero, dos seminaristas e dos leigos. E, no que concerne aos pronunciamentos, sugere uma censura prévia, ao confirmar que a Santa Sé deseja que sejam submetidos os temas e os textos das conferências à autoridade eclesiástica local (ordinário representante de Santa Sé).

Dadas estas circunstâncias o que se observada das anotações de Dom Helder feitas no livro de Jean Guitton é que, elas tem um tom de desabafo, de pesar pelo cerceamento imposto pela Igreja. Ainda no capítulo 01, na página 25, enquanto o Papa ponderava sobre a inteligência dos franceses e seu caráter questionador de estruturas, sobretudo, as eclesiásticas. Dom Helder com linhas verticais duplas destaca:

Não há desvio senão nas inteligências magnânimas e generosas. Dizendo de outro modo, não se corrige senão os vivos e, quando se corrigem, admiram-se. E diria mesmo que às vezes se invejam. Os Franceses não têm razão em tomar por condenação o que não é

senão advertência, apelo à prudência, à lentidão, à maturação. Isso é o sinal de uma indicação paternal, que é inspirada pela admiração. (GUITTON, 196?, p.25).

Na margem superior da mesma folha comenta: “agora, entendo, ainda mais uma Carta autografada que tive a honra e a tristeza de receber em uma 6ª feira Santa. 1969, julho: agora, a Providência me torna membro da Igreja do Silêncio.” Os meses de silêncio foram quebrados devido a uma denúncia do amigo e jornalista francês José de Broucker, que fez circular na imprensa europeia a notícia de que Dom Helder recusava os convites para as conferências porque assim o havia solicitado Roma. Em 1977, enquanto concedia entrevistas ao amigo jornalista, Dom Helder lembrou-se deste período, sem mencionar a censura que lhe foi imposta, também, pela Igreja:

O Governo compreendeu que as campanhas e os ataques, num país como o Brasil, alimentam o nome da vítima. Assim, me impôs o silêncio, como numa tumba. Só me restava o renome internacional... não sei até quando, não sei se o Senhor me arrancará, também, este último sinal de riqueza (CAMARA, 2002, p. 108. Tradução livre da pesquisadora).

No primeiro capítulo, a última anotação feita, pelo leitor sobre as memórias e impressões de Paulo VI, surgiu, a partir, do poema de Paul Verlaine,¹⁰² citado pelo papa, no trecho em que diz: “Oui, garde toute esperance sur tout”.¹⁰³ (GUITTON, 196?, p.29), Dom Helder o sublinhou e, na margem inferior, escreveu um bilhete: Santo Padre: sofro porque o Mundo guarda a impressão de que a esperança, de vez em quando, o abandona!”. Em janeiro de 1970, durante uma audiência privada com o pontífice, o “castigo” chega ao fim. A conversa confirmou o que já lhe havia sido alertado pelo Cardeal belga Suenens, de que o entrave na Cúria não era o Cardeal Benelli, que já o havia defendido em outras ocasiões, mas sim o Secretário de Estado, cardeal Jean Villot, que chegou a interceptar uma correspondência enviada por Dom Helder ao Papa. Resolvidos os mal entendidos, de ambos os lados, o que se pode dizer sobre a relação de Dom Helder e Paulo VI é que foram amigos, mesmo quando estavam afastados, foram amigos. Em 1978, quando o papa estava em seus últimos instantes de vida, Dom Helder, mais uma

¹⁰² Poeta francês nascido em março de 1844 e falecido em janeiro de 1896.

¹⁰³ “Sim, conserva toda a esperança em tudo” (GUITTON, 196?, p.25, nota nº2), tradução sugerida pela edição em língua portuguesa.

vez, recorre as memórias que tiveram juntos. Sem ressentimentos, sem cobranças, apenas lembranças

Às 15hs a TV informou que o Santo Padre, em Castel Gandolfo, sofrera uma crise do coração. Ficamos ao pé do Rádio e da TV. Uma hora depois vinha o anúncio de que Paulo VI recebia a Unção dos Enfermos... Quando a Cúria Romana informa que um Papa recebeu a Unção dos Enfermos, é porque a situação é mais do que grave... Não largamos a TV e o Rádio. Às 19,30, Thierry, filho de Roger [Bourgeon], que faz um dos Jornais da TV Francesa, nos deu o anúncio da partida do Santo Padre.

Na certeza de que o Pai o recebeu, sem demora alguma, meu primeiro sentimento foi de Ação de Graças. Paulo VI foi poupado da humilhação de ficar sem controle, dominado pelos anos e pela esclerose. Deus o levou na hora exata!

E fiquei recordando os principais encontros que tive com ele. Sem falar das vezes em que o vi, na Basílica ou na Praça de S. Pedro, durante o Concílio, nas minhas contas devo ter tido umas 21 Audiências privadas...

- a principio, com S. Excia. Mons. Giovanni Batista Montini, Sub – Secretário de Estado de S. Santidade o Papa Pio XII (Ele se encarregava dos assuntos internos da Igreja e Mons. Tardini dos assuntos externos);

- mais tarde com o Arcebispo, e, a seguir, com o Cardeal-Arcebispo de Milão;

- enfim com S. Santidade, o Papa Paulo VI.

Durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, na Basílica, guardo, sobretudo, a lembrança:

- da Missa e da Alocução com que deu continuidade ao Concílio;

- de uma Caminhada Ecumênica a S. Paulo fora dos Muros, durante a qual, salvo engano, houve o seu dramático e belíssimo pedido de perdão aos Judeus;

- da Missa em sufrágio do Santo Padre João XXIII, com a célebre e inesquecível Oração Fúnebre, pregada pelo Cardeal Suenens;

- do contato com os Padres Conciliares no início e no fim de cada Sessão Conciliar;

- da Canonização de um Santo, preto, em cujo elogio, em plena Missa, ele deixou escapar: “Era um Preto, de alma branca”!...

Quanto ao Encerramento do Concílio, foi em Cerimônia, belíssima, na Praça de São Pedro.

Em Circulares sucessivas, provavelmente, já escritas do Brasil (a programação aqui é apaixonante, mas está realmente exigindo o máximo de esforço – e ela, também, merecerá, na hora oportuna, narração ampla, com os principais episódios), desejo recordar o que de mais expressivo se passou nas Audiências privadas. Provavelmente, haverá nas Circulares dados complementares ou,

inclusive, retificações, pois a memória baralha e eu sou fragílimo em datas.

Em rigor, não se tem direito de contar o que se passa em Audiência privada, concedida pelo Papa, pois só duas Pessoas podem confirmar ou negar o que for relatada: quem conta o que diz que se passou e o Santo Padre...

Um dia – em Audiência célebre que, a seu tempo, recordarei – disse a ele:

“Santo Padre... Em certas ocasiões, vejo-me na contingência de contar passagens de Audiências privadas que V. Santidade me concebe. Faço assim, a bem da justiça e da verdade, porque, Santo Padre, há certas áreas em que a sua fama é pior do que a minha no Brasil...”

Agora, Ele já está em nossa Casa da Eternidade, com o Pai, a Quem Ele sempre tanto amou; com o Filho, de Quem foi, por excelência, o Vigário (isto é, Aquele que faz as vezes, Aquele que representa), com o Espírito Santo, cuja atuação tangível (lembrada ao vivo na Audiência de despedida, a 15 de junho p.p.), fez com que ele enchesse os olhos de lágrimas de alegria... Com Nossa Senhora, que foi tendo um lugar, sempre maior, no coração e na mente do querido Mons. Montini... Com. S. Paulo e S. Pedro. Com todos os Anjos e Santos! Com o Papa João!...

Te Deum laudamus! Magnificat!

Bênçãos saudosas do Dom. (CAMARA. Circular nº27/1978. fl.01-03. Manuscrito inédito).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro é um instrumento que transcende sua materialidade. Nele é possível discernir a cultura, os posicionamentos, as memórias e os sentimentos de seu autor. A interação dele com o leitor pode revelar, neste último, a busca por respostas, os interesses, as perspectivas, preocupações e as formas de pensar, sendo insofismável a importância de um bom livro na construção do pensamento crítico e dos sentimentos daquele que o lê. O olhar sobre o acervo de um leitor, acumulado durante uma vida, constitui uma revelação, harmônica e muitas vezes potencializada, da essência da relação obra-leitor. Partindo deste princípio, é que se lançou um olhar crítico e histórico sobre o acervo das bibliotecas pessoais de Helder Camara, buscando, com rigor científico, analisar de que forma se deu a interação dele com os livros e como estes contribuíram para a sua formação nos seus vários aspectos.

Indicar elementos para a elaboração do perfil intelectual do falecido arcebispo de Olinda e Recife, é um trabalho que apenas começa. Em parte porque as suas anotações, nas páginas dos livros, ainda estão em fase de transcrição, o volume de obras com este tipo de registro é expressivo e a consulta a eles foi autorizada há menos de dois anos. De outra parte, no campo da análise, a dificuldade a complexidade e a diversidade de temas/assuntos constantes nos livros. Também a presença de obras em outros idiomas (inglês, italiano, francês, espanhol) revelou-se, neste trabalho, um problema. Por estas razões, este trabalho pretende apenas indicar um caminho possível, mais ainda não trilhado, para se conhecer a personalidade de Dom Helder.

As informações biográficas e, principalmente, bibliográficas reunidas no primeiro capítulo pretenderam contribuir para que o leitor pudesse ir formando a imagem de intelectual, sem a necessidade de desconstruir a imagem de religioso de Dom Helder. Ou seja, para que a imagem religiosa deixasse transparecer a imagem intelectual que sempre existira por trás do padre, mas que ficara em segundo plano na imagem que o público formou sobre ele. Não se pode perder de vista, como seus críticos muitas vezes perdem, por trás do religioso que falava com os anjos existia um intelectual profundo e rigoroso.

A escolha das bibliotecas como objeto de estudo deste trabalho também se deve ao fato de que, ler as cartas circulares, principalmente, as que foram escritas a partir de 1968, é dar-se conta de que Dom Helder nunca trabalhou intelectualmente sozinho. Desde sua ordenação e mesmo um pouco antes, seus trabalhos são realizados sempre em parcerias. Com Severino Sombra, na fase integralista, com Lourenço Filho, durante a transição para o Rio de Janeiro, com Alceu Amoroso Lima, quando se tornou publicista, com Virgínia Côrtes de Lacerda, aprimorando e ampliando suas aquisições literárias. Depois, a maturidade adquirida a partir das experiências profissionais, espirituais e literárias vão confirmar esse hábito. Quem analisa a postura de Dom Helder durante esses períodos dá-se conta que uma das características mais marcantes no agir do padre conciliar brasileiro era a sua capacidade, eficiência e eficaz de trabalhar com a colegialidade. Isso fica evidente quando se percebe o esforço feito por ele para conduzir e colocar a par do contexto das discussões conciliares o episcopado brasileiro, organizando a hospedagem coletiva dos bispos na *Domus Mariae* e todo um programa de formação para seus colegas sugerindo leituras e organizando as chamadas conferências das *Domus Mariae*. Ele não as proferiu, mas fez os contatos com os maiores teólogos da época às fizessem.

Ainda durante o Concílio, depois de transferido como arcebispo residencial de Olinda De Recife ele não só enviava as circulares e os livros anotados, senão as minutas de seus discursos para que os textos fossem construídos em conjunto com sua “Família”. Este hábito torna-se mais significativo quando se recorda das condições políticas e culturais da época. Em primeiro lugar, tratava-se de um sacerdote, ocupante de um alto posto na hierarquia eclesiástica, que se permitia consultar e receber sugestões de ideias para seus textos, de leigas, de jovens, de não-católicos e, até mesmo, de ateus. Do ponto de vista político, trabalhar com Dom Helder nos anos do regime militar significou para muitos ganhar a perseguição e a antipatia políticos, jornalistas, militares e, em certa medida, da Igreja. Tratava-se de um trabalho silencioso, feito à sombra, que não teria deixado muitos traços, não fosse o hábito do arcebispo de tudo anotar, de tudo guardar. Hábito que a “Família” respeitou e conservou. As circulares analisadas a partir desta perspectiva indicam que ele foi um homem perspicaz, sensível aos acontecimentos de seu presente histórico, com os olhos postos no futuro e, rodeado de gente tão

perspicaz quanto ele, capaz de entendê-lo, encorajá-lo, impulsioná-lo e freá-lo, quando necessário, e que faz tudo isso sem aparecer para o grande público.

O professor Luiz Carlos Marques usa uma expressão para indicar a leitura que os críticos de Dom Helder faziam dele, talvez por desconhecer o quão profundas eram as colunas de fé e de cultura sobre as quais ele construía suas ações: “ora um incomodo fantoche [...] ora um perigoso articulador” (MARQUES, 1999. p.118-119). Guardadas as devidas proporções, a leitura das circulares levam a pensar que muitas vezes o próprio arcebispo de comportava assim, propositadamente. Algumas vezes deixando-se frear ou mudar de rumo escutando as razões dos seus colaboradores, as vezes passando por cima delas. As sucessivas versões do célebre discurso feito em Paris, em 1970, mostram isso claramente.

Devido as limitações de uma dissertação de mestrado, optou-se por apresentar, como exemplo de análise futura das bibliotecas de Dom Helder, apenas dois livros, entre os tantos possíveis, para ilustrar as distintas fases da interação deste leitor com suas obras, e da relação com seus interlocutores. O primeiro livro, **Diario intimo de una adolescente**, de Aníbal Ponce, foi selecionado pela riqueza do diálogo que se estabeleceu, a partir de suas páginas, entre Virgínia e Pe. Helder. Este não foi o primeiro livro que leram juntos, mas é um dos mais sugestivos. Também é ilustrativo de uma fase da vida de Dom Helder em que ele esta começando as atividades de docência e, em que, das disciplinas que ministrava, a que mais gostava era aquela que tratava sobre o comportamento dos adolescentes, dos jovens. Inclusive sobre o tema ele escreveu dois artigos que acabaram se tornando referência para sua contratação pela Faculdade das Irmãs Ursulinas.

A influência literária e intelectual de Virgínia sobre ele não pode ser medida por um único livro, o que se pretendeu, apresentando Ponce, foi mostrar como eles se correspondiam, *via livro*, e como as sugestões e os comentários surgiam. A indicação do livro neste trabalho, possa ser entendida como a apresentação, o primeiro, contato com esse *modus operandi* de Virgínia e Helder.

Já o livro de Jean Guitton, **Diálogos com Paulo VI**, foi lido por um Helder solitário, angustiado e, porque não, revoltado. Aqui o interlocutor é um silencioso Paulo VI, que não só não estava junto a ele, a exemplo de Virgínia, para responder

às suas inquietações, como depois de Papa, passara a escutar, titubeante, as acusações da Cúria, dando a impressão de haver perdido aquela confiança que fora construída entre ele e Dom Helder desde os anos de 1950. A escolha do livro busca compreender como Dom Helder reagiu à carta de 1969 do Secretário de Estado, o cardeal Benelli, que pretendia impedi-lo de viajar para fora do Brasil. Este é um fato confuso na biografia de Dom Helder, pois até a recente transcrição das anotações feitas nas margens das páginas deste livro, não se tinha uma clara ideia de como, realmente, esta correspondência havia abalado o arcebispo de Olinda e Recife. Agora se sabe, por exemplo, o porquê de ter sido José de Broucker, jornalista francês e amigo pessoal de Dom Helder, o autor da denúncia pública dessa censura romana. Ele pode fazê-la porque Dom Helder lhe enviou imediatamente um exemplar em francês dos Diálogos com Paulo VI com as anotações originais (que Dom Helder teve o cuidado de transcrever na versão portuguesa, hoje em poder Instituto Dom Helder Camara).

O que se buscou ao apresentar o livro é mostrar elementos deste leitor maduro que era Dom Helder ao chegar a Olinda e Recife. Talvez pela idade, ou pela autoconfiança emocional e psicológica, ou pela maturidade intelectual, o que se lê nas margens das páginas deste livro é o testemunho de um homem que, diante de circunstâncias históricas e eclesiais ímpares, expõe-se em suas mais angustiantes e sinceras críticas.

A continuação sistemática deste caminho, que aqui se propôs talvez possa apresentar uma figura humana de Dom Helder surpreendentemente próxima de nós. Seria, quem sabe, a tentativa de conhecer o homem que habitou por baixo da batina do religioso, ou esteve por trás do professor, do político, do orador, do defensor dos direitos humanos, e aí descubra-se que ele foi, na verdade, um grande leitor.

Para compor as tantas biografias de Helder, esquadriharam-se as estantes. Circulares, discursos, homilias, transcrições dos programas de rádio foram sistematicamente lidas. Mas talvez nada se compare à riqueza das anotações feitas às margens dos livros por ele lidos com paixão. Elas apresentam outro Helder, um leitor muito atencioso, capaz de dedicar várias horas à leitura. Estudar os livros que compuseram a formação do pensamento helderiano pressupõe analisar cada livro

de forma a extrair dele muito mais do que está escrito, buscando a essência da relação entre o livro e o leitor.

REFERÊNCIAS

Arquivos sonoros citados

- AMARANTE, Maria Luiza. **O homem e sua biblioteca**. Rio de Janeiro, 08 de jul. 2001. (Entrevista inédita concedida ao Centro de Documentação Dom Helder Camara – CeDoHC)
- BANDEIRA, Marina. **O homem e sua biblioteca**. Rio de Janeiro, 06 de jul. 2001. (Entrevista inédita concedida ao Centro de Documentação Dom Helder Camara – CeDoHC)
- GAYE, Marvin; TERRELL, Tammi. Ain't No Mountain High Enough. Nockolas Ashofrd e Valerie Saimpson [Compositores]. *In*:_____. **United**. Michigan: Hitsville USA (studio A),1967. Long Play. Faixa nº 7 (2 min e 28seg).

Circulares citadas

- CAMARA, Helder Pessoa.**33ª Circular Após-Concílio**. 30/31.1.1966. Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **263ª Circular Após-Concílio**. 15/16.7.1967, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 12 fl.
- _____. **285ª Circular Após-Concílio**. 25/26.8.1967, Fortaleza. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **560ª Circular Após-Concílio**. 6/7/8/1969, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **569ª Circular Após-Concílio**. 22/23.8.1969, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **602ª Circular Após-Concílio**. 3/4.11.1969, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **167ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial**. 30/31.12.1970, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **176ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial**. 07.1.1971, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **344ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 2ª fase: apelo às Minorias Abraamicas**. 16/17.1.1972, New York (USA). À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 11 fl.
- _____. **347ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 2ª fase: apelo às Minorias Abraamicas**. 25/26.1.1972, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 06 fl.
- _____. **54ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas**. 28/29.11.1972, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **55ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas**. 29/30.11.1972, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03fl.
- _____. **96ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas**. 24/25.1.1973, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.
- _____. **133ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas**. 05/06.7.1973, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 04 fl.
- _____. **201ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas**. 2/3.1.1974, Recife . À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 10 fl.

_____. **208ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas.** 6/7.2.1974, Lucerna (Suíça). À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 05 fl.

_____. **219ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas.** 4/5.3.1974, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 05 fl.

_____. **250ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas.** 3/4.8.1974, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.

_____. **393ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraamicas.** 10/11.7.1976, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.

_____. **27ª Circular Abertura da A.J.P. para o plano mundial 4ª fase: Após a partida de Frei Leão – 3ª Viagem Internacional de 1978.** 08/09.8.1978, Paris. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 03 fl.

Discursos citados

CAMARA, Helder Pessoa. **Mensagem Na tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife.** 12 de abril de 1964, Recife. 10 fl. Mimeografado.

_____. **Universidade, cristianismo e Marxismo.** 19 de dezembro de 1966, Caruaru (PE). 05 fl. Mimeografado.

_____. **Resposta fraterna ao “Black Manifesto”.** Janeiro de 1970, Detroit (USA). 06fl. Mimeografado.

_____. **Quaisquer que sejam as consequências.** 26 de junho de 1970, Paris. 05 fl. Mimeografado.

Manuscritos citados

CAMARA, Helder. **Declarações testamentárias.** Fortaleza, 24 de março de 1943. 04fl.

Meditações citadas

CAMARA, Helder. **A escolha de Deus.** Fortaleza, 23 de março de 1943.

Padre José (Helder Pessoa Camara). **Em tua biblioteca.** Tóquio, 14 de abril de 1987. Meditação nº 7.250, vol.48. Mimeografado.

_____. **Livros lidos.** Recife, 26 de agosto de 1990. Meditação nº 7360, vol. 49. Mimeografado.

Periódicos citados

CAMARA, Helder. Um mestre brasileiro da pedagogia do catolicismo. *In: Revista Eclesiástica Brasileira – REB.* Rio de Janeiro, setembro de 1941. Editora: Vozes. V.1. fasc.3. 395-409p.

_____. D. Hélder aceita o desafio da violência. [Editorial] *Fatos e fotos.* n.379. Brasília, 09 de maio de 1968. Entrevista concedida a Adelaide Ferreira. 08-12p.

Bibliografia citada

ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História dos concílios ecumênicos.** São Paulo: Paulus, 1995

- ARDUINI, Cônego Juvenal. **O Marxismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1965.
- BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo:HUCITEC, 2007.
- CAMARA, Helder. **Les conversions d'un Evêque**: entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002
- _____. **Las conversions de un Obispo**: conversaciones con José de Broucker. Santander: Editorial Sal Tarrae, 1985.
- _____. **Vaticano II**: Correspondência Conciliar Circulares à Família do São Joaquim 1962-1964. Recife: Editora Universitária UFPE, 2004. Introdução e notas: Luiz Carlos Luz Marques. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.1, t.1
- _____. **Circulares conciliares**: de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009b. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 1, t. 2.
- _____. **Circulares interconciliares**: de 11/12 de abril a 9/10 de setembro de 1964. Zildo Rocha (Org.) Recife: CEPE, 2009d. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.2, t.1.
- _____. **Circulares pó-conciliares**: de 31 de maio/1º de junho de 1966 a 26/27 de dezembro de 1966. Zildo Rocha e Daniel Sigal (Orgs.) Recife: CEPE, 2012b. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.3, t.2.
- _____. **Circulares conciliares**: de 10/11 de setembro a 7/8 de dezembro de 1965. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009c. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 2, t. 3.
- _____. **Circulares interconciliares**: de 18/19 de abril de 1965 a 31 de agosto de 1965. Zildo Rocha (Org.) Recife: CEPE, 2009f. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.2, t.3.
- CAMARA, Helder; PENA FILHO, Carlos. **Entre linhas**. Recife: CEPE, 2009.
- DONNE, John. **Meditações**: extraídas a partir das “Devoções para Ocasões Emergentes”. São Paulo: Landmark, 2007.
- ECO, Umberto **A memória vegetal**: e outros escritos de bibliofilia. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FAUSTO, Boris. Igreja e Sociedade. *In*: **História Geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930) _____. (Org.). Rio de Janeiro: Difel, 1977. v.2, t.3. 323 – 342p.
- FRENCKEN, Geraldo. **Em Missão**: Padres da Congregação da Missão (Lazaristas) no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- GARCIA, Luciano Nicolás. La obra psicológica de Aníbal Ponce. **Anu. investig.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2013 . Disponível on-line via:
<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862009000100056&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 25 de janeiro de 2013
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- _____. **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos 1916 – 1935. Carlos Nelson Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GUITTON, Jean. **Diálogos com Paulo VI**. Lisboa: Livros do Brasil, 196?

IGLÉSIAS, Francisco. Estudo sobre o pensamento reacionário: Jackson de Figueiredo. *In: _____*. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 109-158.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. As muitas facetas da “figura conciliar” de Dom Helder Camara. *In: Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Zildo Rocha (Org.). Petrópolis: Vozes, 1999. 112-122p.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: UNESP, 2005

PILLETI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia**. São Paulo: Ática, 1997

PONCE, Aníbal. **Diário íntimo de uma Adolescente**. Buenos Aires: Editor El Ateneo, 1943.

Bibliografia recomendada

ALENCAR, Francisco A.S. Duarte. **Dom José Lamartine: o pastor do silêncio**. São Paulo: Paulinas, 1994.

ARAGÃO, Gilbraz. **Encontros de Irmãos: fragmentos de história**. Recife: CENDHEC, 1994.

BEOZZO, José Oscar. **A igreja católica do Brasil no Concílio Vaticano II 1959 - 1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BROUCKER, José de. **La violence d'un pacifique**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1969.

_____. **Les nuits d'un prophète: Dom Helder Camara à Vatican II**. Paris: Editions du Cerf, 2005.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Tópicos para entender a atuação de Dom Helder Camara como Arcebispo de Olinda e Recife. *In: II Semana de Integração Universidade-Sociedade*, 2004, Recife. Anais da Mostra de Iniciação Científica da II Semana de Integração Universidade-Sociedade. Recife: FASA, 2004. p. 720-734.

_____. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** Histórias e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2008.

CAMARA, Helder. **Mil razões para viver: meditações do Pe. José**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. **Nossa Senhora no meu caminho: meditações do Pe. José**. São Paulo, Paulinas, 1981.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982

CERTEAU, Michel de; GIRARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Elcias Ferreira da. **Dom José Cardoso Sobrinho: a vitória da fé**. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

CREMONA, Carlo. **Paulo VI: construtor de futuro**. São Paulo: Paulinas, 1997.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Hucitec, 1992.

FREIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do Cônego**. Belo Horizonte: Livraria Cultural Brasileira, 1945.

GOMES, Christiane Teixeira; MARQUES, Luiz Carlos Luz. Ações ecumênicas articuladas por Dom Helder e líderes protestantes na primeira fase da ditadura militar (1964-1974). *In:*

Dom Helder Camara: profeta, cristão e padre da Igreja. João Luiz Correia Júnior; Luiz Carlos Luz Marques e Marcos Roberto Nunes Costa (Org.) Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000. 65 – 78p.

LEÃO, Jordana Gonçalves. **Fragmentos de um “diário”:** algumas considerações sobre a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara. Recife: Bagaço, 201

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Papas:** trajetórias e testemunhos. Recife: Bagaço, 2008.

MORRIS, Fred. A importância da vida e do ministério de Dom Helder Camara. *In:* Rocha, Zildo (org.) **Helder, o Dom:** uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. 89-90p.

PAZ, Jailson Sousa da. **Cristãos e comunistas, uma só defesa:** história da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife (1977-1980). 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005

PETIT, Michelè. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: E. 34, 2009.

PILLETI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara:** o profeta da paz. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ROCHA, Zildo (Org.). **Helder, o Dom:** uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCWARCZ, Lilian Mortiz. **A longa viagem da biblioteca dos reis:** do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe:** os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006.

RAYBACK, Timothy W. **A biblioteca esquecida de Hitler:** os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Bibliografia consultada

BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964):** anotações para uma história da Igreja no Brasil (Ensaio de interpretação). Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BELO, André. **História & livro e leitura.** 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BORGES, Jorge Luís. **Outras inquisições:** (1952). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCK, Mark Léopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BRUNEU, Thomás C. **Catolicismo brasileiro em época de transição.** São Paulo: Edições Loyola, 1974.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- CAMARA, Helder. **Circulares conciliares:** de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009a. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 1, t. 1.
- _____. **Circulares conciliares:** de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009b. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 1, t. 2.
- _____. **Circulares interconciliares:** de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965. Zildo Rocha (Org.) Recife: CEPE, 2009e. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.2, t. 2.
- _____. **Circulares pó-conciliares:** de 09/10 de dezembro de 1965 a 30/31 de maio de 1966. Zildo Rocha e Daniel Sigal (Orgs.) Recife: CEPE, 2012a. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.3, t.1.
- _____. **Circulares pó-conciliares:** de 31 de dezembro de 1966/1º de janeiro de 1967 a 29/30 de julho de 1967. Zildo Rocha e Daniel Sigal (Orgs.) Recife: CEPE, 2012c. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.3, t.3.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia:** ensaios. Bauru: EDUSC, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998. (Prismas).
- _____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: UNESP, 2002.
- DARTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica:** memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916 – 1985).** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **A cidade das palavras:** as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e história da educação.** 15. ed. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2001.
- RIBEIRO, Marília de Azambuja. Livros defesos e bibliotecas privadas no Brasil em finais do sec. XVI. *In:* MONTENEGRO, Antonio Torres. *et al.* (Org.). **História:** Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008. P. 107-120.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Web sites recomendados:

Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes de Lacerda, disponível on-line via:
www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/docs/anotacoes.doc

A Igreja Católica e a Educação do Brasil: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação. Disponível on-line via: http://www.scientiaplena.org.br/sp_v3n5p180_185.pdf.

Obra “reflexões sobre a vaidade do homem”, de Matias Aires Ramos da Silva de Eça. Disponível on-line via: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me002989.pdf>

ANEXOS

ANEXO A

Caderno de Ilustrações, cujas fotos pertencem ao acervo do Instituto Dom Helder Camara - IDHeC



Imagem 01: Foto de Helder Camara na sua Primeira Comunhão, Igreja da Prainha Fortaleza, 28 de setembro de 1918

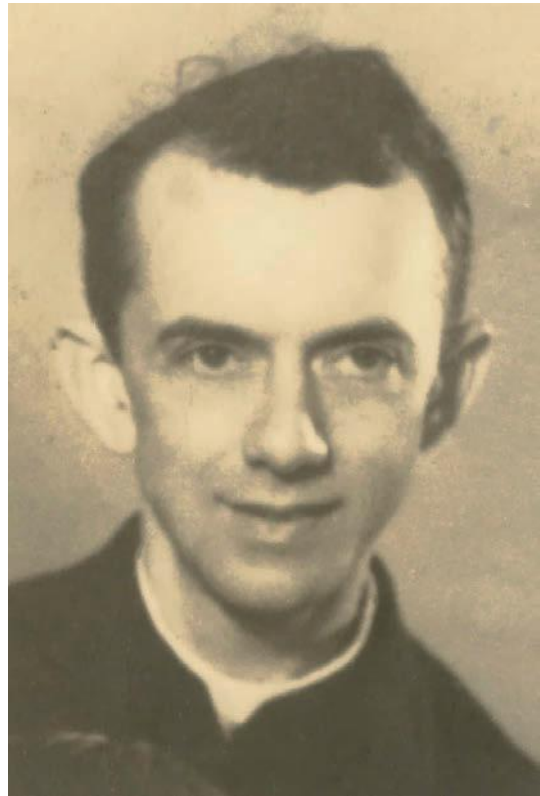



Imagem 02: Foto do recém-ordenado sacerdote, em 1931





ANEXO A

No. _____

"VIA WESTERN MADEIRA 16500"
THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.
 (CABO SUBMARINO)

A via telegraphica directa para todos os paizes da Europa, da Asia, das Americas do Norte, Central e do Sul, da Africa, e da Oceania, e para os Principaes Estados do littoral do Brasil.



Circuito: 	Empregado: 	Hora Rec.: 	
---	--	--	--

N.B.—As empresas telegraphicas não accettam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegraphia

DN43 CEARA 52 23 1551 =
 LOURENCO FILHO RUA MARIS
 BARROS 227 RIO =
 IMPERATIVO CONCIENCIA ABANDONEI
 DIRETORIA INSTRUCAO FACE ARBITRARIEDADI
 GOVERNO ANSEIO TODAVIA TRABALHAR
 EDUCACAO CUJA CAUSA SINTO POSSO SER
 UTIL HORRIVEL PRESENCIAR MORTE MEUS
 SONHOS EXULTARIA AMIGO CONSEGUISSSE
 CAPANEMA MARGEM COLABORAR INSTITUTO OL
 MINISTERIO SOLICITARIA CONVITE SEU RIM

Imoers linha d'este telegramma contem as informoões segundas e teroas e quardas e quintas e sextas e sabados e domingos e feriados e dias de concessão de férias. Data original. Nota de apresentação conforme as regras de serviço. Observações.

Imagem 03: Cópia do telegrama enviado pelo Pe. Helder ao Prof. Lourenço Filho, em 23 de novembro de 1935

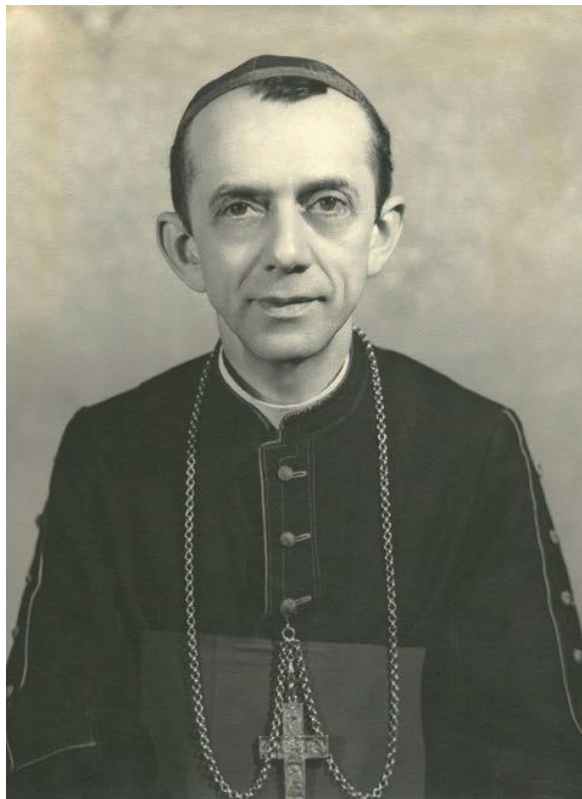


Imagem 04: Foto do recém sagrado bispo Dom Helder, Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1952

ANEXO A

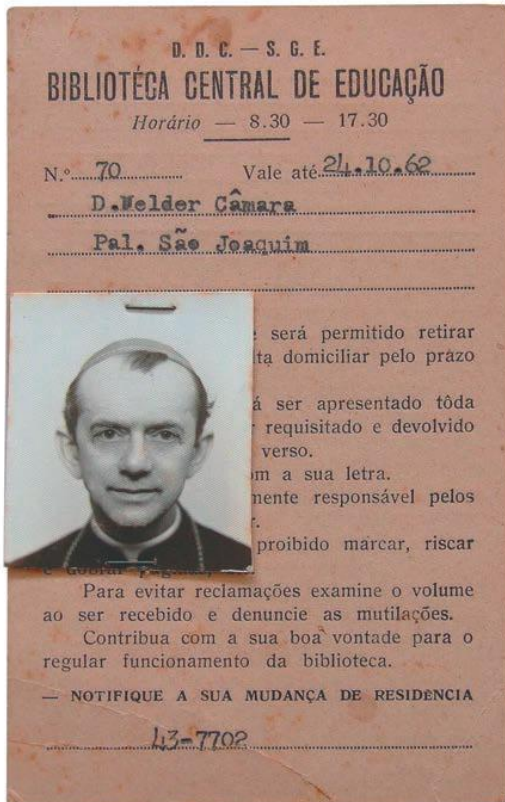


Imagem 05: Cópia da carteira da Biblioteca Central de Educação de Dom Helder



Imagem 06: Foto de Dom Helder numa das sessões do II Período Conciliar, Roma 1963

ANEXO A



Imagem 07: Foto de Dom Helder Camara paramentado como Arcebispo de Olinda e Recife



Imagem 08: Foto de Dom Helder trabalhando em Recife, 1970

ANEXO A

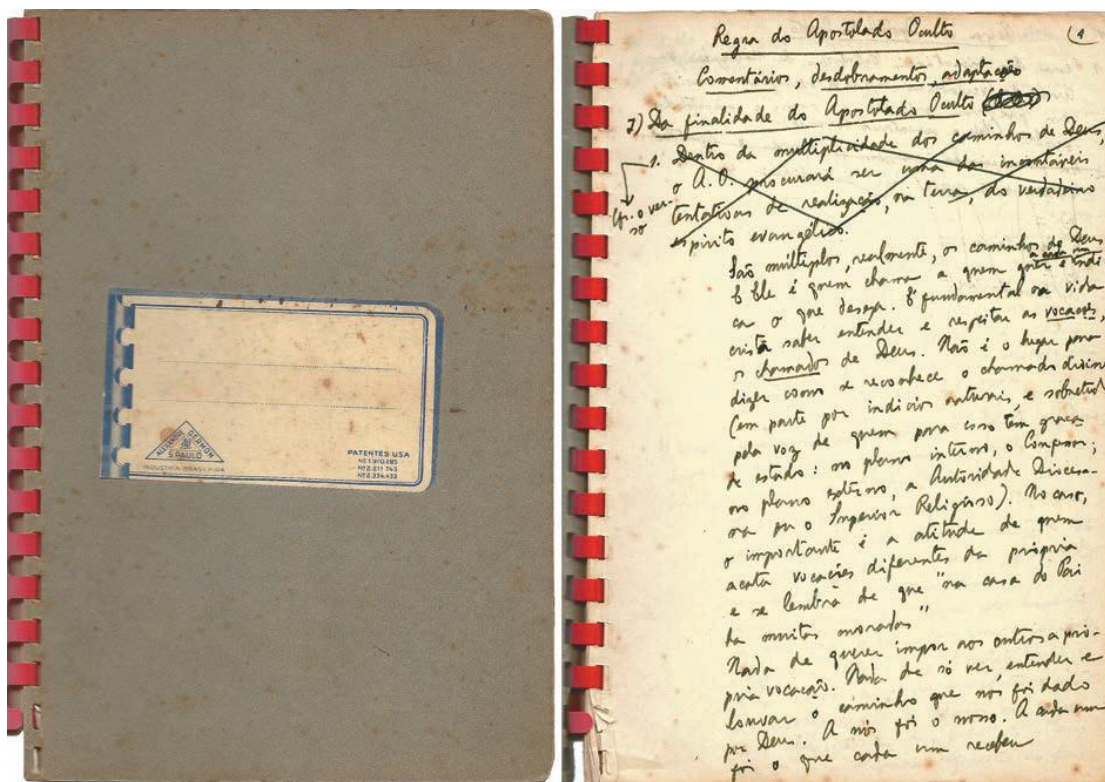


Imagem 09: Capa e primeira página do caderno de anotações, "Regra do Apostolado Oculto"



(Fonte: Centro de Estudos Virginia Cortes de Lacerda - UERJ)

Imagem 10: Cópia da foto de Virginia Cortes de Lacerda

ANEXO A



Imagem 11: Foto de Dom Helder com Alceu Amoroso Lima



Imagem 12: Foto de parte das estantes da Biblioteca Carioca, de Pe. Helder Camara

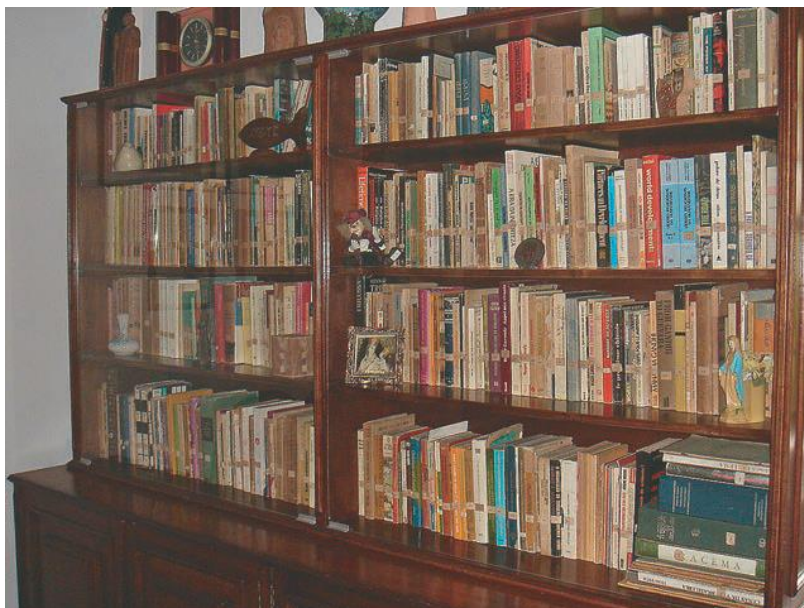
ANEXO A

Imagem 13: Foto de parte das estantes da Biblioteca Recifense, de Dom Helder Camara

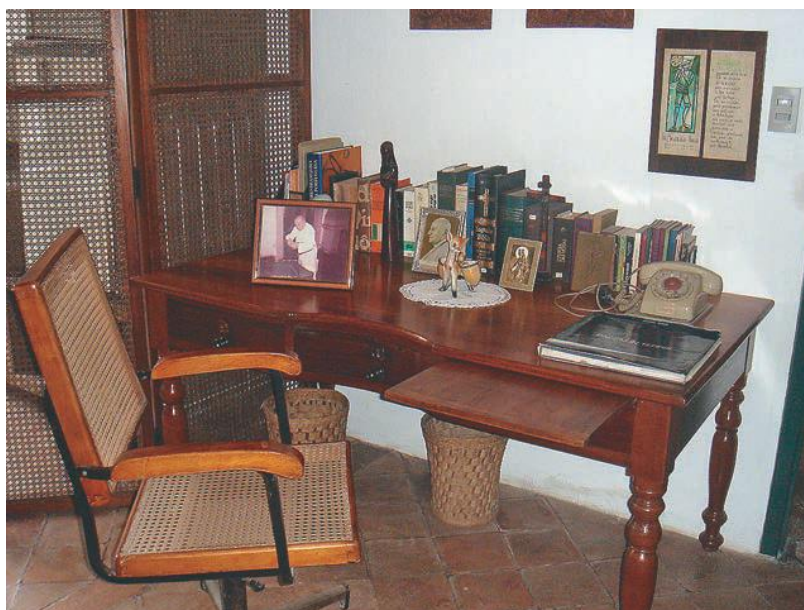


Imagem 14: Foto da mesa de trabalho, na residência de Dom Helder em Recife, Igreja das Fronteiras

ANEXO A

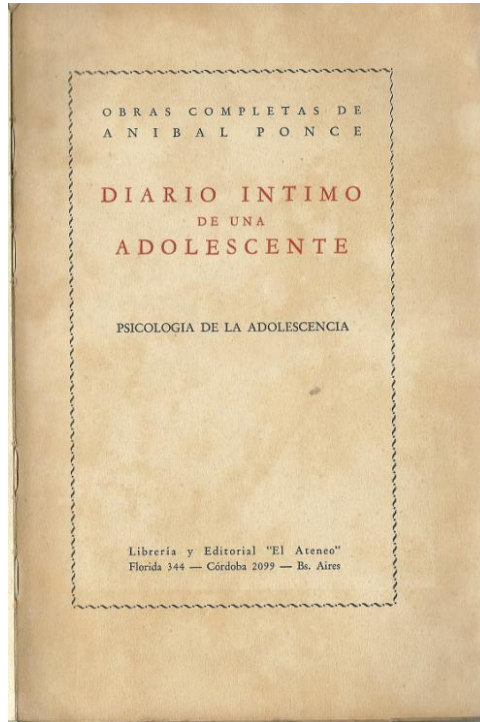


Imagem 15: Capa do livro: Diário íntimo de uma adolescente, de Aníbal Ponce. Lido e anotado por Pe. Helder e Virgínia Cortes de Lacerda em janeiro de 1944

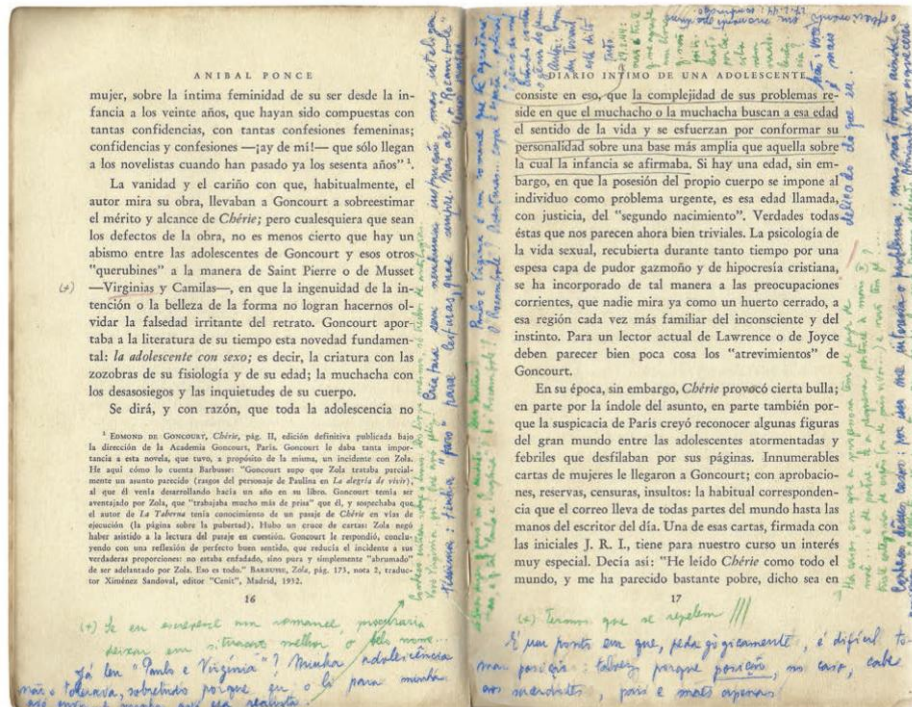


Imagem 16: Anotações manuscritas feitas por Pe. Helder (destacas dur em verde) e Virgínia Côrtes de Lacerda (destacadas de azul claro) nas margens das páginas 16 e 17 do livro de Aníbal Ponce, "Diário íntimo de una adolescente"

ANEXO A

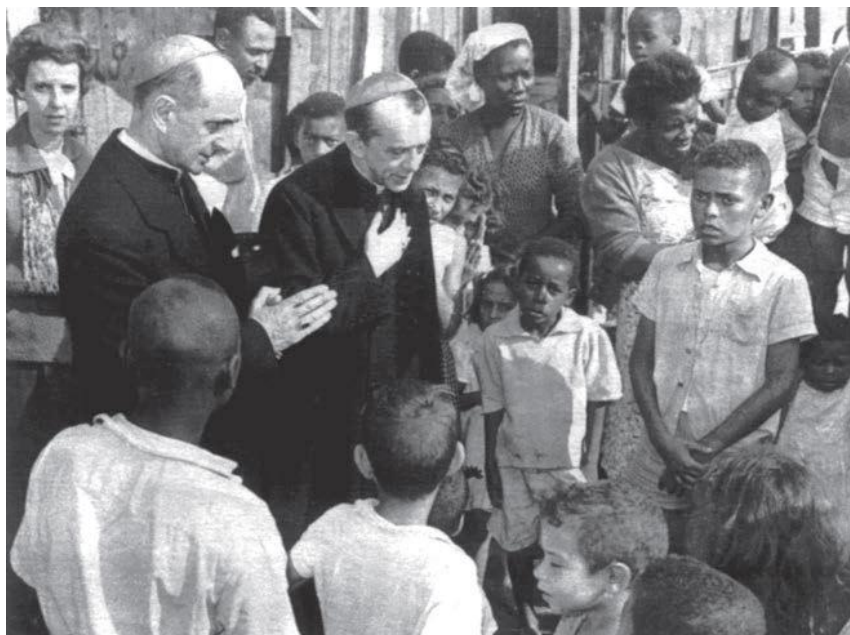


Imagem 17: Foto de dom Helder com o cardeal Giovanni Battista Montini, em visita aos moradores da favela do Pinto, junho de 1960

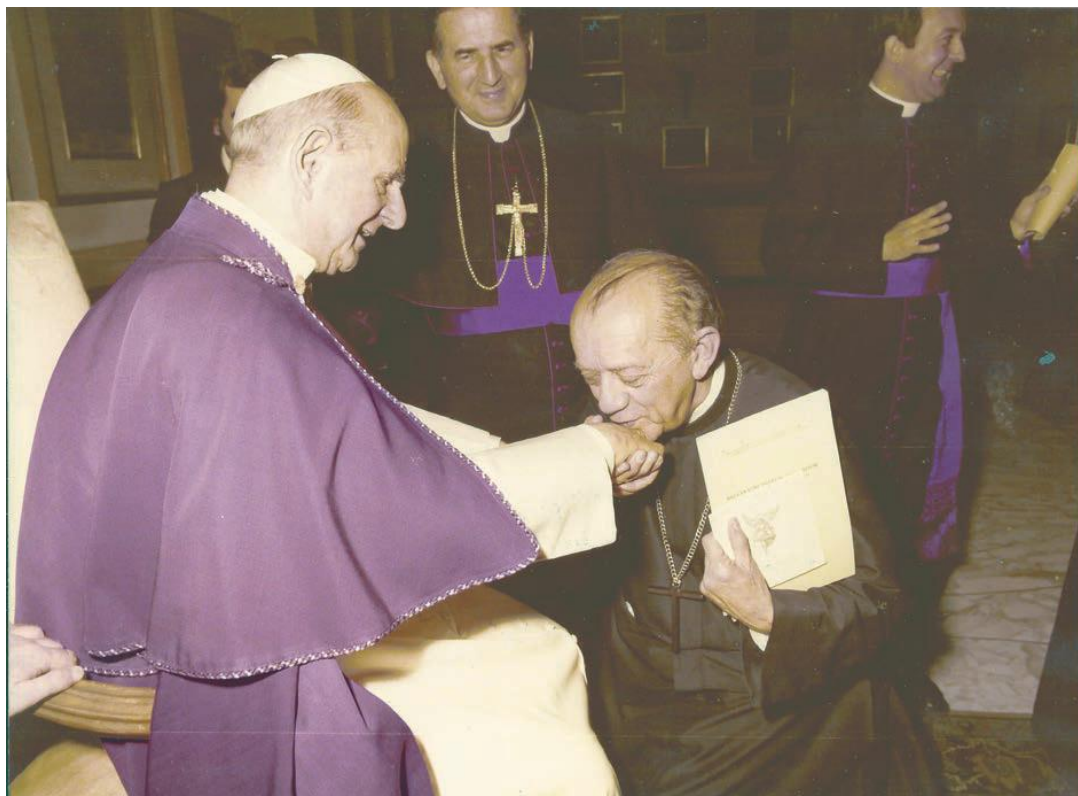


Imagem 18: Foto de dom Helder durante a audiência com o Santo Padre Paulo VI, em 25 de outubro de 1974, ao terminar o 3º Sínodo dos Bispos

ANEXO A

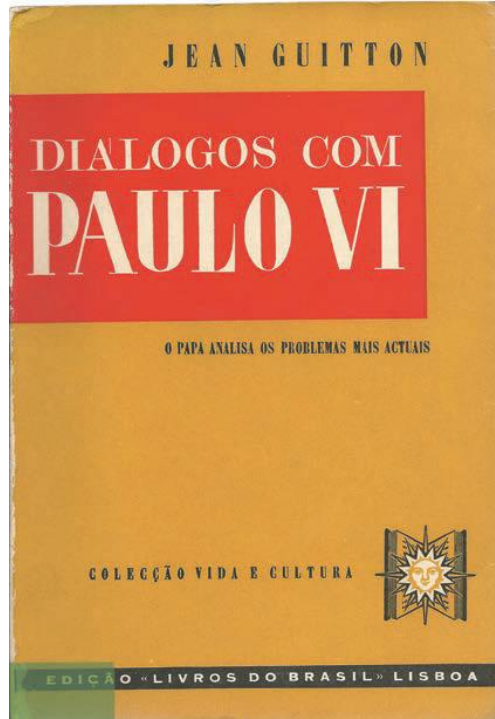


Imagem 19: Capa do livro: Diálogos com Paulo VI, de Jean Guitton, lido e anotado por dom Helder em junho de 1969

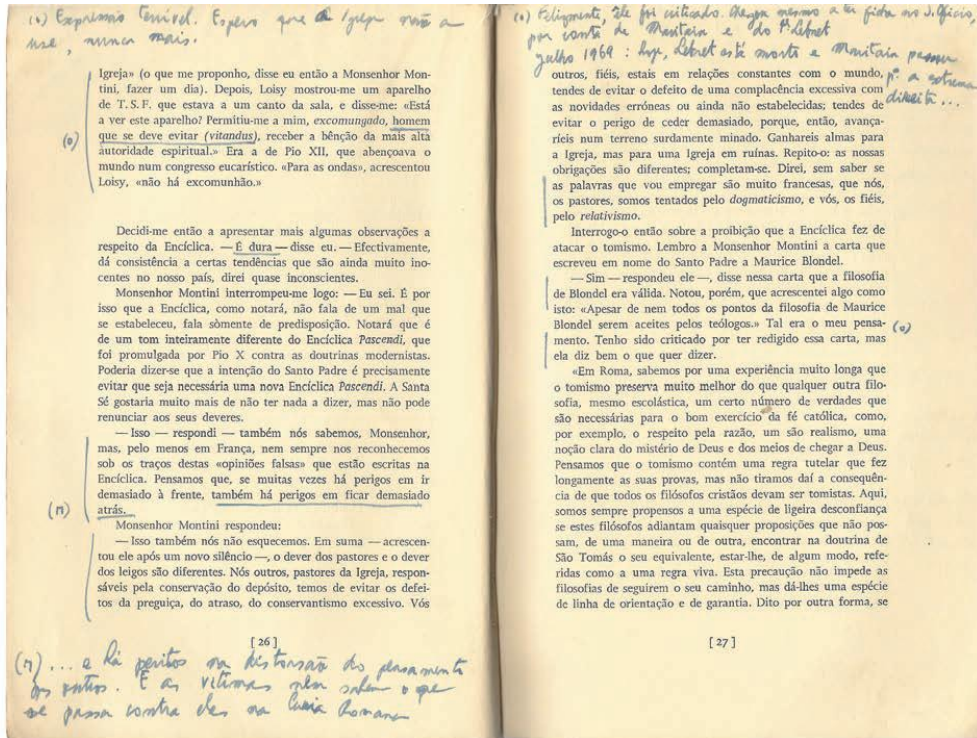


Imagem 20: Anotações manuscritas feitas por dom Helder nas margens das páginas 26 e 27 do livro, de Jean Guitton, "Diálogos com Paulo VI"

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 395

Um mestre brasileiro de pedagogia
do catecismopelo Padre Helder Camara, Assistente Eclesiástico do Secretariado
de Educação da Ação Católica Brasileira, Rio de Janeiro

Sumário

- I) Introdução
- II) Fundamentação doutrinária
 - 1) Unidade, síntese e estrutura
 - A) A lei de síntese e a psicologia contemporânea
 - B) A lei de síntese e a doutrina integral
 - 2) Leis de aprendizagem
 - A) O que há de aproveitável nas leis de aprendizagem
 - B) As leis de aprendizagem e a catequese
 - 3) Maturidade
 - A) A maturidade e a conduta
 - B) A maturidade e a catequese
- III) Realizações práticas
 - 1) Curso de admissão
 - 2) Curso secundário
 - A) "A doutrina viva"
 - B) "Caminho da vida"
 - C) "As fontes do Salvador"
 - 3) "A educação sexual"
- IV) Conclusão

I) Introdução

Em um paralelo entre a prata de casa e a prata estrangeira, é natural que sejamos levados a sub-estimar o que é nosso, em favor do que importamos. Poderá o Brasil, no momento, competir com os grandes centros culturais?

Meditando nessa tendência muito humana, pedimos vênias* para apresentar uma sugestão aos prezados colegas: vamos examinar, juntos, as publicações do Pe. Álvaro Negromonte, mas fazendo de corça¹ que ele escreveu em inglês ou alemão, em francês ou espanhol.²

Não será difícil concluir que estamos diante de um escritor invulgar, que sabe o que deseja e executa, com segurança, o que sabe.

II) Fundamentação doutrinária

Recordemos alguns princípios de psicologia, cujas consequências são vantajosas para os educadores. Veremos, oportunamente, que o Pe. Álvaro Negromonte os conhece e os utiliza, com segurança, nos seus escritos.

1- Conta
2- Espanhol

*

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

396 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

1) *Unidade, síntese e estrutura*

A) *A lei de síntese e a psicologia contemporânea*

Georges Dwelshauvers (1), salientando as grandes diretrizes da vida mental, anota, em primeiro lugar, a lei de síntese. Nenhum fato psíquico se compõe de elementos. Há sempre sínteses: Sensíveis (imagens, associações, noção de espaço e de tempo), funcionais (memória, atenção, imaginação, linguagem), ou superiores (pensamento, vontade). Como consequência dessas sínteses, se deduz a ação unitária da pessoa humana. Não há matérias de memória, de imaginação ou de raciocínio. Para a aprendizagem de qualquer matéria o homem todo se move.

B) *A lei de síntese e a doutrina integral*

Essa verdade, conhecida por Sto. Tomaz de Aquino e pela filosofia medieval (2), foi esquecida pela filosofia moderna (3) e só contemporaneamente está sendo redescoberta.

Uma das notas dominantes dos livros do Pe. Álvaro Negromonte é a preocupação de informar a vida *toda* pela doutrina *toda*, sem distinguir a verdade que se deve *crer*, o preceito que se deve *cumprir*, o culto a que se deve *assistir*. Tudo é unido em uma *doutrina integral* que se deve *viver*.

Data de 1938 a 1ª edição de *Pedagogia do catecismo* (4), livro em que o Pe. Álvaro Negromonte sistematiza tudo o que de melhor vinha ensinando sobre catequese, desde 1936, pelas páginas do *Boletim Catequético* (5). No *Boletim* (6) e na *Pedagogia do catecismo* (7) está patente o cuidado com a doutrina integral.

1) Dwelshauvers, Georges: *Traité de psychologie*, ch. premier. Payot. Paris. 1934.

2) *Sum. Theol.* Ia., LXXVI, 1, ad resp; Ia., LXXV, 3, ad resp; Ia. LXXV, 4, ad resp.

3) Dwelshauvers, Georges: *La synthèse mentale*, p. 179 et suiv. F. Alcan. Paris. 1931.

4) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, 1ª edição. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1938.

5) *Boletim Catequético*, ano I, nº 1, abril de 1936. Rua Sergipe, 361. Belo Horizonte. Endereço atual: rua Cláudio Manoel, 1141. Belo Horizonte.

6) *Boletim Catequético*. Cfr., entre outros nos.: Ano I, nº 2, págs. 3-5; nº 4, pág. 6; nº 7, págs. 10-12; Ano II, nº 16, págs. 6-7; Ano III, nº 25, pág. 5; Ano IV, nº 42, págs. 10-11; Ano V, nº 42, pág. 1; Ano VI, nº 51, págs. 1-4.

7) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, 2ª edição, op. cit. 1ª parte.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 397

2) Leis de aprendizagem

A) O que há de aproveitável nas leis de aprendizagem

São célebres, hoje em dia, as chamadas leis de aprendizagem, descobertas e defendidas por E. L. Thorndike (8). Elas se acham, inteiramente, dentro do behaviourismo — psicologia que reduz tudo no homem a reflexos, isto é, a respostas do organismo (9).

A aprendizagem para Thorndike consiste "em reagir muscularmente, mentalmente, emocionalmente — em suma, de todos os modos possíveis ao nosso organismo — a situações que são sempre complexas". E continua: "O progresso na aprendizagem consiste na seleção e organização das reações que trazem satisfação e na eliminação das que são desagradáveis" (10).

Temos restrições sérias a fazer ao behaviourismo. O homem não é um mero conjunto de reflexos, o que não importa em negar que haja reflexos no homem.

Convém que examinemos as leis de aprendizagem. Teremos necessidade, aqui e ali, de corrigi-las e completá-las. Mas há nelas um fundo aceitável.

1ª) A aprendizagem é um processo ativo

"A aprendizagem é sempre um *progresso ativo*". Não é mera recepção passiva. Consequência pedagógica: necessidade de motivação. Sem se conseguir despertar o interesse do educando, sem se obter a sua colaboração não é possível contar com verdadeira aprendizagem.

Até aqui, nenhuma novidade. Já Sto. Tomaz de Aquino lembrava, em múltiplas passagens, o papel ativo da inteligência (11), sem esquecer a necessidade de partir dos sentidos, do material (12).

2ª) Lei do efeito

"O indivíduo tende a repetir e a aprender depressa as reações que são acompanhadas ou seguidas por um efeito satisfatório e tende a não repetir, logo a não aprender as reações que

8) Thorndike, E. L.: *Fundamentals of learning*. Columbia Univ. Teach. Coll. Bur. Publ. N. York. 1932.

9) Watson, J. B.: *Behaviourism*. People's Instit. Publ. Co. N. York. 1924.

10) Thorndike, E. L. e Gates, A.: *Princípios elementares de educação*, p. 120. Trad. port. Saraiva & Cia. S. Paulo. 1936.

11) *De anima*, qu. un. art. 4, ad resp.: qu. un. art. 5, ad resp. *Sum. Theol.*, I.ª, LXXIX, 3, ad resp.

12) *De veritate*, X, 8, ad resp. *Sum. Theol.*, I.ª, LXXXVII, 1, ad resp.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

398 C a m a r a, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

são acompanhadas ou seguidas por um desagradável estado de coisas".

"*Tende*: mas o homem não é um juguete de suas tendências. Na medida do possível, convém pensar no efeito agradável, satisfatório, desde que isso não implique no enfraquecimento dos atos voluntários (13).

3ª) Lei da prontidão

"Quando um indivíduo está pronto a agir de certa maneira, agir assim lhe é agradável e não agir é desagradável. Ao contrário, quando um indivíduo não está pronto a agir de certa maneira, agir assim lhe é desagradável".

Ainda uma vez, a lei é aceitável enquanto pairarmos no mundo dos impulsos, das tendências sensíveis. A lei da prontidão pode ser contrariada pela interferência da inteligência e da vontade, sobretudo se na ação intelectual e voluntária o homem fôr auxiliado pela graça.

4ª) Lei do exercício

"Atendidas as leis do efeito e da prontidão, o exercício é uma condição necessária da aprendizagem".

5ª) Lei da concomitância

"Cada situação de aprendizagem é fértil em possibilidades de desenvolver, como concomitantes desejáveis e indesejáveis, informações, atitudes, hábitos, técnicas ou apreciações. As reações estabelecidas em uma situação não se transferem a todas as outras situações, mas a outras situações que tenham muito de comum com aquela da reação inicial".

B) *As leis de aprendizagem e a catequese*

Lê-se em *Pedagogia do catecismo*: "Chego a uma classe de criancinhas, todas desatentas. A catequista ensina quantas naturezas há em Jesús Cristo, e se esforça com as mãos para manter os pequeninos voltados para ela, afim de ouvi-la. E não consegue nada. Eu tiro do bolso meia dúzia de santinhos e os espalho no banco. A criançada rodeia. Chovem comentários. Fazem-se perguntas inocentíssimas, deliciosíssimas. Respondo e faço outras. "Deixa eu ver"... E estendem as mãozinhas ávidas, os olhos rutilantes, fronte contraída, suspensa a respiração. Todos os fenômenos fisiológicos que Ribot anotou para a atenção. Para elas ver é pegar. Naquela idade só se compreende bem o que se vê, ouve e toca, e na medida em que se pode ver, ouvir e

13) Dévaud, E.: *Pour une école active selon l'ordre nouveau*, 39-75. Desclée de Brouwer & Cie. 1934.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 399

tocar. E' inútil estar com abstrações para crianças de 7 anos. Coisas concretas" (14).

Para elas, ver é pegar — que segurança de conteúdo e que sabor de expressão! Lembramo-nos, sem querer de tudo o que de mais feliz tem sido afirmado pelos grandes conhecedores da alma infantil. Lembramo-nos de pesquisas como a de Piaget sobre *filosofias infantis* (15) ou das cenas vivíssimas que aparecem, a partir de novembro de 1940, em *School life*, sob o título expressivo de *Our adventures with children* (16). Lembramo-nos das passagens mais penetrantes dos mestres estrangeiros da pedagogia catequética — de C. E. Roy concluindo a necessidade do ensino intuitivo e ativo em nome da filosofia tomista (17); de Maria Fargues fazendo observações subtis sobre as crianças de 9 e 10 anos (18); de Drinkwater aprofundando a essência do interesse (19); de Vera Barclay analisando em que pode consistir a meditação das crianças (20); do Pe. Quinet, que não vacila em provocar desenhos infantis das coisas mais sagradas (21).

Conhece, perfeitamente, as leis da aprendizagem quem diz: "Alguns temem que as crianças ridicularizem as coisas santas que dramatizam. Mas a dramatização é exteriorização dos sentimentos que a aula despertou. Por isso mesmo, é uma coisa muito séria para os que a fazem, e só a estranhos pode parecer disparatada ou ridícula. As crianças se convencem de que aquilo é de verdade. O que faz de padre toma os ares sacerdotais, dá a mão a beijar e outros lhe tomam a benção tranquilamente" (22).

14) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, op. cit. 2ª edição, 149-150.

15) Piaget, Jean: *Filosofias infantis* apud *Manual de psicologia del niño*, cap. XII. Francisco Seix. Barcelona. 1935.

16) *School Life*. Official journal of the U. S. Office of Educ. Nov. 1940. Vol. 26. Number 2, p. 54. Washington, D. C.

17) Roy, Abbé C. E.: *Méthode pédagogique de l'enseignement du catéchisme*, p. 49. Casterman. Paris. 1935.

18) Fargues, Marie: *Introduction des enfants de neuf ans au catéchisme*, tome I, p. 14. L. sclee de Brouwer. Paris. 1936.

19) Drinkwater, F. H.: *The Givers*, p. 125. Burns Oates & Washbourne. Londres. 1926.

20) Barclay, Vera: *La route du royaume*, trad. franc. p. 31. Editions scouts. Louvain. 1931.

21) Quinet, Abbé: *Para os pequeninos do jardim de infância*. Trad. port. Editora "Vozes". Petrópolis, Estado do Rio. 1937.

22) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, op. cit., 2ª edição, p. 218.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

400 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

3) Maturidade

A) A maturidade e a conduta

Nos nossos dias, vem-se olhando muito para a maturidade, para o amadurecimento orgânico dos educandos. Teme-se pedir ao educando o que ele não está ainda em condições de realizar.

O psicólogo mais célebre em questões de maturidade ("totalidade de diferenciações evolutivas do organismo em resposta a seu duplo ambiente, externo e interno") é Arnold Gesell (23).

O problema, no Brasil, foi levantado, a propósito da maturidade especializada para a aprendizagem da leitura e da escrita, pelo prof. Lourenço Filho (24).

Gesell reconhece que "o papel da maturidade nas altas esferas da vida intelectual e moral é difícil de ser precisado à luz dos conhecimentos atuais". Difícil de ser precisado, mas não de ser pressentido. E os pedagogos genuínos tiveram mais uma razão para proceder, com cautela, em face da aprendizagem.

B) A maturidade e a catequese

O Pe. Álvaro Negromonte tem idéias claras sobre maturidade. Sente-se isso em passagens numerosas de *Pedagogia do catecismo*: "Hoje está em voga a Hora Santa. Vamos fazê-la com as nossas crianças. Mas a Hora Santa das crianças tem uns 15 ou 20 minutos apenas. Reza-se, canta-se, dialoga-se. Coisa viva, falada, em boa linguagem infantil, atual, dirigida pelo sacerdote ou mesmo pela catequista. Não deixar nunca de dar os dois minutos para os corações falarem a N. Senhor" (25). "O catecismo quer fazer santos, mas um santo de 7 ou de 10 anos é bem diferente de um santo de 40 anos" (26). "Não é também uma arte, que requer um delicado tato psicológico, escolher histórias, comparações e exemplos à altura da classe?" (27).

23) Gesell, Arnold: *Maturation and infant behaviour pattern*. Macmillan. N. York. 1928.

24) Lourenço Filho: *Testes A. B. C.* (para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita). Comp. Melhoramentos de S. Paulo. S. Paulo. 1933.

25) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, op. cit., 2ª edição, p. 257.

26) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, op. cit., 2ª edição, p. 129.

27) Negromonte, Pe. Álvaro: *Pedagogia do catecismo*, op. cit., 2ª edição, p. 135.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 401

III) Realizações práticas

O Pe. Álvaro Negromonte não é um mero teórico. Já se podia adivinhar que sem uma longa experiência de vigário e catequista, de pregador e de diretor de almas era impossível escrever a *Pedagogia do catecismo* e fazer o *Boletim Catequético*. Mas ele fez mais, muito mais. Sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados às conquistas reais da psicologia da aprendizagem e adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos.

Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção, também completa, para o curso primário.

1) Curso de admissão

Segundo o pensamento do autor, o *Manual de Religião* (28) "representa uma tentativa na ordem prática do que se tem dito na teoria".

Os catecismos existentes são feitos no método *dedutivo*: o *Manual* adota o método *indutivo*.

Os professores não sabem em que mãos colocam os catecismos em voga, porque não se ajustam aos cursos: o *Manual* se destina aos alunos que deixaram o curso primário, alunos com 12 a 14 anos, nem crianças, nem moços.

Os catecismos oficiais se ressentem da falta da nova orientação religiosa, em que "a vida toda é informada pela doutrina toda". O *Manual de Religião* substitue as perguntas e respostas por uma exposição simples; traz sempre uma leitura da Bíblia para firmar a doutrina ao mesmo tempo que agradar e prender o espírito; não esquece nunca de indicar o que é preciso fazer com o que se aprendeu; há, em todas as aulas, uma curta oração para acostumar o espírito a não tratar das coisas de Deus, sem subir até Ele; um questionário final faz o aluno trabalhar, refletir.

Um exemplo (29) falará melhor do que quaisquer explicações. Tomemos, ao acaso, uma das 60 aulas do *Manual* (o curso é para ser feito em um ano, onde fôr possível haver duas aulas semanais, e, em dois anos, onde só puder haver uma aula semanal de religião).

28) Negromonte, Pe. Álvaro: *Manual de Religião*. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1938.

29) Negromonte, Pe. Álvaro: *Manual de Religião*, op. cit., p. 11 a 13.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

402 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

Como Deus é

I

Deus não tem corpo como nós. Não tem pés, nem mãos, nem olhos, nem cabeça. As vezes, se pinta Deus com corpo humano, com barbas compridas; ou se fala nas mãos de Deus, nos seus olhos e pés. Isto é um modo de falar. E' porque não se pode pintar um espírito. Mas, na realidade, em Deus não há nada disto, porque *Deus não tem corpo. Deus é puro espírito, isto é, só espírito.*

Não vemos a Deus, porque não se pode ver um espírito. Mas *Deus nos vê*, e vê tudo, mesmo as coisas mais escondidas. Deus sabe até as coisas que ainda vão acontecer. Deus conhece as coisas que a gente pensa e deseja, mesmo que a gente não fale.

Nós só veremos a Deus no céu, se formos bons. Mas *Deus está em toda parte*: no céu, na terra, em todo lugar.

II

1. Caim e Abel eram dois irmãos, filhos de Adão e Eva. Ambos ofereciam sacrifícios ao Senhor. Mas Deus vê o que se passa nos corações, e aceitou os sacrifícios de Abel, porque tinha um bom coração, e não aceitou os de Caim, que era mau de coração.

Caim ficou com inveja de Abel.

Um dia chamou o seu irmão para dar um passeio no campo, e, pensando que ninguém os via, atirou-se contra Abel e o matou.

Caim se enganou. Deus os via, porque Deus vê tudo. E Caim foi castigado por Deus.

2. Uma vez, uns homens maus quiseram que Susana fizesse um pecado. Ela respondeu, dizendo: "*Não quero pecar na presença de Deus*".

3. Jesús Cristo, ensinando à samaritana a verdadeira doutrina, disse-lhe: "*Deus é espírito*".

Outra vez, nosso Senhor censurou uns homens que pareciam bons, mas tinham o coração ruim. Deus não se engana, porque *Deus conhece os corações*.

Nota: no meio do trecho sobre Caim e Abel, o *Manual* apresenta uma gravura em que os dois aparecem oferecendo sacrifícios a Deus. Nota-se, claramente, que Deus aceita os presentes de Abel e rejeita os de Caim.

III

Em qualquer lugar em que eu esteja, fazendo seja o que for, *Deus me vê*. Eu estou sempre na presença de Deus.

Eu posso enganar aos meus pais, superiores, mestres e colegas. Mas a Deus não posso enganar, porque *Deus sabe tudo* e conhece os meus pensamentos e desejos.

Deus me vê, não somente para castigar o mal que eu fizer, mas também para premiar o bem que eu faça.

— Meu Deus, concedei-me a graça de nunca vos ofender.

Questionário. Deus tem corpo? Por que se pinta Deus com corpo? Deus é espírito? Por que dizemos que ele é puro espírito? Por que não vemos a Deus? Onde veremos a Deus? Mas Deus nos vê? E vê só o nosso corpo? Onde está Deus? Quem era Caim? Por que tinha inveja de Abel? Deus viu Caim matar Abel? Conte a história de Susana. A quem Jesús disse que Deus é espírito? Eu posso enganar a Deus? Deus me vê só para castigar?

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 403

Não temos, em português, nada que se possa comparar, no gênero, com o *Manual de Religião*, do Pe. Álvaro Negromonte. Os livros do Abbé Charles (30) nem sempre conseguem ser espontâneos; não são tão explícitos nas conclusões para a vida, nem na oração final.

A coleção *Luz e Vida* (31) é um curso superior de religião, professado por alguns catedráticos da Universidade de Bonn. Poderíamos continuar o balanço. Poderíamos enveredar pela bibliografia estrangeira, ainda não traduzida. Debalde procuraríamos um livro que realize melhor a unidade de doutrina e de vida, e, sobretudo, que encare os nossos problemas humanos tais como surgem no Brasil.

2) Curso secundário

Observa o Pe. Negromonte: "Depois de termos visto (no *Manual de Religião*) toda a doutrina de modo elementar, havendo já uma regular vista de conjunto, podemos agora fazer o ensino separadamente: o dogma, a moral e a liturgia. Mas nunca estagnaremos o ensino, de modo a parecer que são três coisas separadas. São três aspectos da religião que nós devemos viver".

A) "A Doutrina viva"

O primeiro volume destinado, pelo Pe. Álvaro Negromonte, ao ensino secundário é *A Doutrina Viva* (32).

"A idéia de vida é a idéia central no estudo de toda a doutrina católica. Assim, o dogma deixa de ser apenas uma verdade que devemos crer, para ser também uma verdade que devemos viver".

"A muitos parecerá excessiva a parte destinada à formação. E' preciso lembrar que a base de toda formação religiosa sólida é a doutrina. Enquanto não fizermos dos dogmas o alicerce da piedade, continuaremos no sentimentalismo religioso, que tem sido o clima em que se desenvolveu o catolicismo desfigurado e anêmico da maior parte dos brasileiros".

30) Charles, Abbé Eug.: *O catecismo segundo o evangelho*. Trad. port. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1935.

31) Junglas, João Pedro: *Luz e Vida* (Iª Parte: *A Igreja*) 2ª edição. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1938. — Junglas, João Pedro: *Luz e Vida* (IIª Parte: *Jesús Cristo*). Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1935. — Tillmann, Frederico: *Luz e Vida* (IIIª Parte: *A moral católica*). Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1936.

32) Negromonte, Pe. Álvaro: *A Doutrina Viva*. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1938.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

404 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

Abramos, ao acaso, *Doutrina Viva* e leíamos uns trechos do capítulo sobre *Jesús Cristo* (33):

A fisionomia exterior

"Só podemos imaginar que Jesús tenha sido homem de extraordinária beleza. Não de uma beleza suave e doce, como nosso Senhora, mas de uma beleza máscula, forte e viril como devem ser os homens em todo o seu esplendor. O salmista tinha profetizado: "Superas em formosura a todos os homens". A impressão extraordinária que ele causava a todos que o viam havia de ser, em grande parte, devida à sua fisionomia.

Naquele semblante magnífico destacava-se o olhar. Ele mesmo disse que a luz do corpo está no olhar (cfr. Mt 6, 22). A gente imagina que ele teria olhos tranquilos, luminosos e profundos, olhando para os homens com uma expressão e uma força, que os Evangelhos nos deixam entrever. Foi assim que bastou um olhar de Jesús a São Pedro para que o apóstolo compreendesse todo o mal da sua negação e saísse a chorá-la amargamente (cfr. Lc 22, 61)".

Um homem forte

"Jesús não era nem podia ser um homem franzino e doentio. A sua figura denotava um homem de grande vigor físico, como é fácil de ver pelos evangelhos.

Era um trabalhador infatigável. Levantava-se, ainda alta madrugada (Mc 1, 35) e, desde a aurora, já chama os apóstolos para o trabalho (Lc 6, 13). Os seus dias são cheios até alta noite, às vezes sem ter nem tempo de comer (Mc 3, 20). Mesmo enquanto descansa um pouco, trabalha, como no episódio da samaritana (cfr. Jo 4, 6 e segs.). E ainda de noite, ia atender aos que o procuravam (cfr. Jo 3, 2).

Não tinha sequer onde reclinar a cabeça (cfr. Mt 8, 20), vivendo, portanto, em longas e constantes caminhadas através dos caminhos poeirentos ou montanhosos da Judéia e da Galiléia.

Só um homem forte e robusto seria capaz de viver assim".

O capítulo continua, cheio de uma beleza máscula, a mostrar-nos em Jesús o homem de coragem, o dominador, o homem bom e decidido, que arrastava as multidões. Quando vem a nota *Para viver a doutrina* o que está escrito brota, espontaneamente, dos nossos lábios e, o que é muito mais, do íntimo de nossas almas.

Quem foi que já viu catecismo falando assim sobre Jesús Cristo?

Para encontrarmos páginas como as que o Pe. Álvaro Negromonte escreveu sobre Nosso Senhor temos que pensar em estudos profundos e fortes como os de Karl Adam (34) ou Léonce de Grandmaison (35). E que conhecimento exa-

33) Negromonte, Pe. Álvaro: *A Doutrina Viva*, op. cit., p. 72-79.

34) Adam, Karl: *Jesús Cristo*, 99-146. Trad. port. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1937.

35) Grandmaison, Léonce de: *Jésus Christ*, tome II, p. 79 a 129. Gabriel Beauchesne. Paris. 1931.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 405

to da psicologia dos adolescentes (36)! Por este Cristo os moços se deixarão empolgar! Felizmente, se trata do verdadeiro Cristo, tal como nos aparece, vivo, nos Evangelhos, sem cujo manuseio constante os livros do Pe. Negromonte não podem ser entendidos.

B) "*Caminho da vida*"

As aulas de *Caminho da Vida* (37) não foram feitas para serem publicadas. Foram lidas, "na missa dos homens" da Matriz de Boa Viagem, catedral de Belo Horizonte (Minas Gerais). Estamos diante de um tratado simples e claro da moral cristã. Há uma ausência completa de polêmica e de tom de polêmica. A verdade é exposta por quem não esquece que "se há os que erram pelo coração, mais numerosos são os que blasfemam porque ignoram". O Pe. Negromonte gosta de dizer: "Entre os afastados, os não-praticantes, os cheios de dúvidas, o que, frequentemente, encontramos, são idéias errôneas, verdadeira caricatura das verdades da fé".

Cada capítulo se abre com textos da Bíblia, escolhidos com muita felicidade; vem a seguir uma exposição doutrinária, cujo maior mérito consiste em aliar uma clareza notável a uma perfeita segurança teológica; no fim, surge uma conclusão *viva*, do nosso tempo e do nosso meio.

O livro como está é capaz de prestar um grande auxílio até a vigários cheios de serviço, que, não gostando de sermonários alheios, queiram ter à mão um resumo rápido, claro e autêntico da moral cristã.

O Pe. Negromonte, sempre exigente com os próprios trabalhos, declara no prefácio de *As Fontes do Salvador*: "espero poder, dentro em pouco, dar em forma pedagógica o *Caminho da Vida*, que está servindo, mesmo assim, para o estudo da moral".

Tratando-se de moral, a ausência de "forma pedagógica" é suprida, vantajosamente, pela impressão palpitante de moral vivida que nos deixam as pregações de Boa Viagem. Longe de nós pretender que a forma pedagógica não venha (aliás, já existe "forma pedagógica", porque o professor-nato que é o Padre Negromonte deve aparecer até no confessionário, quanto mais no púlpito) — esperamos é que o autor de *Caminho da Vida*, ao adaptar seu livro às modernas técnicas de

36) Delcuve, G.: *Jésus Christ montré à la jeunesse moderne*. Casterman. Paris. 1939.

37) Negromonte, Pe. Álvaro: *Caminho da Vida*. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1937.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

406 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

ensino que apresentam os seus demais livros de religião, não tire, aos inesquecíveis sermões das missas de 11 horas, o calor e a comunicabilidade de conversas reais.

C) "*As Fontes do Salvador*"

Com o nome expressivo de *As Fontes do Salvador* (38), o Pe. Álvaro Negromonte coroou a coleção destinada ao curso secundário. Não escolhemos ao acaso o verbo empregado.

"A parte de doutrina continua ligada à doutrina, saindo dela, naturalmente, em conclusões lógicas e vivas, que os alunos tratarão de traduzir em atos, sob a vigilante orientação dos mestres".

O livro é um encanto. Um carmelita disse do "*Manual de Religião*", do Pe. Negromonte que se tratava de um verdadeiro manual de ascética. A impressão sincera que nos deixam *As Fontes do Salvador* é a de fontes divinas fazendo a graça jorrar em grandes caudais.

As fontes existiam desde o tempo de N. Senhor. Não faltavam estudos eruditos que lhes narrassem a fecundidade prodigiosa e o encanto suave. Mas os estudos eruditos não são para muitos.

O Pe. Álvaro Negromonte chamou todo mundo para as fontes maravilhosas e não se contentou em descrevê-las. Ele nos leva para perto das águas divinas... Ouçamo-lo:

"Juntamente com a doutrina, damos a liturgia de cada sacramento. E' a maneira oficial de administrar a graça, adotada pela Igreja. Aí, nas orações, nas admoestações, nos gestos e atitudes, encontramos uma grande riqueza de doutrina e sentimentos católicos.

Obrigados a viver em contato permanente com tudo isto, há muitos cristãos que perdem este caudal de seiva eclesiástica, porque ignoram, por completo, o que vêem e ouvem. Privam-se assim de um substancioso alimento, que procuram substituir pelos alimentos fraquinhos das devoções individuais, novenas, confrarias ou livrinhos de orações. Tudo isto é bom, mas nunca se poderá comparar com o que nos fornece a liturgia. Estudando a liturgia dos sacramentos, vamos ver como os nossos olhos se abrem para divisar tesouros escondidos".

Como de costume, citemos um capítulo (39), que nos dê uma idéia do livro. Vejamos como o batismo é apresentado.

O Pe. Negromonte prepara a inteligência do ritual de hoje, fazendo um resumo interessantíssimo das cerimônias antigas. Desdobra depois, sem vacilações, diante dos alunos todo o ritual do batismo, apresentando-o em latim e em português:

38) Negromonte, Pe. Álvaro: *As Fontes do Salvador*. Editora "Vozes". Petrópolis. Estado do Rio. 1940.

39) Negromonte, Pe. Álvaro: *As Fontes do Salvador*, op. cit., p. 40 a 58.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 407

1ª fase (interrogatório, advertência, exsuflação, sinal da cruz, imposição das mãos e imposição do sal); 2ª fase (segundo exorcismo, nova consignação, imposição das mãos, entrada na igreja e profissão de fé; terceiro exorcismo, ephpheta, renúncia ao demônio, unção e profissão de fé); 3ª fase (o rito essencial, unção do crisma, a veste branca, a vela acesa e a saudação da despedida).

E' facil tirar conclusões:

Para viver a doutrina

1. "Quanta beleza nestas cerimônias. Quanta significação nestes ritos. Quanta doutrina nestas palavras. Nós que meditamos em tantos livros de meditação, nunca meditamos nestas coisas! De quando em quando, *que-ro tomar esta liturgia do Batismo, como assunto para minhas meditações.*

2. Assisto, tantas vezes, ao Batismo e pouco me tenho penetrado de sua significação e de seu valor. No entanto, *é uma excelente oportunidade para refazer comigo mesmo todos aqueles compromissos.*

3. *Há também um apostolado a desenvolver.* A imensa maioria dos católicos não compreende o Batismo e o assiste displicente ou desrespeitosamente. Ou não ligam — mandam a empregada levar a criança com os padrinhos... Isso se dá, talvez, com pessoas de minha amizade e convivência. Eis um ótimo campo para um proveitoso trabalho de ação católica: se conhecessem, amariam o Batismo".

Sabemos de um sacerdote que, do púlpito, leu ao povo as cerimônias do batismo como estão traduzidas e comentadas nas *Fontes do Salvador*. O povo parecia grandemente comovido. A maior consagração ao livro, porém, foi um comentário de um pequeno terrível, coroinha da Igreja. Disse ao pregador: "Fiquei arrepiado. E' bonito! e eu já estou é cansado *de fazer batizado*". Se até a criança, calejada com as cerimônias a que assistia sem entender, comoveu-se, que efeito o livro não estará causando por este Brasil afora!

Sabemos de numerosos adultos que se têm crismado ao entenderem melhor o santo crisma, graças às *Fontes do Salvador*. E uma senhora rica está sustentando um seminarista, na casa dos Barnabitas, desde o dia em que o Pe. Negromonte lhe revelou as belezas incomparáveis do sacerdócio.

Que tínhamos que se parecesse com esse livro admirável? *Notre Crêdo Vêcu*, de Hugues Delogne (40)? Quem quiser faça o confronto. Pio Parsch (41)? Mas este grande mestre escreveu tratados especiais e não livros didáticos.

40) Delogne, Hugues: *Notre Crêdo vècu*. Desclée de Brouwer. Paris. 1939.

41) Parsch, Pio: *No Mistério de Cristo*. (Trad. port. de Das Jahr des Heiles. Publicada apenas a 1ª parte, em que foi reunido o ciclo temporal do calendário litúrgico). Mosteiro de S. Bento. Baía. 1941.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

408 Camara, Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo

Não conhecemos nada, no gênero, que se compare com *As Fontes do Salvador*.

3) "A Educação Sexual"

Não pareça estranho que coloquemos, entre os livros catequéticos do Pe. Álvaro Negromonte, o estudo que ele nos ofereceu sobre *A Educação Sexual* (42).

O autor de *A Doutrina Viva* não escreveu catecismos aéreos para alunos abstratos. Escreveu livros concretos, palpantes para alunos que estão vivos, vivíssimos aqui na terra. "Os tempos mudaram. Hoje se fala das questões sexuais com uma liberdade tão grande que é, de certo, para lamentarmos, mas não será nunca para desprezarmos. Temos de encarar os problemas do mundo como eles são, para os podermos resolver, e não como desejaríamos que fossem para ficarmos arquitetando remédios imaginários — ou perdendo o tempo em lamúrias estéreis, enquanto as almas continuam a arruinar-se" (43). E o Pe. Negromonte lembra a asserção do Pe. Viollet: "as circunstâncias da vida obrigam a escolhermos não mais entre a inocência e a ciência, mas simplesmente entre o conhecimento puro ou o conhecimento impuro" (44).

O grande sacerdote brasileiro tem das coisas a medida exata: "Assim como condenamos os que querem animalizar o homem, cuidando-lhe só do corpo, lastimamos os que pensam em angelizá-lo, cuidando só da alma. Cuidamos dos dois" (45). Seguindo de perto a *Divini Illius Magistri* (46), o Pe. Negromonte examina o instinto sexual, a grandeza e a degradação da função sexual, o sentido da educação sexual, as iniciações condenáveis, como e quando fazer a educação sexual, a possibilidade e as vantagens da castidade, os meios naturais e sobrenaturais a utilizar, a lição da Bíblia e da Igreja...

O melhor comentário de *A educação sexual* está feito pelo próprio autor: ele nem cuidou só do corpo (e não faltam médicos que tenham tratado, longamente, do aspeto fisiológico do problema; sobretudo, não faltam charlatães e exploradores que, a pretexto de educação sexual, vivem divulgando pornografias), nem cuidou só da alma (e também não faltam, nas várias línguas, livrinhos adocicados de sacerdotes bem intencionados, óti-

42) Negromonte, Pe. Álvaro: *A Educação sexual*. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro. 1939.

43) Negromonte, Pe. Álvaro: *A Educação sexual*. op. cit., p. 3.

44) Negromonte, Pe. Álvaro: *A educação sexual*. op. cit., p. 8.

45) Negromonte, Pe. Álvaro: *A educação sexual*. op. cit., p. 25.

46) Pio XI: *Encíclicas Sociais*, p. 55 a 93. Trad. port. *Fides Brasiliae*. Rio. 1939.

ANEXO B

Cópia do artigo da REB: "Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo", setembro de 1941

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 1, fasc. 3, setembro 1941 409

mos para os anjos, mas não para os homens). O Pe. Negromonte escreveu para homens de corpo e alma, com os olhos nos homens e o pensamento em Deus. Dissemos uma vez e repetimos aqui: mesmo educadores como o Pe. Viollet ficam longe do autor de *A educação sexual* (47) — o mestre brasileiro é da linhagem de Foerster (48).

IV) Conclusão

Não fiquemos nessa impressão vaga dos escritos do Pe. Alvaro Negromonte. Pelo que ele produziu, pelo sentido que imprimiu a tudo quanto fez, bem merece um estudo pessoal, um contacto mais prolongado. Conviver com ele é estimá-lo fraternalmente em Jesús Cristo.

47) Viollet, Jean: *O casamento*. Trad. port. Editora Getúlio Costa. 1941.

48) Foerster, Fr. W.: *Morale Sexuelle et Pédagogie Sexuelle*. Trad. francesa. Bloud & Gay. Paris. 1913.

Causa dos fenômenos espíritas

pelo Pe. Vicente M. Zioni, Professor no Seminário Central, Ipiranga, São Paulo

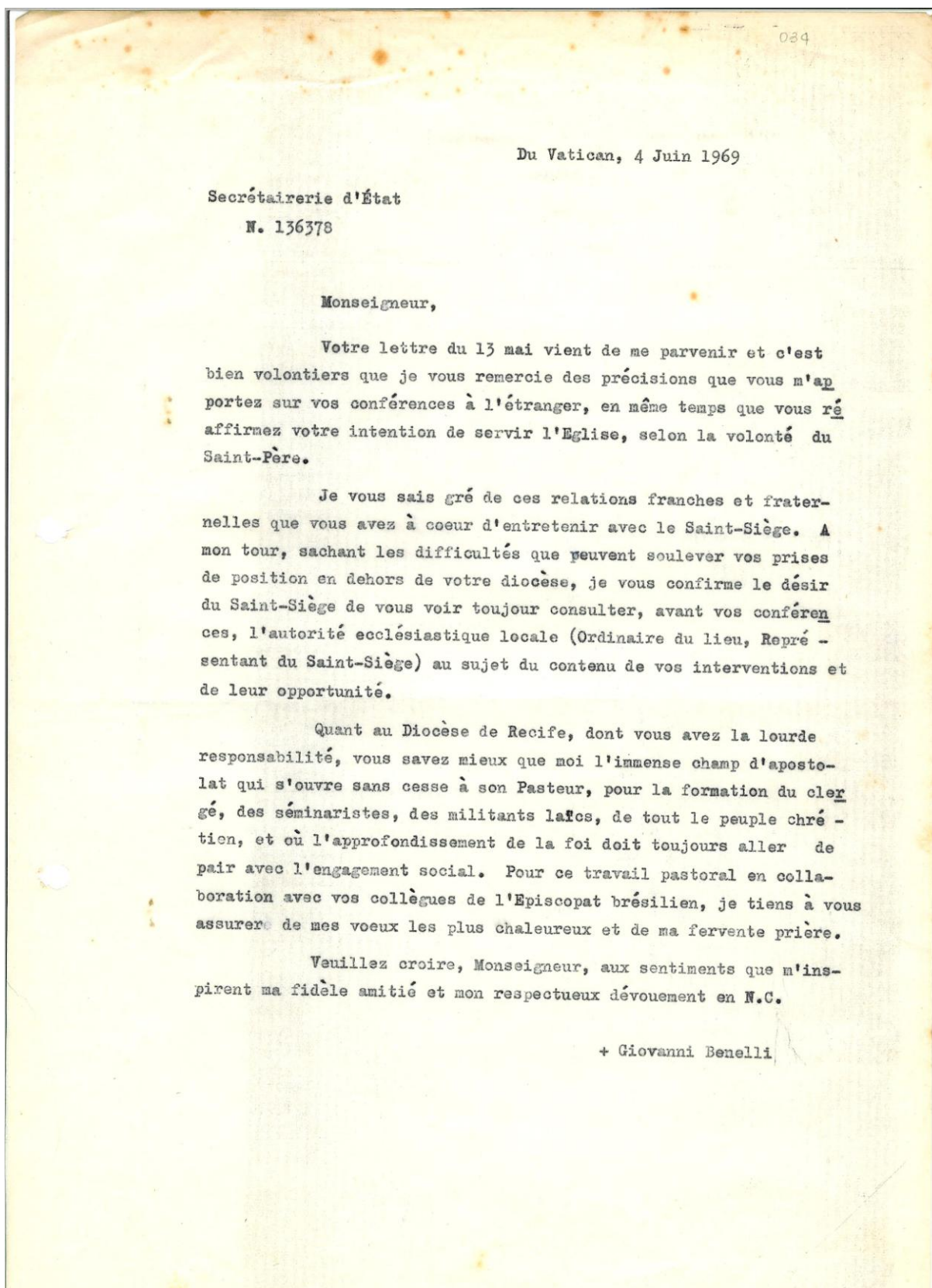
Sumário

Introdução

- I. Classificação dos fenômenos espíritas
- II. Explicação geral dos fenômenos espíritas
- III. Normas para a aceitação dos fenômenos espíritas
- IV. A fraude explica inúmeros fenômenos espíritas
 - a) Verdadeira noção de fraude
 - b) A fraude explica inúmeros fenômenos espíritas
 - c) Como se prova a existência de fraudes em alguns fenômenos
 - d) Conclusão
- V. Explicação natural dos fenômenos espíritas (Agentes naturais)
 - a) Normas gerais
 - b) As forças naturais explicam muitos fenômenos
 - c) Explicação pelas forças naturais
 - d) Conclusão
- VI. Explicação preternatural dos fenômenos espíritas
 - a) Critério
 - b) Histórico
 - c) Colocação do problema
 - d) Possibilidade de uma comunicação com o invisível
 - e) Tese
 - f) Explicação espírita
 - g) Uma explicação católica
 - h) Conclusão

ANEXO C

Correspondência enviada pelo cardeal Benelli a Dom Helder Camara, em 04 de junho de 1969



ANEXO D

Cópia do discurso: "Quaisquer que sejam as consequências", Paris, 26 de maio de 1970

PARIS 26.05.1970

Se eu não tivesse a coragem, esta noite, de falar franca e abertamente sobre o que se passa no Brasil, tenho a profunda impressão de que perderia toda a audiência em Paris; como ter, com efeito, a força moral de dizer a verdade sobre os outros países, se tenho medo de dizer a verdade sobre meu próprio país? E como esperar o desenvolvimento em escala mundial de um "Movimento da violência dos pacíficos" se por meu silêncio desse a demonstração evidente da ineficácia da não-violência? Então, falarei! Evidentemente tentarei falar - como tento sempre fazê-lo enquanto pastor de meu povo. Isto não me impedirá de dizer com força e gravidade, toda a verdade. Mas vós sentis que não há ódio em meu coração e que não existe nenhuma intenção político-partidária em minha tomada de posição.

As torturas existem: eis aqui dois exemplos

Começarei por dar todo meu pensamento sobre o que se passa hoje no Brasil. As Torturas existem? Responderei com dois exemplos. Eis o primeiro:

Um dia, em minha diocese de Recife, chegaram dois estudantes do sul do país: eles queriam se fazer passar por trabalhadores rurais do Nordeste a fim de preparar a guerrilha rural. Eles foram detidos e jogados na prisão.

Eu soube logo que eles tinham sido torturados. Mas tratava somente de rumores difíceis de controlar. Um dia, entretanto, li nos jornais da cidade que um destes estudantes tinha se jogado pela janela do prédio da polícia. Imediatamente fui ao hospital, com meu bispo auxiliar. E então todos dois, com o médico, com a polícia que estava lá, nós vimos o ferido, os membros quebrados. Eu lhe perguntei: Que aconteceu? Então, Luis Medeiros me respondeu: "Ah; Dom Helder; Eu tinha sofrido torturas tão horrorosas que, quando descobri que elas iam recomeçar, preferi jogar-me pela janela". Eu estava suficientemente informado: o rapaz estava absolutamente lúcido.

Quando saí, um médico - atenção para esses detalhes - me disse: "Dom Helder, o Sr. me conhece, o Sr. conhece minha mulher e meus filhos, infelizmente o Sr. não poderá usar meu nome, porque tenho necessidade deste trabalho. Mas tenho uma sugestão: vá procurar o Governador. O Governador é também médico, faça o possível de trazê-lo aqui. Para o Governador, as portas do hospital se abrirão. Como o Governador é médico, lhe será fácil examinar o doente". E meu interlocutor me aconselhou para chamar a atenção do médico governador sobre dois pontos: "Diga-lhe que examine se o doente tem ainda todas as unhas, e se seus testículos não foram esmagados".

Evidentemente parto para o palácio do Governador, e lhe entreguei um relatório do que tinha visto, assinado por mim e por meu bispo auxiliar. Nossa diligência foi vã. Então, nós tentamos enviar a informação a todas as nossas paróquias, e mesmo a todas as dioceses do país. Infelizmente não podíamos utilizar nem a imprensa, nem o rádio, nem a televisão. Nós enviamos um relato mimeografado. É o meu primeiro exemplo! Representativo de muitos outros. Eis o segundo:

Trata-se de um jovem padre dominicano de 24 anos, de São Paulo, Tito de Alencar. Tinha sido preso e a polícia queria lhe fazer denunciar nomes. Como ele não podia ou não queria, começou-se a torturá-lo. Um pouco mais tarde, seu provincial me trouxe uma carta que ele havia escrito e na qual descrevia algumas das torturas que tinha sofrido. Por exemplo, o "pau de arara". Eis o que ele disse em

ANEXO D

Cópia do discurso: "Quaisquer que sejam as consequências", Paris, 26 de maio de 1970

2.

sua carta que tenho: "Pendurado nu, as mãos e os pés atados, recebi choques elétricos provenientes de pilhas secas, sobre a planta dos pés e sobre a cabeça". Mais adiante; ele descreve uma outra tortura: a "cadeira do dragão". É uma cadeira com fios e placas metálicas. "Suspenso sobre uma corrente elétrica, estes fios e estas placas elétricas me davam choques nas mãos, nos pés, nas orelhas e na cabeça". Ele fala ainda de uma tortura que eu não direi habitual, porém não rara: ele era convidado a abrir a boca: "para receber a santa hóstia". Punham-lhe então na boca um fio elétrico. Ele descreveu também o "corredor polonês". Filas de policiais que lhe batem uns após outros! Finalmente, totalmente deprimido, este jovem dominicano tentou suicidar-se. E é depois de recuperado que ele escreve sua carta (Esta carta foi lida durante a Assembléia Geral da CNBB, em plenário).

A violência dos opressores

Mas é preciso aprofundar o assunto: por que a violência explode entre nós e, um pouco, em toda parte? Meus amigos, trata-se da violência dos oprimidos ou da violência da juventude que se esforça por traduzir a revolta dos oprimidos. Os governantes devem ter a coragem de reconhecer que o começo de todas as violências, a violência nº 1, a violência mãe de todas as violências, são as injustiças existentes em toda parte, nos países subdesenvolvidos, também nos países desenvolvidos e ainda nas relações entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido. Tenhamos sempre o cuidado de nos perguntar se alguém nos fala da violência: de que violência se trata? Da violência dos oprimidos ou da violência dos opressores; É certo que a violência dos opressores é menos espetacular que a dos oprimidos. Entretanto, na medida em que ela cria ou mantém uma situação sub-humana, uma situação de miséria, ela chega a matar como as guerras mais sangrentas. Ela chega a criar distorções físicas, psicológicas e morais.

Então se conclui que em uma situação difícil como a de nosso país, não há outra solução que a revolução armada? Não, meus amigos! Eu respeito aqueles que, por razões maduras e adultas fazem a escolha da violência armada; não aqueles que são apenas guerrilheiros de salão, mas aqueles que, verdadeiramente, arriscam sua vida. Mas eu os convido a examinar o resultado de suas ações.

Que se passa entre nós; Jovens de 18-20 anos arriscam sua vida para assaltar bancos, na esperança de ter bastante dinheiro para comprar armas com as quais farão a revolução armada. Se eles estão convencidos de que está é a única maneira de salvar seu povo, é muito comovente. Suas ações me tocam profundamente e eu os respeito. Mas como poderão eles, com os 20, 40 ou 60.000 cruzeiros novos que eles buscam assim, comprar armas suficientes para fazer face a verdadeiros exércitos que não têm possibilidades para fazer uma guerra ao estrangeiro, mas que têm demais para esmagar aqueles que apelam para a violência armada? E o que vejo também - eu vos devo a verdade - é que depois de tal ação bem sucedida e válida tecnicamente, por exemplo o sequestro do embaixador norte-americano, o sequestro do consul japonês, depois destas ações que têm verdadeiramente sacudido o país, e de uma certa maneira o mundo, logo depois alguns presos, torturados, e finalmente, esmagados por torturas, chegam a dar o nome de seus camarada.

Meus amigos, eu não estou aqui para desencorajar ninguém, eu não estou aqui para desarmar ninguém, mas eu vos digo: se se deve examinar as coisas num terreno concreto e realista, eis aí o que eu descubro como resultado prático em todo este esforço enorme de todos estes sacrifícios imensos para salvar nosso país.

ANEXO D

Cópia do discurso: "Quaisquer que sejam as consequências", Paris, 26 de maio de 1970

3.

A força da violência dos pacíficos

Eu sei bem que se vai me perguntar a que leva a violência dos pacíficos... Responderei que os que hoje dizem que têm a solução são ridículos. Nós to dos tateamos na sombra, nós todos procuramos soluções.

Somente eu vos digo que a França mostrou o que era a força da violência dos pacíficos. Aqui, com efeito, vós começastes a agitar a opinião pública, a propósito do Brasil, vós conseguistes interessar a imprensa internacional e depois que a imprensa internacional foi atingida, os organismos internacionais começaram a trabalhar. Eu tenho aqui o relatório da Associação Internacional dos Juristas Mundiais. Não se trata de um trabalho feito por inimigos do Brasil, não há ne nhua rancor, nem paixão política. Não vou vos ler este relatório. Mas vos direi ne que ele se refere ao número de prisioneiros políticos no Brasil e descreve nove gê neros de torturas diferentes.

Eu estou convencido de que se o movimento de opinião pública continua, o governo brasileiro acabará por compreender que ele não é dirigido contra o Brasil. Eu vos asseguro que, a propósito dos massacres de Índios, houve exageros enormes, (na imprensa fora do Brasil), mas tratando das torturas de presos políticos, vistos os resultados da missão de inquerito dos juristas, eu creio que o governo brasileiro acabará por pedir, ele também, o envio de uma missão da Cruz Vermelha Internacional. O governo grego já aceitou o envio de uma missão deste gênero, ele não considerou uma vergonha para a Grécia. Aliás, se o governo brasileiro está seguro da não-exigência dos presos políticos e das torturas, não há nenhuma vergonha em abrir as prisões brasileiras à visita da Cruz Vermelha Internacional.

As torturas são uma calamidade. Elas devem cessar. Mas este primeiro resultado não pode nos bastar. O que nós queremos todos e não simplesmente para o Brasil, ou para a América Latina, mas para todos os países subdesenvolvidos do mundo, é que eles cheguem a se arrancar do subdesenvolvimento e da miséria. Ora se nós desejamos aprofundar nosso raciocínio, nós devemos nos perguntar: será que, realmente, a violência dos pacíficos chegará a obter mudanças como aquelas? Será que, para um trabalho de tal modo profundo, nós não teremos necessidades de apelar para a violência armada? Antes de responder a uma questão tão grave, é preciso, eu creio, tomar bem consciência que uma tal revolução supõe um trabalho paciente. Eu sei que a juventude não gosta da palavra paciência. Sei que a juventude que tem consciência como nós que estamos já com 1 século de atraso, perde a paciência. Mas se nós não chegarmos a obter a participação dos próprios oprimidos nessas mudanças estruturais, tudo permanecerá no mesmo estado. Ah! meus amigos! quando estou em minha diocese e vejo milhões de seres humanos como nós, que estão em uma situação sub-humana, fico desolado. Tirá-los desta situação sub-humana, eis o que é verdadeiramente digno de encher nossa vida: a promoção humana destes milhões de filhos de Deus. Seguramente, esta tarefa entra em choque com um certo fatalismo. Ela leva ao desencorajamento. Ela pede muita coragem. É preciso muitas vezes enfrentar a cólera dos poderosos e a incompreensão dos governantes... Mas mesmo se somos combatidos, devemos continuar, aprofundar a luta começada, descobrir os métodos na linha de Martinho Lutero King.

O que podeis fazer

Muito frequentemente vem me dizer: temos boa vontade, desejamos fazer qualquer coisa, somos jovens, somos estudantes, somos trabalhadores, somos pro

ANEXO D

Cópia do discurso: "Quaisquer que sejam as consequências", Paris, 26 de maio de 1970

4.

fessores. Que é que se pode pedir às religiões e de uma maneira especial aos cristãos? Então, permiti-me de vos apresentar três exemplos precisos, concretos de ação possível.

Desenhai o mapa vivo da França

Há injustiças em toda parte. As que reinam nos países subdesenvolvidos são de nossa responsabilidade. Tentaremos enfrentá-las, afrontá-las, sofrer e, se necessário, morrer para mudar nossas estruturas. De uma maneira pacífica, porém concreta. Há também injustiças nos Estados Unidos: o presidente Lyndon Johnson declarou um dia que, nos Estados Unidos, havia trinta milhões de negros americanos, que viviam em uma situação indigna da condição humana. Então, se mesmo no país mais rico do mundo, há trinta milhões de pessoas que vivem em uma situação sub-humana, não é uma afronta lembrar-vos que há também pobres e sub-proletários em vosso país. Ora, meus amigos, não basta conhecer as estatísticas, as estatísticas são frias. Uni-vos para levantar o mapa vivo da França. O que chamo fazer o mapa vivo da França, é descobrir em cada cidade onde estão os pobres, os sub-proletários, conhecê-los pessoalmente, ao redor de nossas casas, de nossas escolas, de nossos sindicatos, de nossas universidades, de nossas igrejas. Mas, evidentemente, não basta ficar aí. O importante é o trabalho a partir deste mapa vivo da França. É um irmão que vos diz esta noite: Franceses, como tendes uma enorme responsabilidade! Dai o exemplo aos países desenvolvidos. A partir do encontro com vossos pobres, vossos sub-proletários, esforçai-vos por descobrir os caminhos da justiça para os pobres e os sub-proletários do mundo inteiro, porque sem a justiça não chegaremos nunca à paz.

Informai-vos sobre a política internacional do comércio

E eis um segundo exemplo de ação concreta: vós sabeis que, já por duas vezes, os países sub-desenvolvidos tentaram um diálogo com os países desenvolvidos. Duas vezes a África, a Ásia, a América Latina se prepararam para ir a Genebra, para ir a Nova Delhi tentar um diálogo sobre o comércio e o desenvolvimento, com os países desenvolvidos. E os sub-desenvolvidos voltaram para seus países decepcionados. Permiti que eu levante a questão: qual foi a posição da França na primeira e na segunda assembleia das Nações Unidas, sobre o comércio e o desenvolvimento? Não se trata de um problema de pessoas. Muitas vezes, os delegados de um país são homens válidos, honestos, conscientes, mas desculpai-me - eu vos repito que não sou um estrangeiro - muitas vezes os delegados sofrem a influência dos grupos de pressão. Ora, estes grupos de pressão trabalham por seus interesses.

Não penseis que este problema seja reservado aos especialistas! Não! Vós os estudantes de colégios e de universidades, vós os jornalistas, vós os professores, vós os técnicos, vós de grupos de Igrejas, esforçai-vos para vos informar sobre as injustiças da política internacional do comércio. E imaginai o que se passará se, no começo da terceira conferência das Nações Unidas sobre o comércio e o desenvolvimento, os delegados franceses, embora continuando a sofrer a pressão dos grupos de pressão, se sentirem sustentados pela pressão moral libertadora do povo francês. Crêde, se a França em lugar de sustentar a posição muito estreita dos Estados Unidos e da Rússia soviética, chegasse, naquele momento, a dar um exemplo de abertura humana, de libertação do egoísmo nacional, isto teria peso no mundo desenvolvido.

ANEXO D

Cópia do discurso: "Quaisquer que sejam as consequências", Paris, 26 de maio de 1970

5.

Trabalhar para uma conversa entre irmãos

Penso agora na comunidade européia. Ela conta seis países, diz-se que amanhã ela reagrupará uma dezena. Ela já está em entendimento com 16 países africanos. Ela tem um certo desejo de abertura para a América Latina.

É preciso que esta comunidade se realize de uma maneira efetiva e justa, que não seja uma ilusão a mais. Atualmente as relações da comunidade européia com os 16 países africanos associados são sempre marcadas por um espírito neo-paternalista. Será que não há uma posição nova a descobrir?

Diz-se que, amanhã, haverá uma abertura da comunidade européia para a América Latina. A comunidade européia deseja se instalar em uma situação de paternalismo ou de novo colonialismo, ou quer um diálogo entre irmãos? Se não fizerdes um esforço para vos interessar por estes problemas, se escutardes o que hoje, e amanhã cada um de vós for para seu trabalho sem pensar mais em nada, se não convertermos nossos corações, como nos diz o Evangelho, então nada se fará.
